Relatório de Investimentos

MAIO/2022

Processo IPMU/092/2022

1- INTRODUÇÃO

O **Relatório Mensal de Investimentos** do **Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba - IPMU**, referente ao mês de **maio de 2022** apresenta as operações dos ativos alocados em fundos de investimentos e aderência à Política de Investimentos e Meta Atuarial para o exercício de 2022.

O Relatório tem por finalidade demonstrar o cenário econômico, as informações relevantes sobre os investimentos e apresentar a evolução patrimonial dos recursos financeiros do IPMU no mês, em consonância com a legislação em vigor, a transparência da gestão e a diligência dos produtos que compõem a carteira de investimentos do IPMU, atendendo ao item 3.2.6 – Política de Investimentos, Manual Pró-Gestão, versão 3.2. Também busca informar à sociedade os dados quantitativos e qualitativos da carteira de investimentos do Plano Previdenciário, detalhando os ativos financeiros que a compõe, inclusive quanto aos indicadores de desempenho e gerenciamento de riscos, levando em consideração o cenário econômico do período de referência.

A estratégia de investimentos adotada pelos responsáveis pela gestão dos recursos financeiros do IPMU tem como ponto central o respeito às condições de segurança, rentabilidade, solvência, liquidez e transparência dos ativos financeiros a serem escolhidos mediante avaliações criteriosas, tanto quantitativas quanto qualitativas.

O presente Relatório inicia-se por uma breve abordagem acerca do cenário econômico nacional e internacional e segue com o detalhamento da composição da carteira de investimentos do IPMU por classe de ativos, perpassando pela análise dos indicadores de desempenho e risco.

Em seguida, apresenta-se a relação analítica dos ativos e os dados referentes ao gerenciamento de riscos, dentre eles a volatilidade, o retorno mensal e a liquidez da carteira, além da aderência à Política de Investimentos. Acompanhamento da rentabilidade e dos riscos das diversas modalidades de operações realizadas na aplicação dos recursos do IPMU e da aderência das alocações e processos decisórios de investimento à Política de Investimentos.

O relatório contém seus respectivos valores registrados pela Contabilidade. Foram analisadas a legalidade e a conformidade com a Política de Investimentos – PAI 2022, refletindo as movimentações financeiras que atenderam aos requisitos legais e que atende às necessidades da gestão dos investimentos.

2- LEGISLAÇÃO APLICADA

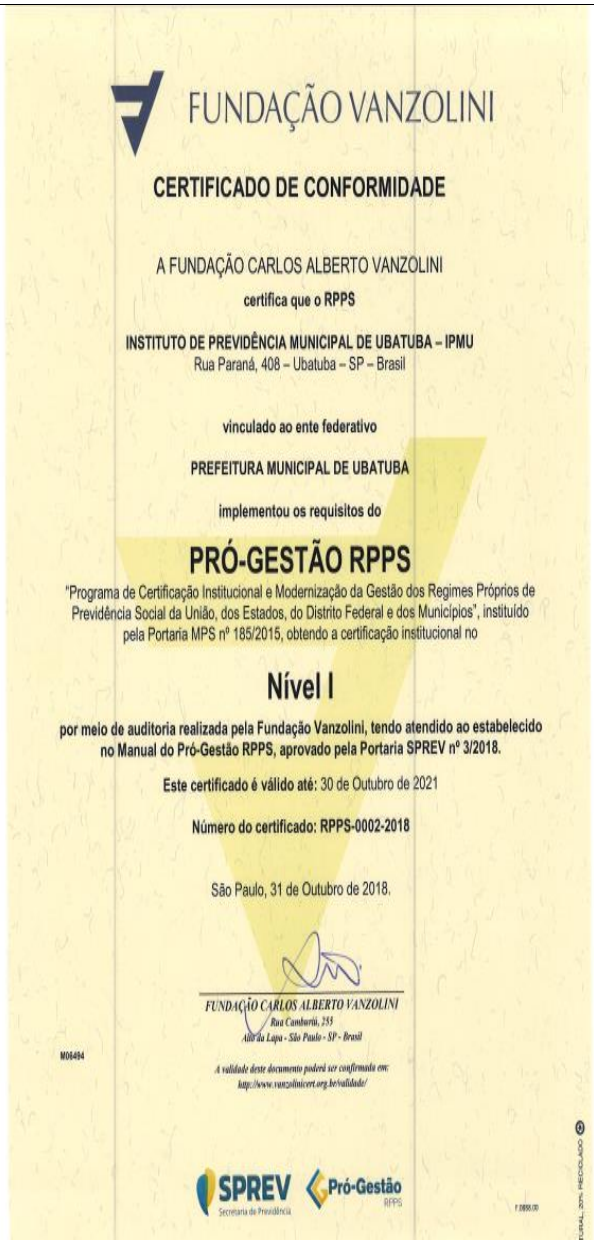
A Gestão dos Investimentos do **Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba - IPMU** é conduzida em conformidade com a legislação que rege as aplicações dos recursos financeiros no âmbito do Regime Próprio de Previdência:

- Resolução Conselho Monetário Nacional - CNM nº 4.963/2021, que dispõe sobre as aplicações dos recursos dos regimes próprios de previdência social instituído pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios;
- Portaria 419/2002, da Secretaria de Previdência Social, que dispõe sobre a fiscalização dos Regimes Próprios de Previdência Social, delegando o credenciamento e outras disposições;
- Portaria 519/2011, da Secretaria de Previdência Social, que dispõe sobre as aplicações dos recursos financeiros dos Regimes Próprios de Previdência Social, instituídos pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, e altera redação da Portaria MPS 204/2008 e da Portaria MPS 402/2008;
- Portaria 185/2015, da Secretaria de Previdência Social, que institui o Programa de Certificação Institucional e Modernização da Gestão dos Regimes Próprios de Previdência Social da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios - "Pró-Gestão RPPS";
- Política Anual de Investimentos – PAI 2022.

3- CERTIFICAÇÃO INSTITUCIONAL RPPS

O Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU realizou a "ADESÃO ao Programa de Certificação Institucional e Modernização da Gestão dos Regimes Próprios de Previdência Social da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios Pró-Gestão RPPS", em 04 de abril de 2018. Em **31/10/2018 o IPMU foi certificado no Nível I** e **em 16/06/2021 alcançou o Nível III**.

O Pró Gestão RPPS é um programa de certificação que visa ao reconhecimento das boas práticas de gestão adotadas pelos RPPS. É a avaliação por entidade certificadora externa, credenciada pela Secretaria de Previdência - SPREV, do sistema de gestão existente, com a finalidade de identificar sua conformidade às exigências contidas nas diretrizes de cada uma das ações, nos respectivos níveis de aderência.



FUNDAÇÃO VANZOLINI

CERTIFICADO DE CONFORMIDADE

A FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTO VANZOLINI
certifica que o RPPS
INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA MUNICIPAL DE UBATUBA – IPMU
Rua Paraná, 408 – Ubatuba – SP – Brasil

vinculado ao ente federativo
PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA
implementou os requisitos do

PRÓ-GESTÃO RPPS

"Programa de Certificação Institucional e Modernização da Gestão dos Regimes Próprios de Previdência Social da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios", instituído pela Portaria MPS nº 185/2015, obtendo a certificação institucional no

Nível I

por meio de auditoria realizada pela Fundação Vanzolini, tendo atendido ao estabelecido no Manual do Pró-Gestão RPPS, aprovado pela Portaria SPREV nº 3/2018.

Este certificado é válido até: 30 de Outubro de 2021

Número do certificado: RPPS-0002-2018

São Paulo, 31 de Outubro de 2018.

FUNDAÇÃO CARLOS ALBERTO VANZOLINI
Rua Cambarás, 255
Alto da Lapa - São Paulo - SP - Brasil

A validade deste documento poderá ser confirmada em:
http://www.vanzolinicert.org.br/validade/

M06494

SPREV Secretaria de Previdência
Pró-Gestão RPPS

CERTIFICADO

O Instituto de Certificação Qualidade Brasil
certifica que a empresa:

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA MUNICIPAL DE UBATUBA – IPMU

Endereço: Rua Paraná, nº. 408, Centro, CEP: 11.680-000

Vinculado ao ente federativo do
Município de Ubatuba

Implantou os requisitos do

PRÓ-GESTÃO RPPS

"Programa de Certificação Institucional e Modernização da Gestão dos Regimes Próprios de Previdência Social da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios", instituído pela Portaria MPS nº 185/2015, obtendo a certificação institucional no

Nível III

por meio de auditoria realizada pelo Instituto de Certificação Qualidade Brasil - ICQ Brasil, tendo atendido ao estabelecido no Manual do Pró-Gestão RPPS, aprovado pela Portaria SPREV nº 3.030/2021.

Validade do Certificado: 05/05/2024
Certificado Nº - CPG: 90/2021

Goiânia, 16 de junho de 2021
Av. Araguaia, nº 1644, Ed. Albano Franco,
Sl. Leste Vila Nova – Goiânia – GO – CEP 74646-070

SPREV Secretaria de Previdência
Pró-Gestão RPPS
VINCULADO À FIEG
ICQ BRASIL

4- CENÁRIO MARCOECONÔMICO

As mensagens conservadoras externadas por vários dirigentes de bancos centrais, inclusive do Fed, reforçando a necessidade de um aperto monetário severo para pôr a inflação sob controle, pesam sobre o sentimento dos investidores, moderando o apetite ao risco.

O mês de maio foi marcado pela preocupação dos mercados em relação à desaceleração da atividade global em meio a pressões inflacionárias ainda extremamente elevadas. De fato, o setor industrial e a demanda global têm apresentado um arrefecimento após a forte recuperação observada na saída da pandemia. No entanto, verifica-se um certo grau de resiliência da atividade global, sobretudo diante da desaceleração da atividade chinesa forçada pelos *lockdowns*. Esse cenário se reflete nos últimos PMIs de manufaturas, que, apesar de retratarem alguma desaceleração, ainda apontam para um crescimento econômico robusto.

Portanto, os analistas atribuem uma baixa probabilidade à uma recessão global iminente e consideram essa desaceleração um processo saudável necessário para reequilibrar a oferta e a demanda.

Enquanto o mundo navega nesse desequilíbrio entre oferta limitada e demanda aquecida, a inflação continua acelerando, ferindo o bolso dos consumidores. Em maio, o destaque foi a elevação dos preços da gasolina que, além de acompanharem a alta do petróleo, tem sofrido um *stress* adicional devido à baixa capacidade de refino, estoques baixos e aumento da demanda no verão.

Diante disso, os Bancos Centrais estão prosseguindo com o aperto da política monetária contribuindo para o aperto de condições financeiras em todo o mundo. O protagonista desse movimento tem sido o Fed, que em sua última reunião de maio elevou a taxa de juros em 50bps para 0,75% – 1% e anunciou elevações da mesma magnitude para as próximas duas reuniões. Analistas acreditam que o Fed terá que manter esse ritmo de altas de 50bps também em setembro, considerando a inflação ainda elevada e o aperto do mercado de trabalho. Além disso o Fed iniciou a redução dos ativos em seu balanço que daqui para frente também irá contribuir para a redução da liquidez no mercado.

O Banco Central Europeu também caminha para a normalização da política monetária, como resposta à persistência inflacionária. Em seus últimos pronunciamentos, a Presidente Christine Lagarde ratificou o plano de encerrar as compras de ativos em junho e iniciar o movimento de altas de juros, saindo do território negativo com 2 altas de 25bps em julho e setembro.

Por outro lado, a China está na contramão em termos de política monetária, surpreendendo o mercado com um corte de juros maior que o esperado, levando a taxa de 5 anos – *benchmark* dos financiamentos imobiliários – de 4,60% para 4,45%. Adicionalmente, o Premier chinês vem anunciando uma sequência de medidas de estímulo para recuperar a economia. As cicatrizes geradas pelos *lockdowns* e a desaceleração do setor imobiliário põem em cheque a capacidade de entregar a meta de crescimento de 5,5% esse ano.

Desaceleração global **segue moderada**, ainda compatível com um cenário saudável.

Mas riscos são relevantes, com **destaque para inflação americana**, geopolítica e Covid-19 na China.

Atividade econômica no Brasil **permanece positiva**, porém com desaceleração esperada à frente.

Final do ciclo de alta dos juros está próximo, porém com risco altista por conta da inflação.

A tradicional intensidade do mês de maio. A inflação foi o principal tema do mês de maio, em meio às especulações daquilo que pode ser um processo bastante intenso de apertos monetários no mundo, dadas as pressões de preços advindas dos estímulos em moeda dos bancos centrais, dos choques de oferta em meios aos lockdowns na China e os efeitos da invasão russa à Ucrânia no preço de alimentos e energia.

Foram recordes após recordes dos índices de preços ao atacado e varejo em economias centrais e mesmo assim, a sinalização de um combate efetivo a tais eventos continuou frívolo por parte das autoridades monetárias de economias centrais, ao contrário do que ocorre no Brasil e em uma série de países emergentes.

O temor dos investidores na inação destes BCs vem da possível necessidade de uma reação na proporção da leniência atual e acelerar o processo recessivo que se avizinha em meio ao cenário de condições financeiras globais mais estreitas.

Para o Brasil, na vanguarda do aperto e fortemente dentro da zona contracionista, o sinal emitido na reunião do COPOM este mês foi de provável final de ciclo e, apesar de um índice inflacionário (IPCA-15) desafiar tal noção, o restante da inflação dá aval à nova postura do Banco Central, levando a crer que o topo da taxa atual serão os 13,25% aa.

Tudo acabou permeado por uma série intensa de dados positivos para o Brasil, do fiscal ao mercado de trabalho, passando pela atividade econômica e a perspectiva de um PIB mais positivo do que aquele desenhado no início deste ano.

Não somente a renda fixa, mas o mercado de renda variável no Brasil manteve em partes sua atratividade com o investidor estrangeiro, em meio a um *bear market* pesado no exterior até quase a última semana do mês, dados os temores sem soluções críveis de curto prazo para os impasses em nível global.

No mês, o Ibovespa registrou alta de 3,22%, enquanto o dólar, após novamente buscar os R$ 5,20 no início do mês, fechou em queda de 3,87% e no mercado de juros futuros, a curva sofreu uma abertura nos vértices mais curtos, em meio às dúvidas quanto ao rumo da inflação, mas principalmente, em relação aos movimentos dos títulos do tesouro americano. Para junho, podemos supor que alguns pontos podem trazer um importante alento, em meio ao cenário que continua desafiador desde março.

A redução das restrições na China, em meio às disputas nada veladas ao governo nas eleições do final do ano podem trazer frutos importantes na desinflação dos itens de preço no atacado, reduzindo o impacto do choque global de ofertas nos preços.

Isso pode reduzir a pressão sobre o Banco Central para dar continuidade ao aperto monetário além da taxa informalmente sinalizada na última reunião, o que pode ocorrer também, de modo errado, por parte dos bancos centrais de economias desenvolvidas.

A inflação no Brasil pode continuar a dar sinais de menor pressão, ainda que seja possível prever uma elevação de combustíveis neste mês ou em julho, porém a tendência de alívio em diversos itens, inclusive alimentos, pode preponderar.

O conflito na Ucrânia continua incerto e afetando os preços de energia e a opção de parte dos países por deferir os investimentos em combustíveis fósseis continuará a cobrar seu preço.

Sobre as mudanças ocorridas neste ano, temos a seguinte visão:

A DESGLOBALIZAÇÃO

O cenário atual começa a se desenhar de um modo interessante no mundo, desde os eventos deflagrados pela crise das hipotecas em 2008 e culminando na pandemia de 2020 e ganhando um impulso na invasão russa à Ucrânia.

O primeiro fato é a demonstração de que o expediente de impressão "infinita" de dinheiro se voltou contra os defensores de tal hipótese, após a expansão da base monetária promovida pelos bancos centrais de economias desenvolvidas.

Isso provocou uma inflação sem precedentes, de impactos nada regionalizados e mesmo assim, tais bancos centrais continuam reticentes em promover os ajustes necessários para coibir o que primariamente motivou tal cenário, ou seja, a necessária redução da base monetária, inicialmente.

O outro ponto é a globalização, pois a ação sem precedentes dos governos mundiais contra a Rússia para tentar, e falhar, em coibir a invasão da Ucrânia mudaram o principal paradigma da economia globalizada, ao se trazer dúvidas em sem manter o dólar como principal reserva de valor, *clearing* e meio de troca.

A ação dos EUA, coordenada com países europeus em travar os ativos russos, especialmente aqueles conectados ao banco central acelerou o processo que busca mudar tal referência, algo que estava "engavetado" até recentemente, por não receber aderência de diversos países.

Agora, a China já se agita para trazer uma opção de negócios globais diretamente em Yuans, especialmente com os países árabes, com a expansão de sua influência sob a África.

Países emergentes podem avançar em tal processo, em meio aos incentivos que a China deve promover daqui em diante na sua economia, com juros mais baixos e crédito abundante, de forma a sair da crise pandêmica auto-inflingida.

Em resumo, o mundo de amanhã pode ser de economias centrais em recessão, de forma a controlar uma inflação, desglobalizado e com a China liderando um bloco de países emergentes inclusos em um ciclo descorrelacionado de crescimento econômico.

Na China, os dados de atividade de abril refletiram as novas medidas de restrição. Na comparação interanual, a produção industrial teve queda de 2,9%, frustrando as expectativas de mercado de 0,5%. No mesmo sentido, as vendas no varejo tiveram queda de 11,1% na mesma base de comparação, também acima do esperado pelo mercado (-6,6%) e reflete as medidas de restrições mais duras por conta da evolução desfavorável da Covid-19 no país. Por sua vez, os investimentos em ativos fixos expandiram 6,8% no acumulado do ano, ante expectativa de 7,0%. Ademais, os dados de setor imobiliário indicaram retração da demanda e a taxa de desemprego alcançou 6,1% em abril, ante 5,8% em março. De maneira geral, os dados têm refletido impacto das restrições maior do que se esperava para o mês de abril. Com a continuidade da política de "Covid zero" no país, a perspectiva de crescimento da China para este ano tem viés de baixa, ainda que seja parcialmente contrabalançada pelos sinais de ampliação dos estímulos de política econômica.

Indústria da China contrai a ritmo mais lento em maio com alívio de restrições, mostra PMI do Caixin. A contração da atividade industrial da China foi menos acentuada em maio diante do alívio nas restrições contra a Covid-19 e a retomada de parte da produção, mostrou uma pesquisa do setor privado nesta quarta-feira, melhorando ante mínima de 26 meses em abril. O subiu para 48,1 em maio de 46,0 no mês anterior, e ficou ligeiramente acima da expectativa em pesquisa da Reuters de 48,0. A contração de maio foi a segunda mais acentuada desde fevereiro de 2020, o que sugere que a recuperação continua frágil. A marca de 50 separa o crescimento da contração numa base mensal. As empresas pesquisadas associaram a queda de produção ao impacto das

restrições persistentes relacionadas à pandemia nas operações e à demanda moderada dos clientes. Um subíndice para novos pedidos caiu pelo terceiro mês consecutivo em maio, mas a um ritmo mais lento. O índice para novos pedidos de exportação também encolheu menos, mas permaneceu em contração pelo décimo mês consecutivo. Algumas empresas atribuíram a fraqueza dos pedidos à pandemia, ao aumento das dificuldades no envio de itens, assim como à guerra entre Rússia e Ucrânia. Dada a flexibilização dos lockdowns em algumas regiões onde os casos de Covid caíram e a reabertura em fases das atividades comerciais em Xangai, a maioria dos subíndices do PMI do Caixin caiu menos acentuadamente. Entretanto, ao contrário da maioria dos outros indicadores, a medida de emprego caiu ainda mais em território negativo em maio pois os empregadores estavam relutantes em contratar mais funcionários. Os efeitos negativos da última onda de surtos domésticos podem superar os de 2020. É necessário que as autoridades prestem atenção ao emprego e à logística.

A economia chinesa mostrou queda na atividade acima da esperada em abril. As medidas de distanciamento social adotadas em diversas cidades afetaram negativamente a produção industrial e, em especial, o setor de consumo, com queda em varejo e serviços. A manutenção da política de tolerância zero à Covid-19 diante de cepas mais transmissíveis faz com que a expectativa para os próximos meses seja de recuperação lenta nos serviços, com redução na projeção de crescimento para 2022. Ao mesmo tempo, o governo chinês tem adotado medidas de estímulo no setor de construção, infraestrutura e menos aperto regulatório no setor de tecnologia, o que pode ajudar a evitar uma desaceleração maior. O dado pior que esperado em abril foi acompanhado por uma recuperação mais lenta observada em indicadores de maior frequência em maio. Do lado da produção, o fechamento da cidade de Xangai, um importante nexo logístico e de produção no país, fez com que ainda houvesse gargalos na indústria chinesa e mundial. Do lado do consumo, a exigência de testes negativos de Covid-19 para sair de casa e o receio de enfrentar novos lockdowns fazem com que o consumo das famílias não volte ao nível anterior.

As projeções de crescimento de importantes analistas diminuíram com esse cenário pior que esperado. A expectativa mediana das principais casas já caiu de 5% para o PIB de 2022 no começo de abril para 3,9% no final de maio, com muitos analistas já reduzindo suas estimativas para entre 3% e 3,3%. Esses números 5,5%, que parece impossível de ser atingida agora. Essa desaceleração da atividade tem se refletido também em piora no mercado de trabalho chinês. O dado oficial da taxa de desemprego aumentou de 4,9% em outubro do ano passado para 6,1% em abril desse ano, o maior nível desde a primeira onda da pandemia (6,2% em fev/20).

Diante desse cenário desafiador de crescimento, o governo chinês tem anunciado medidas de estímulo monetário, fiscal e creditício. Houve queda na taxa de compulsórios e de juros, mas até agora ela foi modesta. Houve uma pausa também no aperto regulatório sobre o setor de tecnologia, que foi bem recebido pelos mercados acionários locais. Há estímulos para o setor de construção, com relaxamento das medidas restritivas para aquisições de imóveis e mais crédito para infraestrutura. O estímulo feito até agora, dessa forma, parece direcionado para a "velha" economia chinesa, com setores como construção, que consomem mais commodities. O ajuste estrutural na China (com menos dependência de indústria e construção e maior participação de serviços, além de tentativa de redução do endividamento) parece ter sido esquecido no curto prazo, com maior foco na manutenção do crescimento da atividade através de medidas já testadas no passado.

Indústria da zona do euro registra dificuldades em maio com mudança da demanda por lazer, mostra PMI queda na demanda, de acordo com uma pesquisa que sugere que os

consumidores estavam mudando seus gastos para turismo e recreação. O Índice Gerentes de Compras (PMI) caiu para 54,6 em maio em relação aos 55,5 de abril, seu valor mais baixo desde novembro de 2020, mas ainda acima da preliminar de 54,4. Qualquer coisa acima de 50 indica crescimento. Um índice que mede a produção atingiu 51,3 ante 50,7. Os fabricantes da zona do euro continuam a lutar contra a escassez de oferta, pressões inflacionárias elevadas e o enfraquecimento da demanda em meio à incerteza crescente sobre as perspectivas econômicas. Entretanto, a deterioração da saúde do setor manufatureiro também foi exacerbada pela transferência da demanda para os serviços. Como as economias reabriram após as restrições contra a pandemia do coronavírus, as pessoas estão desfrutando novamente de férias e atividades recreativas.

Nos EUA, o Fed divulgou a ata da reunião de maio, na qual acelerou o ritmo de aperto de juros de 25 pb para 50 pb, para o intervalo entre 0,75% e 1,00%. A ata revelou visão consensual a respeito da dinâmica pressionada de inflação e os riscos de alta existentes para as projeções. Além do risco de problemas de oferta relacionados à invasão da Rússia pela Ucrânia, o comitê manifestou preocupação com os desdobramentos das novas restrições à mobilidade na China, que poderiam criar novos gargalos de oferta. No cenário interno, o crescimento robusto e a avaliação de um mercado de trabalho muito apertado também contribuem para a manutenção da inflação acima da meta estabelecida pelo Fed. Diante do ambiente de inflação pressionada, a maioria dos membros julga o ritmo de 50 pb como o mais provável para as próximas reuniões, avaliando como adequado retornar para o patamar neutro da taxa de juros. Os membros também enfatizaram que, diante do ambiente econômico incerto, os ajustes futuros da política monetária são dependentes dos dados. A reunião também contou com o anúncio da redução do balanço. A respeito dessa decisão, os membros mostraram visão consensual, e mesmo a opção de futuramente vender ativamente os títulos imobiliários se mostra pouco difundida entre os membros. A comunicação do Fed corrobora com a visão de alcance da taxa de juros neutra no terceiro trimestre. Analistas acreditam que atividade econômica seguirá exibindo resiliência e que a desinflação será bastante lenta, resultando em aperto adicional da taxa de juros, para acima do patamar neutro, para 4% ao final do ciclo.

Os EUA registraram criação de 390 mil vagas de emprego em maio, com resultado acima da expectativa do mercado de 318 mil vagas. A taxa de desemprego ficou estável em 3,6%, já que o avanço do número de pessoas à procura de emprego (a taxa de participação da população economicamente ativa avançou de 62,2% para 62,3%) compensou a alta do número de ocupados (+321 mil). A respeito dos salários, houve alta de 0,3% na margem, frustrando a expectativa de alta 0,4%. Em termos anuais, os salários se mantiveram estáveis em 5,5%. Em relação ao patamar pré-crise, o número de empregados se situa 0,1% abaixo do patamar de janeiro 2020. Em resumo, o relatório de emprego de maio segue compatível com a avaliação do Fed de um mercado de trabalho forte, reforçando a necessidade de continuidade do aperto monetário.

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) apresentou novamente variação acima da expectativa em maio. Em termos anuais, o CPI variou 8,1%, ante 7,4% em abril, acima da expectativa de 7,7% do mercado. Ainda repercutindo o conflito entre Rússia e Ucrânia, o destaque mais uma vez foram os preços de energia, que tiveram variação interanual de 39,2% em maio, ante variação média de 37,9% nos últimos três meses. O núcleo da inflação, métrica que exclui a inflação com alimentos e combustíveis e costuma receber mais atenção por parte das autoridades monetárias, avançou para 3,8% na comparação anual, acima da expectativa do mercado de 3,5%, com trajetória de aceleração. De forma geral, a pressão sobre a cadeia de bens e a alta nos preços de energia tendem a manter a inflação em trajetória altista, reforçando um cenário de aperto do ciclo monetário por parte do Banco Central Europeu (ECB) nos próximos meses.

5- CENÁRIO DOMÉSTICO

No Brasil, o governo e o Congresso vêm trabalhando para tentar aliviar todo os impacto da alta de preços de combustíveis herdada lá de fora. Se, por um lado, a elevação de preços da gasolina e do diesel corroem o poder de compra da população, reduzem a popularidade do governo e criam risco de greve dos caminhoneiros, por outro lado, a falta de ajuste em relação à paridade internacional pode levar a um desabastecimento interno de combustíveis.

O mercado doméstico tem apresentado um comportamento bastante volátil diante dos debates no meio político, a citar os principais:

i) o PLP 18 que estabelece combustíveis, transportes, comunicação e energia como bens e serviços essenciais e limitam a cobrança de ICMS pelos estados e municípios à alíquota máxima de 17%;

ii) o PL 1280 que dá o respaldo legal para as distribuidoras de energia utilizarem o crédito tributário (no valor de 48 bilhões de reais) oriundo da exclusão do ICMS da base de cálculo do PIS/Cofins para abater os reajustes da conta de luz;

iii) auxílio para caminhoneiros, entregadores, motoristas de aplicativos e taxistas;

iv) subsídio (via PEC) para reduzir o preço dos combustíveis;

v) adoção do estado de calamidade, liberando recursos para serem gastos extrateto e contornando a lei eleitoral.

Embora tais medidas possam contribuir para uma queda significativa (e forçada) da inflação nesses itens, nos questionamos se não haverá uma realocação dessa demanda pressionando outros itens como alimentos, serviços e bens industriais. Um exemplo disso foi o corte do IPI de 35%, que praticamente não foi sentido sobre a inflação. A necessidade de recomposição de margens de alguns setores e o aquecimento da demanda frente às limitações de oferta reduzem os efeitos de qualquer política *ad hoc*. Isso significa que, se algum desses projetos for aprovado, o efeito de redução da inflação para esse ano poderá não ser sentido de forma completa, além de criar riscos significativos de alta para a inflação

do ano que vem, devido a pior composição e ao represamento.

Os últimos indicadores continuaram mostrando sinais positivos em termos de atividade econômica. O PIB do primeiro trimestre cresceu 1,0% contra o quarto trimestre de 2021, após expansão de 0,7% no último trimestre do ano passado. Para o segundo trimestre, as primeiras informações sugerem continuidade do dinamismo. No entanto, a partir do segundo semestre, vemos uma trajetória com visível desaceleração, refletindo, entre outros fatores, a política monetária contracionista.

Uma consequência não intencional de ações e fenômenos é conhecido na economia como externalidade. Dois processos que tem caracterizado o cenário econômico brasileiro na primeira metade de 2022 tem sido as contínuas revisões altistas das projeções de inflação, e a surpresa positiva com os dados de atividade. Os dois são correlacionados entre si, e tem como externalidade a melhora da arrecadação. Tal melhora somada a despesas menos indexadas implica em resultados fiscais melhores.

A sucessão de choques no cenário internacional resultou em novas pressões sobre produtos industriais e commodities. Em particular, a consolidação da visão da Guerra Rússia-Ucrânia como um conflito prolongado e que terá efeitos duradouros sobre os mercados gerou deslocamentos em nível nos preços de algumas commodities. Uma externalidade desse movimento é a melhora da perspectiva para a arrecadação de impostos e contribuições dos setores diretamente beneficiados (principalmente petróleo e gás).

Esses novos choques resultaram também em revisões altistas nas projeções de inflação de produtos comercializáveis (alimentos e industriais). Em paralelo, a continuidade da reabertura da economia, e,

principalmente, o melhor desempenho do setor de serviços tem resultado num panorama de inflação de serviços mais persistente do que estimávamos anteriormente. A resultante desses processos é a contínua revisão altista nas projeções de inflação, o que tem impactos diretos no PIB nominal (importante determinante das receitas fiscais).

Ademais, o primeiro semestre de 2022 tem sido caracterizado por dados fortes de crescimento econômico. Em particular, o desempenho robusto do mercado de trabalho e a injeção de recursos fiscais e parafiscais melhoraram as perspectivas do PIB de curto prazo, resultando em prognóstico de crescimento melhor.

Cabe a ressalva, porém, que essa melhora é fundamentada em fatores conjunturais. O cenário de desaceleração do crescimento global não corrobora a suposição a priori de um novo ciclo benigno de commodities. A sucessiva redução de alíquotas de impostos e contribuições piora o potencial estrutural das receitas. Por fim, o debate político-eleitoral focado em reajustes salariais do funcionalismo, e expansão de despesas diversas nos leva a adotar como cenário base a revisão do teto de gastos no próximo governo.

Por fim, os analistas destaca que apesar das bases frágeis, a supracitada melhora tem potencial para diminuir o foco dos mercados sobre o tema sustentabilidade fiscal ao longo desse e do próximo ano. O próximo governo assumirá com uma trajetória de dívida mais benigna do que a projetada há alguns meses. O panorama conjuntural mais positivo das receitas "diminuem o sarrafo" para a regra fiscal percebida como necessária para a estabilização da dívida, no entanto seguimos com o desafio de acomodar a demanda maior por gastos

A continuidade da deterioração das expectativas de inflação, ao mesmo tempo em que a arrecadação tributária segue em forte crescimento, motivou o início de tramitação de projetos que reduzem a carga tributária sobre bens e serviços com peso relevante nos índices de preços. O aumento do distanciamento entre as intenções de voto no ex-presidente Lula e o presidente Bolsonaro, apontado por algumas pesquisas, fortalece a pressão para aprovar alguma versão destes projetos. Cabe destacar que esta redução, apesar de potencialmente relevante para este ano, gera apenas alívio transitório por não atacar a causa estrutural da inflação. O desempenho mais forte da atividade neste início de ano, com destaque para o mercado de trabalho, a disseminação da inflação, com elevação de preços de itens que apresentam maior inércia, e o movimento das expectativas recomendam que o Copom amplie o ciclo de aperto monetário, ainda que em um ritmo mais moderado do que o adotado em suas últimas reuniões.

Em junho analistas **esperam que o Copom suba a taxa Selic em 0,5% para 13,25%,** o que deverá ser o último movimento altista deste ciclo. Depois esperam juros estáveis até pelo menos o segundo trimestre do próximo ano quando, então, antecipamos o início de um ciclo de redução da Selic (projeção de Selic em 10,25% para o final de 2023).

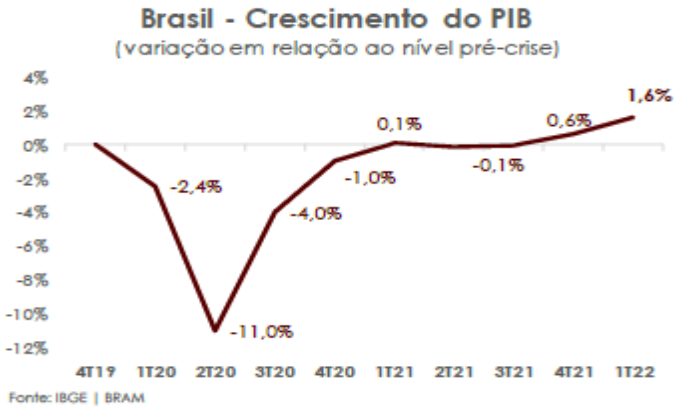
Diante disso, nos próximos trimestres **os juros reais estarão em patamares significativamente contracionistas**, compatíveis com a projeção de alguma queda do PIB ao longo do segundo semestre.

Analistas observam **risco altista para essa trajetória dos juros**, por conta do cenário de inflação desfavorável. Nesse sentido, as leituras de inflação divulgadas em maio vieram acima do esperado, com as aberturas voltando a surpreender negativamente, mostrando aceleração adicional das medidas de núcleo. Com isso, o Copom pode ir além da projeção de 13,25% e/ou começar a cortar os juros mais tarde em 2023.

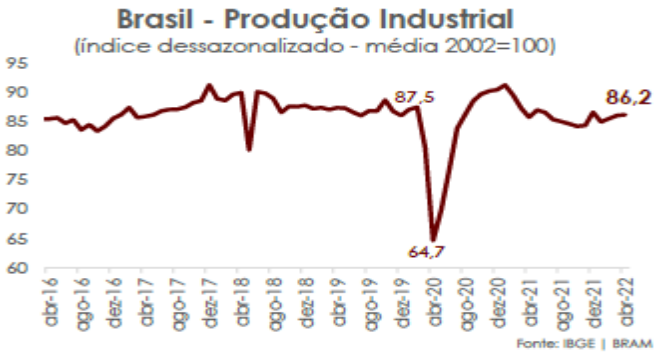
Economia Brasileira

Os dados do PIB referente ao 1º trimestre de 2022, divulgados recentemente pelo IBGE, mostraram avanço de 1,0% na variação trimestral, abaixo do esperado pelo mercado, 1,2%. Na variação interanual, o PIB avançou 1,7% em relação ao mesmo período do ano passado.

Apesar do resultado abaixo do esperado, a abertura do PIB confirmou o maior consumo de bens e serviços pelas famílias. Esse movimento foi beneficiado pela reabertura da economia e sancionado por uma renda disponível maior, mesmo em ambiente de crédito mais moderado (reflexo da política monetária). Além dos reajustes salarias do período, houve utilização de parte da poupança acumulada pelas famílias durante a pandemia.



O segundo trimestre deve contar com a liberação de recursos do FGTS e antecipação do 13º de aposentados e pensionistas do INSS, bem como com a normalização completa do setor de serviços, sobretudo administração pública. No entanto, esses fatores são temporários e deverão ser suplantados pela contração da política monetária no restante do ano, com desaceleração relevante no 2º semestre. Nossa projeção para o PIB de 2022 é de 1,4%.



Em abril a produção industrial avançou 0,1% na margem. O resultado veio com a mediana das expectativas de mercado. A alta pode ser atribuída tanto à indústria extrativa (0,4%), puxada por minério de ferro e com nível de produção 1,3% acima do patamar pré-crise, como à indústria de transformação, que teve alta de 0,1% e passou a se situar 1,6% abaixo do nível pré-crise.

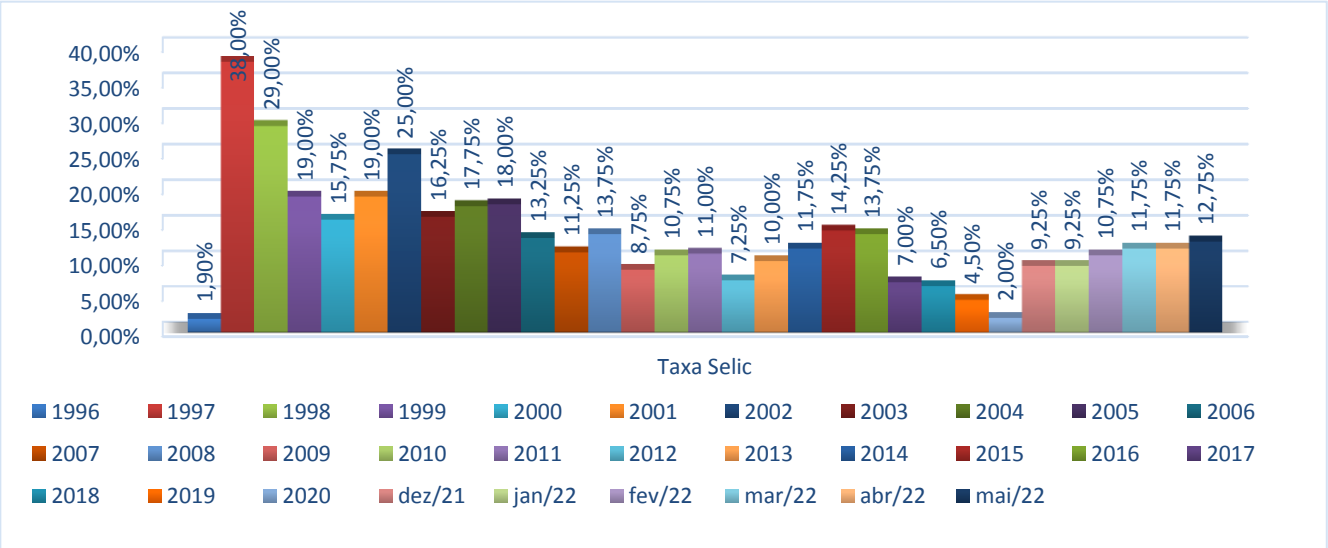
Dentre as atividades da transformação, as maiores contribuições positivas vieram do refino de petróleo (1,8%), da fabricação de bebidas (5,2%) e da fabricação de outros produtos químicos (2,8%). As maiores contribuições negativas vieram da fabricação de produtos alimentícios (-4,1%), e da fabricação de veículos (-4,2%), em linha com o dado divulgado pela Anfavea. O índice de difusão voltou a avançar e 58,3% das atividades tiveram crescimento em abril, ante 54,2% em março. Nesse mês, houve evidência de problemas de insumos: o núcleo da indústria de transformação ex-setores com problemas de oferta teve alta de 2,3% no mês. Ao longo dos próximos meses, a indústria poderá continuar sendo impactada por problemas nas cadeias de fornecimento de insumos, especialmente em função da desaceleração chinesa.

A taxa de desemprego atingiu 10,5% no trimestre encerrado em abril. O resultado veio abaixo da mediana das expectativas de mercado. Na série com ajuste sazonal, a taxa passou de 10,7% em março para 10,2% em abril. A menor taxa de desemprego na margem pode ser atribuída à alta de 1,7% da população ocupada, que mais do que compensou o avanço da força de trabalho na margem (1,2%). Com isso, a taxa de participação com ajuste sazonal avançou de 62,0% para 62,7%.

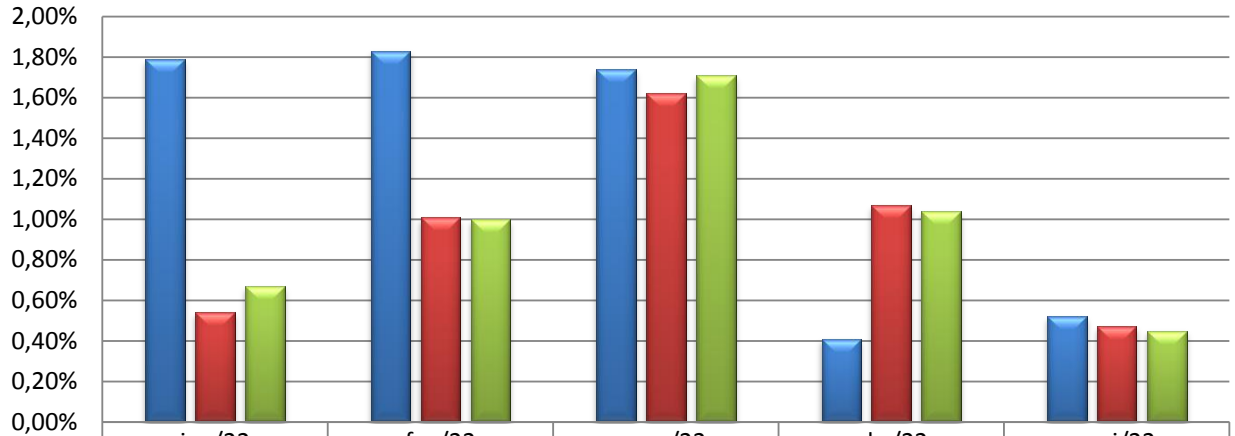
Houve elevação na margem tanto de trabalhadores formais (1,2%), com maior influência de empregados no setor privado com carteira assinada, como de informais (2,5%), com maior contribuição de empregados no setor privado sem carteira assinada e trabalhadores domésticos sem carteira assinada. Dentre os setores de atividade, as maiores contribuições positivas para o crescimento dos ocupados vieram de comércio (1,5%), serviços domésticos (3,9%) e indústria (1,5%). O rendimento médio real habitual teve recuo de 0,3% na margem em abril; ainda assim, por conta do maior número de ocupados, a massa de rendimento teve avanço de 1,0% no período.

5.1- Taxa Básica de Juros

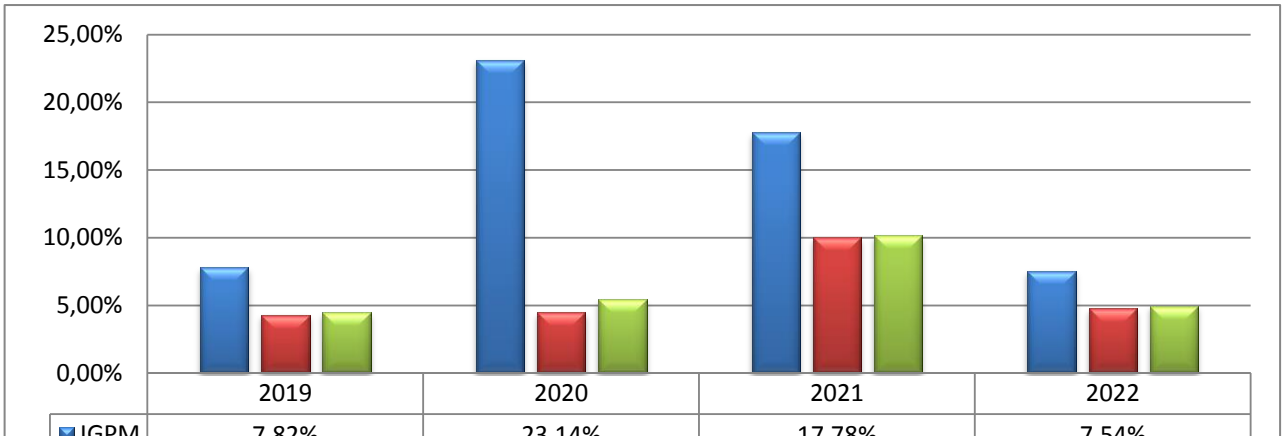
Por unanimidade, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) decidiu nesta quarta-feira (04/05) elevar a taxa Selic em um ponto percentual, de 11,75% para 12,75% ao ano. A decisão foi em linha com as projeções do mercado e com a sinalização dada há um mês e meio pelo próprio órgão, em sua última reunião. Esta é a 10ª alta consecutiva da Selic, que começou uma trajetória de alta em março de 2021. No último boletim Focus, em que o Banco Central mede a expectativa do mercado financeiro, a projeção é de que a taxa básica encerre 2022 em 13,25% ao ano. Em seu comunicado, o Banco Central avaliou que o ambiente externo seguiu se deteriorando e que as pressões inflacionárias decorrentes da pandemia se intensificaram com problemas de oferta advindos da nova onda de covid-19 na China e da guerra na Ucrânia. O Copom indicou que, para a próxima reunião, deverá manter o aperto monetário, mas com reajuste de menor magnitude, ou seja, inferior a 1%.



5.2- Inflação



	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	mai/22
IGPM	1,79%	1,83%	1,74%	0,41%	0,52%
IPCA	0,54%	1,01%	1,62%	1,07%	0,47%
INPC	0,67%	1,00%	1,71%	1,04%	0,45%



	2019	2020	2021	2022
IGPM	7,82%	23,14%	17,78%	7,54%
IPCA	4,31%	4,52%	10,06%	4,78%
INPC	4,48%	5,45%	10,16%	4,96%

5.3- Relatório de Mercado

Indicador	2022		2023	
	Mediana	5 dias	Mediana	5 dias
IPCA (variação %)	8,89	9,00	4,39	4,50
PIB Total (variação % sobre ano anterior)	1,20	1,50	0,76	0,47
Câmbio (R$/US$)	5,05	5,05	5,05	5,10
Selic (% a.a.)	13,25	13,25	9,75	10,13

6-Aplicações Financeiras

Em relação a pandemia, os números de contágios e mortes no mundo mostram que estamos enfim saindo do problema. As novas cepas apesar de mais contagiosas, estão se mostrando menos letais. Apesar do bom quadro, importante acompanharmos a evolução no quadro mundial e local. No âmbito fiscal, continuamos com bons números no geral, ajudado pela forte arrecadação do país. Todavia, mantemos a volatilidade por aqui em função das incertezas em relação as eleições presidenciais e economia, cenário Global e continuidade do conflito entre Rússia e Ucrânia. O ponto positivo no mês foi a reabertura na China, que trouxeram um ânimo aos mercados no final do mês.

O grande destaque do mês de maio foi a dinâmica da inflação. Como tem sido recorrente, as divulgações tanto do IPCA como o IPCA-15 seguiram o padrão de superar as expectativas com detalhes qualitativamente ruins – núcleos e serviços muito pressionados, indícios de inércia inflacionária. No entanto, as posições de proteção contra inflação terminaram o mês no campo negativo. O projeto aprovado na Câmara que restringiu a cobrança do ICMS sobre combustíveis, energia, gás natural, comunicações e transportes coletivos causou forte queda da inflação implícita nas NTN-Bs. De fato, trata-se de um evento com impacto potencial (falta passar pelo Senado) baixista para inflação que pode chegar a 170 bps no curto prazo.

O Banco Central subiu novamente a Selic em 100 bps para 12,75% e indicou que deve prosseguir com a alta em junho. O mercado reagiu estendendo o ciclo de alta precificado na curva, que por ora embute

mais dois atos nas próximas reuniões. De outro lado, o Banco Central tem expressado a visão de que o ciclo está próximo do final, o que de acordo com os analistas há defasagens do efeito do ajuste já implementado.

De externo, após o forte movimento de precificação da alta de juros no mercado americano, o debate recente tem sido sobre como será o arrefecimento da economia, se bruta ou suave. O momento não é trivial, o S&P500 chegou a desvalorizar 18,6% do pico; por outro lado a inflação vem rodando em altos 4,9% ano a ano. Analistas acreditam que o Fed não abandonará a empreitada de derrubar a inflação, neste momento. Na China, seguem as revisões de crescimento para 2022, em direção a assustadores 3%.

6.1 Renda Fixa

Na **Renda Fixa** Brasil tivemos mais um mês estável nas curvas de juros. Olhando à frente, as incertezas político-econômicas aliado ao momento de alta de juros globais manterão o cenário volátil. Entretanto, vale ressaltar que continuamos com bons prêmios em toda curva de juros e assim que atingirmos o teto das altas previstas na Selic, analistas entendem ser um bom momento para avaliar o retorno de alocação nesta estratégia.

No âmbito global, as últimas comunicações do Banco Central dos EUA (Fed) foram menos agressivas que as expectativas, trazendo uma queda moderada na curva de juros. No mundo, embora a inflação ainda esteja pressionada, o tema já passa a ser a possibilidade de uma recessão a frente, o que sinalizamos no último mês. Analistas acreditamos que isso não irá impedir o FED de levar os juros ao campo restritivo e entendem que esse processo virá com alguma dor aos mercados. Na China, medidas de estímulo são implementadas para conter a forte desaceleração recente da atividade. Essa dicotomia entre frear a inflação e acelerar o crescimento (ou fazer um pouso suave) tem impacto relevante para ativos de risco, em especial commodities.

No Brasil, dinâmica de inflação segue desfavorável, quali e quantitativamente, o que deve levar o Banco Central a elevar a taxa Selic para 13,25% em julho. O governo, através de renúncias fiscais, como a limitação do ICMS, busca reduzir as principais contas dos brasileiros, mirando a Eleição de outubro, tema esse que deve ganhar importância a partir de agora. Do lado da atividade, dados de curto prazo seguem bastante favoráveis e trazem revisões altistas para 2022, sem alterar o pessimismo para o próximo ano.

Nesse ambiente observamos uma recuperação do Real, e leve valorização na Bolsa. Na Renda Fixa, tanto juros nominais como reais apresentaram desempenho aquém do CDI no geral.

Analista mantem a percepção de que nesse ambiente, repleto de incertezas, menor alocação de risco e preferência por estratégias de valor relativo/atuações táticas devem prevalecer enquanto assimetrias maiores não surgem. Essa estratégia se mostra acertada nesse ano, bastante volátil.

E, de acordo com os analistas, apesar de vermos os ativos locais descontados, entraremos agora na janela eleitoral, que deve ser fator adicional de ruído. O fraco debate econômico até o momento, dificulta ainda mais a avaliação sobre que arcabouço fiscal vigorará a partir de 2023, impedindo assim posições mais estruturais.

Localmente, as leituras de inflação continuaram mostrando dados acima das expectativas, gerando alta da curva de juros doméstica.

Em relação aos ativos de crédito privado, observamos uma ligeira queda nos *spreads*de crédito, que continuam sendo favorecidos pelo fluxo para a classe.

À frente, os analistas continuam com maior convicção na alta dos juros futuros internacionais, dado o desafio das pressões inflacionárias. Localmente, o cenário está mais ambíguo: por um lado, temos a persistência da inflação; por outro, o nível da taxa Selic já é bastante elevado.

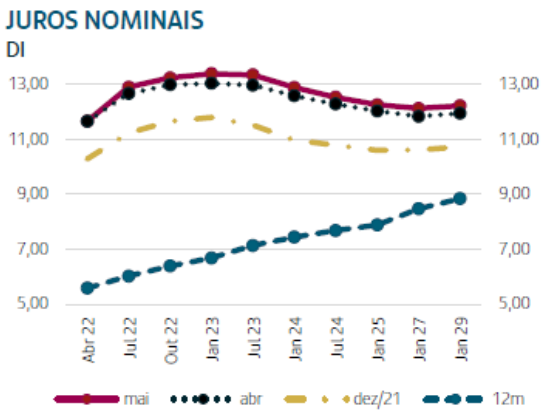


Figura 1: Juros Nominais (DI)
Fonte: Bloomberg **Elaboração:** SAM

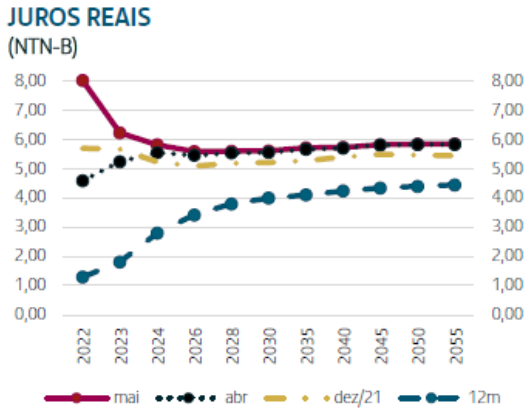


Figura 2: Juros Reais (NTN-B)
Fonte: Bloomberg **Elaboração:** SAM

Crédito

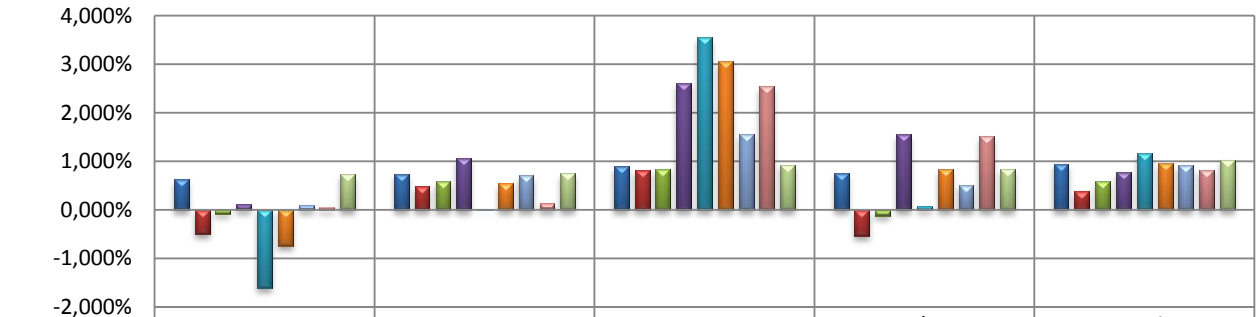
Em maio tivemos mais um mês positivo para o mercado de crédito privado. A indústria continua captando nos fundos que levam crédito na carteira, sustentando a demanda por ativos. Do lado da oferta, tivemos diversas emissões no mercado. Neste mês, o que vimos foram volumes grandes por emissão, mas em alguns casos sem a venda completa do que foi ofertado, principalmente em debêntures. Isto ocorreu pois as taxas teto ofertadas nos leilões começaram a vir mais baixas e os investidores limitaram suas ordens. Assim, de acordo com os analistas, chegamos à um piso de taxa no curto prazo para operações de crédito corporativas. No mercado secundário vimos alguns negócios com volumes representativos, mas uma demanda menor, o que limitou um fechamento de spreads mais acentuado. Os analista continuam otimistas com a classe de ativos. Tirando os ajustes pontuais de prêmios no mês de maio, a entrada de recursos na classe e uma oferta mais ordenada de ativos deve sustentar as taxas (preços) em níveis adequados. Além dos prêmios de risco, a taxa de juros mais alta também ajuda no retorno nominal dos fundos.

Moeda

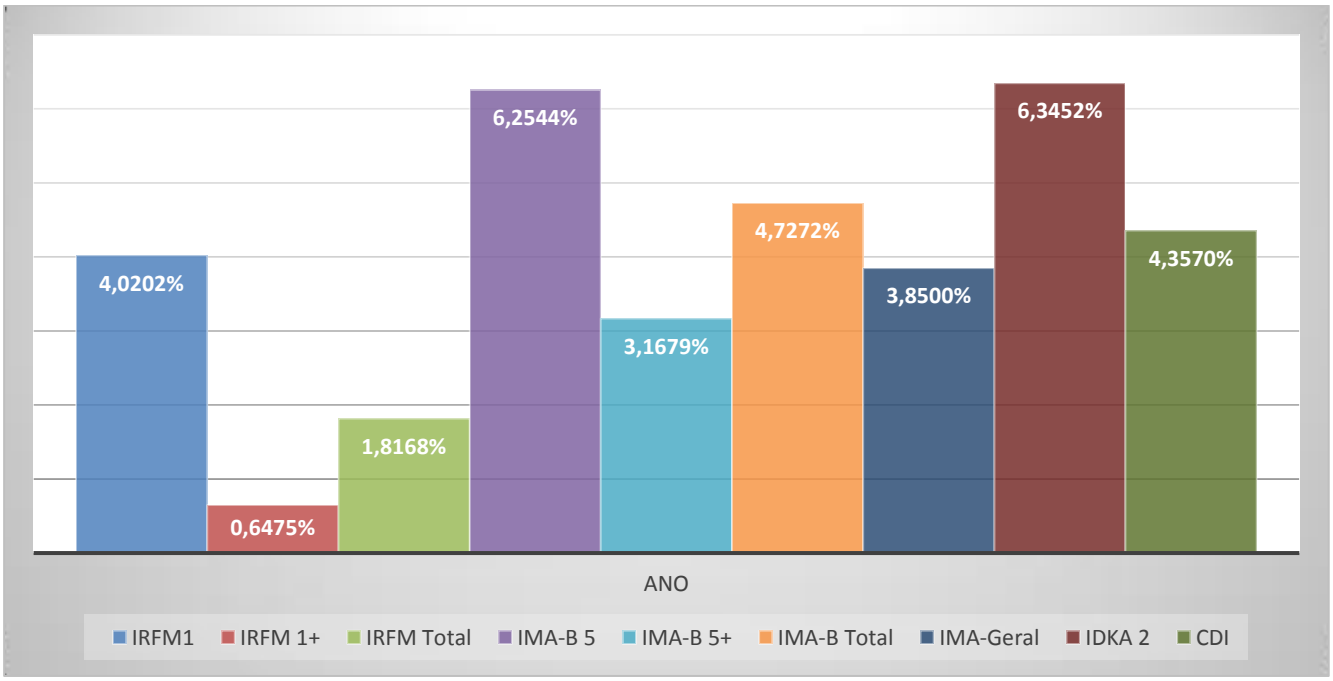
As moedas se fortaleceram contra o dólar, com destaque para o Real, que tem feito movimentos bastante intensos. Perspectiva de reabertura chinesa e falas mais brandas dos dirigentes do Fed deram suporte aos ativos de risco, e por consequência, as moedas. Usualmente, em períodos de forte aumento de juros a performance do Dólar tende a ser positiva, estamos menos propensos a carregar de forma estrutural posições em moedas EM (sigla em inglês para mercados emergentes). Os ativos de crédito privado continuaram a ter bom desempenho em maio. Os fatores explicativos deste bom desempenho também permanecem os mesmos dos meses recentes. Para ativos base CDI, o nível do carregamento e alguma compressão do *spread* de crédito têm sido os motores do retorno, enquanto os ativos base IPCA têm sido beneficiados pelo elevado carregamento devido à alta da inflação ao mesmo tempo que a curva de juros real tirou alguns pontinhos no mês. O mercado primário em maio serviu para definir alguns parâmetros. Operações com risco corporativo de excelente qualidade de crédiito e *duration* na faixa de quatro anos parecem ter um piso na região do 1,45% a.a. Ao mesmo tempo, para este mesmo prazo vimos os grandes bancos com apetite para captação de recursos na faixa de 90 bps. Isto parece afastar o risco de compressão excessiva dos *spreads* de crédito que fatalmente terminam com uma reação contrária, de elevação súbita dos *spreads*, provocando desvalorização dos ativos e levando os investidores menos preparados a correr para resgatar, o que por sua vez realimenta a abertura dos *spreads*. Isto foi o que assistimos no segundo semestre de 2019.

6.1.2 Desempenho

Principais índices de Renda Fixa



	Jan	Fev	mar	Abr	Mai
IRFM1	0,629%	0,744%	0,889%	0,745%	0,950%
IRFM 1+	-0,496%	0,478%	0,813%	-0,532%	0,391%
IRFM Total	-0,080%	0,584%	0,845%	-0,123%	0,582%
IMA-B 5	0,113%	1,063%	2,608%	1,556%	0,782%
IMA-B 5+	-1,606%	0,010%	3,559%	0,079%	1,159%
IMA-B Total	-0,734%	0,545%	3,071%	0,831%	0,965%
IMA-Geral	0,098%	0,716%	1,552%	0,513%	0,916%
IDKA 2	0,052%	0,138%	2,539%	1,510%	0,821%
CDI	0,732%	0,755%	0,927%	0,830%	1,030%



6.2 Renda Variável

Em maio, o cenário global continuou focado nas preocupações com menor crescimento, dada a ausência de sinais de arrefecimento da inflação. As restrições na China por conta da última onda de Covid-19 e a continuação do conflito na Ucrânia adicionaram pressão às cadeias de suprimento, agravando o quadro inflacionário. As Bolsas globais tiveram resultados próximos da estabilidade. Localmente, as leituras de inflação vieram novamente acima das expectativas, o que resultou em pressão na curva de juros.

Na **Renda Variável Doméstica**, o Ibovespa se descolou de pares internacionais e apresentou retorno positivo no mês. No câmbio, o Real se fortaleceu frente ao dólar, em razão do aumento do diferencial de juros locais para os globais. A manutenção do conflito entre Rússia e Ucrânia, alta de juros nos EUA e abertura mercados na China ajudaram no fechamento do IBOVESPA neste mês. Olhando para frente, continuamos avaliando boas oportunidades na estratégia em um horizonte de médio/longo prazo, uma vez que no curto, veremos muita volatilidade em função das incertezas política eleitorais e oferta no mercado de RF de 02 dígitos por aqui.

No **cenário global**, os principais índices de ações apresentaram volatilidade, encerrando o mês com retornos próximos de zero. A perspectiva de juros mais altos à frente e a prorrogação das restrições na China ameaçam o crescimento global e continuam impactando os retornos esperados para as ações.

Prospectivamente, os analista seguem com cautela na Bolsa local. No âmbito internacional, a perspectiva de um ciclo de aperto monetário mais intenso, persistência da inflação e menor crescimento global deve tornar mais desafiador o cenário para alocações em Bolsa.

Localmente, a Bolsa finalizou o mês com retornos positivos, descolando das Bolsas globais.

Em termos setoriais, destaque para a performance positiva dos setores de serviços financeiros e das ações de petróleo. Por outro lado, as empresas mais ligadas à economia doméstica, como varejo e saúde, fecharam o mês em território negativo.

Seguem as cautelas na Bolsa local. No âmbito internacional, a perspectiva de um ciclo de aperto monetário mais intenso, persistência da inflação e menor crescimento global deve tornar mais desafiador o cenário para alocações em Bolsa.

Dólar encerra maio em queda de 3,85% de olho em China e Fed

O dólar à vista encerrou a sessão do último dia do mês de maio praticamente estável, no patamar de R$ 4,75, muito influenciado por questões técnicas do mercado doméstico de câmbio. O dia foi marcado pela disputa em torno da formação da última taxa Ptax de maio - referência para liquidação de contratos futuros e fechamento de balanços corporativos - e pela típica rolagem de posições de fim de mês. Segundo profissionais do mercado, o anúncio de novos estímulos econômicos na China, que começa a relaxar restrições de combate à covid-19, e os dados domésticos positivos, como o resultado fiscal do setor público em abril (de R$ 38,876 bilhões), teriam dado certo fôlego ao real, que conseguiu em parte se descolar do sinal predominante de alta da moeda americana no exterior.

Para os economistas os investidores estrangeiros estão retornando ao Brasil, tanto para capturar os juros altos da renda fixa quanto para investir em ações de empresas de commodities, de olho na reabertura da China. Dados da B3 (SA) mostram que os investidores estrangeiros ingressaram na bolsa doméstica ao longo do mês de maio. Com a entrada de capital externo na B3 nos últimos dias, o saldo negativo acumulado no mês, que chegou a superar R$ 12 bilhões, agora está na casa de R$ 9 bilhões, até o dia 27/05.
Analistas atribuem o tombo do dólar neste mês à redução dos temores de desaceleração forte da economia da China, o que ensejou recuperação de preços de commodities, e à perda de força do índice DXY, sobretudo com a recuperação do euro. Sinais do (Fed, o Banco Central dos EUA) de que vai manter o ritmo de alta da em 50 pontos-base nas próximas reuniões fizeram investidores apararem apostas em um dólar globalmente cada vez mais forte. A expectativa de alta das commodities com a reabertura da China favoreceu todas as moedas emergentes e fez o dólar se desvalorizar pouco mais de 3% frente ao real. Existe também uma aparente melhora da conjuntura doméstica como fator impulsionador da moeda brasileira. Para os analistas, temos a expectativa de privatização da Eletrobras (SA:) e a questão do teto do ICMS. A taxa de juros está elevada e o Banco Central vai continuar subindo a Selic. Isso ajudou na entrada de fluxo neste mês.

Em maio houve uma recuperação nos mercados financeiros globais, em grande parte devido a menores surpresas negativas de inflação nos EUA.
O Ibovespa encerrou o mês com valorização de 3,22%. Os demais índices tiveram as seguintes variações: S&P 500 0,18% (USD), Euro Stoxx +1,34% (EUR) e Nikkei +1,72% (JPY). Nas commodities, o petróleo tipo Brent fechou em US $122,84 (+12,35% no mês) e o minério de ferro em US $133,12 (-9,33% no mês).
Nos EUA, a aproximação do *Quantitative Tightening* (QT) somado à inflação elevada mantém o sentimento de cautela entre os investidores, os quais levantam a possibilidade de uma recessão. Contudo, o mercado de trabalho e consumo continuam fortes.
A Europa continua a sofrer com aumento da inflação. Em maio o CPI do continente foi de 8,1%, representando uma aceleração em relação ao divulgado em abril de 7,8%. A União Européia impôs um embargo sobre a importação de petróleo da Rússia, o que manteve a commodities em alta mesmo com o medo de uma recessão global. O minério de ferro sofreu com a China desacelerando o crescimento do curto prazo.
Na China, os número de infecções por covid-19 estão caindo, permitindo uma reabertura gradual das regiões mais afetadas, o que deve melhorar parcialmente as cadeias produtivas. Os efeitos do período de isolamento ficaram claros nos dados econômicos de abril, as vendas do varejo caíram 11,1% e a produção industrial caiu 2,9%, ambos no comparativo anual. A perspectiva é que o número de maio continue negativo.
O cenário brasileiro não se alterou de forma expressiva neste mês. A inflação continua alta e há pouca previsibilidade de quando vai começar a cair. À medida que nos aproximamos das eleições, a 3° perde cada vez mais força, concentrando as intenções de votos entre Lula e Bolsonaro.
Seguindo a tônica do mês de abril, as três primeiras semanas do mês de maio foram marcadas por aversão a risco com cenário de aperto monetário feito pelos Banco Centrais. O S&P chegou a atingir o menor patamar do ano (3.900,79 pontos). No último terço do mês foi o inverso, com maior propensão a risco devido a uma possível retomada da economia chinesa. Nas *commodities* tivemos mais um mês positivo para o petróleo que fechou em alta de 9,83%, enquanto o minério de ferro também se recuperou após as notícias de retomada econômica da China fechando em alta de 4,68%.
Analisando as consequências para o mercado brasileiro, o índice Ibovespa fechou o mês em alta de 3,22%, mesmo com uma surpresa inflacionária nos números do IPCA-15 que causaram

uma abertura na curva de juros local. Tal alta no mercado acionário local foi ocasionada principalmente pela forte performance dos bancos incumbentes e das empresas do setor de extração de petróleo que surfaram bem o movimento mais forte do barril de petróleo no mês. Outro movimento de detaque foi que junto com o movimento de tomada de risco nos mercados internacionais o investidor não-residente voltou a ser comprador da bolsa brasileira, revertendo o movimento que acompanhamos no final de abril e começo de maio.

Na **Renda Variável Internacional**, apesar das realizações ocorridas e do cenário de revisão de baixa nos PIBs Globais, analistas continuam com uma visão positiva para os investimentos offshore, dado ao potencial retorno e equilíbrio que esses investimentos trazem para a carteira dos RPPS (hedge). No mercado americano em especial, a previsão de PIB acima da média mundial, taxa de desemprego em níveis pré-pandemia e economia caminhando bem no geral O contraponto nesse cenário seria uma inflação sem controle nos EUA, fato que poderia trazer um maior aumento de juros pelo FED, o que traria maiores realizações no curto prazo. No longo sempre avaliam os EUA como uma excelente opção de diversificação do portfólio dos RPPS.

Ações. Durante o mês de maio a bolsa passou por altos e baixos. Iniciou o mês no patamar de 107 mil pontos, chegando no dia 10, na mínima do dia, aos 102 mil pontos, o que refletia em uma desvalorização de aproximadamente 5% até a data. Já no dia seguinte, a bolsa iniciou uma escalada de alta, o que fez o Ibovespa encerrar o mês cotado à 111.350 pontos, valorização de 3,22% em maio e, do fundo ao fechamento, uma retomada de mais de 8%. O fechamento de maio no lado positivo da bolsa brasileira aliado a uma desvalorização do dólar reflete a menor aversão ao risco do investidor estrangeiro. A reabertura da China, o receio da desaceleração dos EUA e Europa, fazem com que os investidores voltem seus olhares para países que ainda possuem espaço para crescer e, considerando os dados positivos da economia brasileira, o Brasil possui potencial para continuar como esse destino. Associado a um cenário de crescimento, temos o Ibovespa negociando pouco abaixo de 8x lucro.

O QUE ESPERAR?

Analistas acreditamos que estamos chegando muito próximo do pico da inflação no Brasil (sabemos que os números são extremamente altos, se comparado com a inflação recente, e principalmente, se comparar com a meta). Porém, a tese é que ao passar as surpresas inflacionárias devemos também ver o ponto de inflexão no mercado de juros, tanto reais quanto nominais. Se de fato isso acontecer, como a bolsa tem alta correlação com os juros reais de longo prazo, pois são *proxy* para a taxa de desconto dos ativos, devemos ter um momento positivo para ativos de mais crescimento. Outro fator que pode ser positivo para bolsa é a força da atividade brasileira ao longo do ano de 2022. Houve muitas revisões de projeções de atividade ao longo do ano, o que deveria impactar de forma positiva as revisões de lucro para as empresas.

Considerando que o crescimento de PIB nominal de 2022 seria a composição de um PIB real de 1,5% ou maior e uma inflação próxima a 10%, poderíamos ter receitas crescendo ao redor de 12%.

Se as empresas conseguirem controlar custos, o ano de 2022 não deveria ser um ano ruim para o lucro das que apresentarem crescimento. Devido à combinação desses dois fatores, estamos analisando mais profundamente as oportunidades de mercado e muito atentos a um possível ponto de inflexão.

Porém, no curto prazo, sabemos que o pico inflacionário é um fator necessário, mas não suficiente para que os juros caiam e, consequentemente, ações voltem a subir. Ademais, juros reais de longo prazo estão mais correlacionados com a situação fiscal do que taxa de juros de curto prazo. E há uma correlação histórica com esses fatores, Bolsa e juros real.

No segundo ponto sobre o PIB, de acordo com o analistas, mesmo com uma forte revisão para o ano de 2022, os impactos da política monetária terão reflexos apenas em 2023. Portanto, por mais que no curto prazo vemos resultados melhores, ainda há muita incerteza para os próximos anos.

Se olharmos para os números de fechamento do mês de maio contra o mês de abril, podemos perceber como o mercado está volátil. Após um tombo de 10,10%, o Ibovespa encerrou o mês subindo 3,22% com impulso do fluxo estrangeiro em busca de *commodities*, enquanto os índices de ações globais ficaram mistos com Nasdaq caindo 2,05% e o S&P neutro (+0,01%). A inflação segue sendo o principal tema, disseminada e mais persistente do que o esperado. Nos Estados Unidos, a atenção se volta ao Fed e seu aperto monetário. No Brasil não é diferente, apesar de estarmos em um aperto monetário há um ano, ainda há incertezas sobre o valor terminal do ciclo, sua duração e inflexão. Soma-se também a guerra russa que permanece ativa mantendo pressão nos preços de *commodities* e incertezas sobre o cenário.

Na parte dos ativos de renda fixa global, as *treasuries* fecharam ao longo do mês baseada nos indicadores menos aquecidos e também com a sinalização do Banco Central Americano de não acelerar o ritmo de aperto monetário. No campo doméstico, diferente do mês passado, ativos ligados a inflação mais longa tiveram retornos acima do CDI com a reprecificação das inflações curtas, para menos com a discussão do ICMS, e as intermediárias para mais.

Permanece a avaliação de um cenário internacional desafiador para os próximos trimestres, num contexto de riscos relevantes e revisões baixistas nas projeções de crescimento global, que atualmente estão pouco acima de 3,0% para 2022 e 2023. No último mês especificamente, o ajuste veio por conta do PIB chinês.

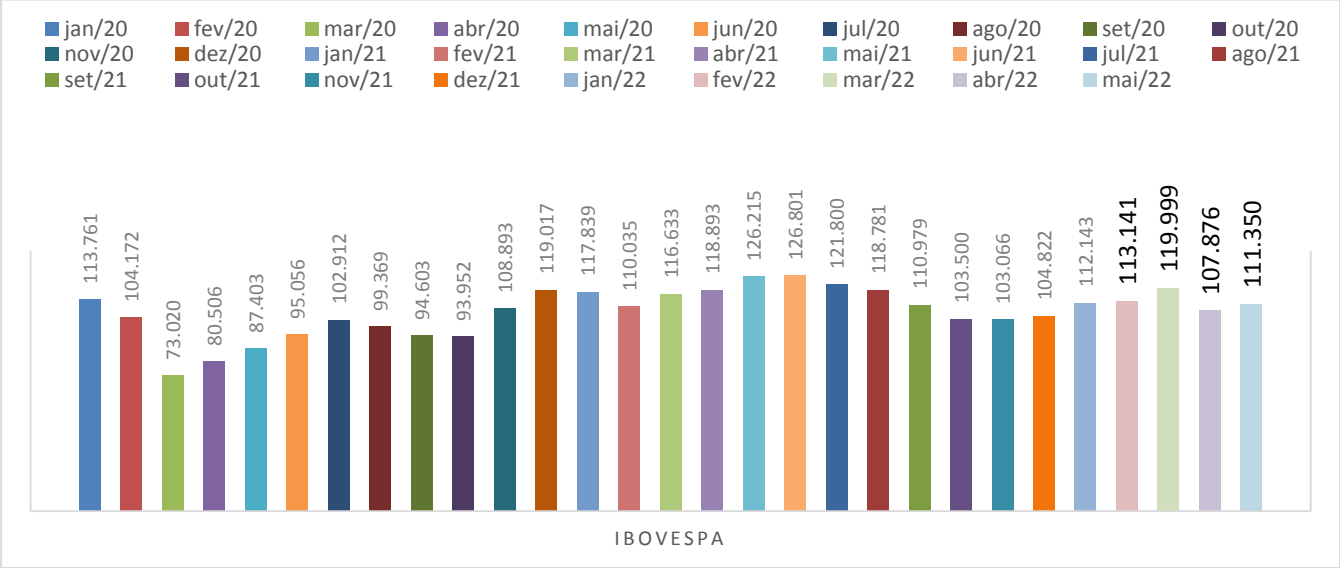
Com os casos de Covid-19 em grandes cidades chinesas e a política sanitária de tolerância zero, o **segundo trimestre vem sendo marcado por uma fase desfavorável**, que deverá resultar em queda do PIB no período. Ainda que antecipemos recuperação nos próximos trimestres, dada a hipótese de casos de Covid-19 sob controle, houve efeito relevante sobre a projeção do crescimento no ano, que caiu para cerca de 4,0%.

Nos EUA, o **ambiente segue desconfortável por conta do risco inflacionário**, da resposta de política monetária e, consequentemente, da trajetória de crescimento à frente. Adicionalmente, estamos num momento de condições financeiras mais apertadas. Apesar disso, a demanda doméstica continua aquecida, e existe importante suporte do mercado de trabalho. Isso nos leva a manter a visão de crescimento gradual nos próximos trimestres.

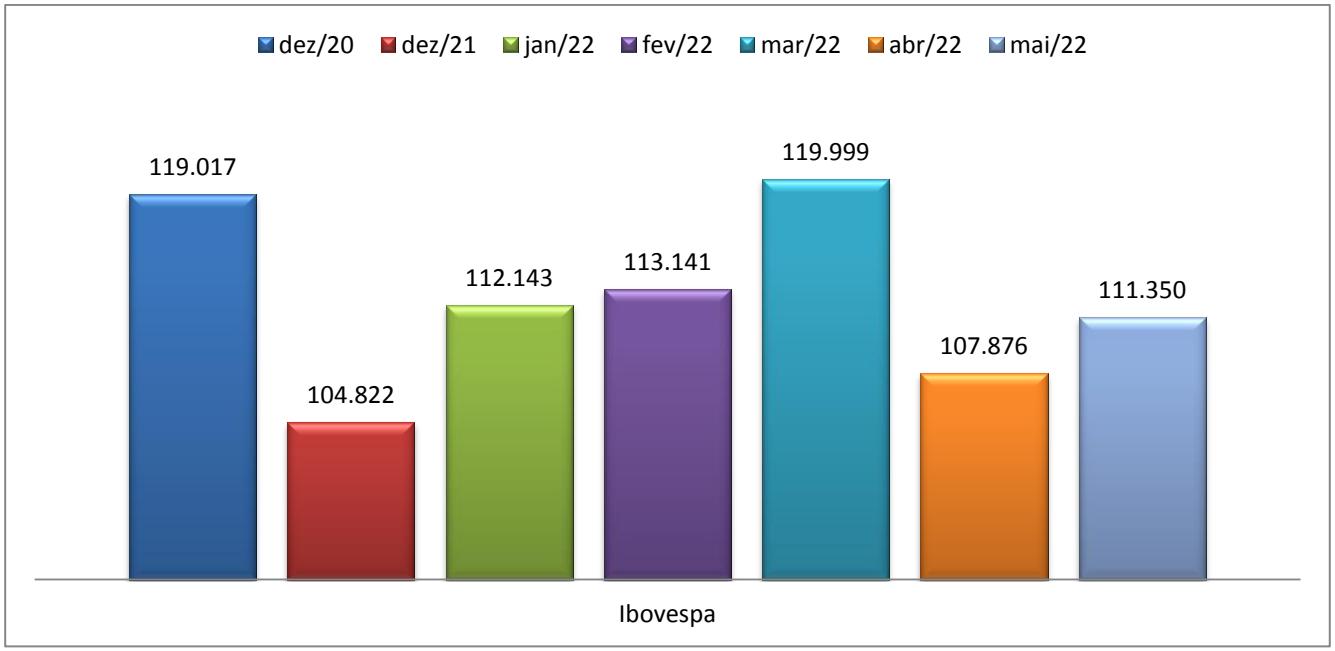
Com a expectativa de recuperação na China e de expansão gradual nos EUA, os analistas **não contemplamos forte desaceleração global**. No entanto, reconhecem riscos relevantes, que justificam a cautela adotada nas recomendações de estratégia de investimentos. Além da combinação de inflação e juros nos EUA e dos casos de Covid-19 na China, a questão geopolítica (guerra na Ucrânia) tem potencial para adicionar ainda mais pressão ao cenário de inflação global e desaceleração da atividade.

6.2.1 Desempenho

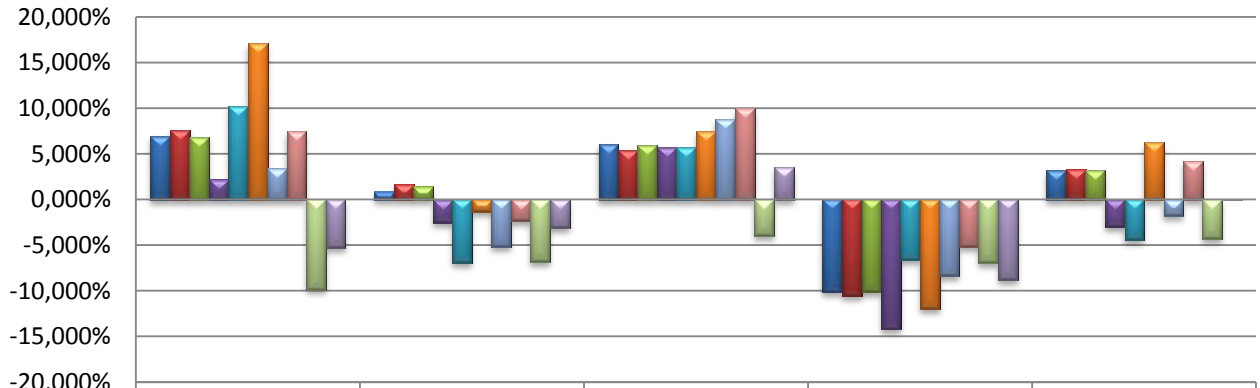
Históricos



Ibovespa em Pontos

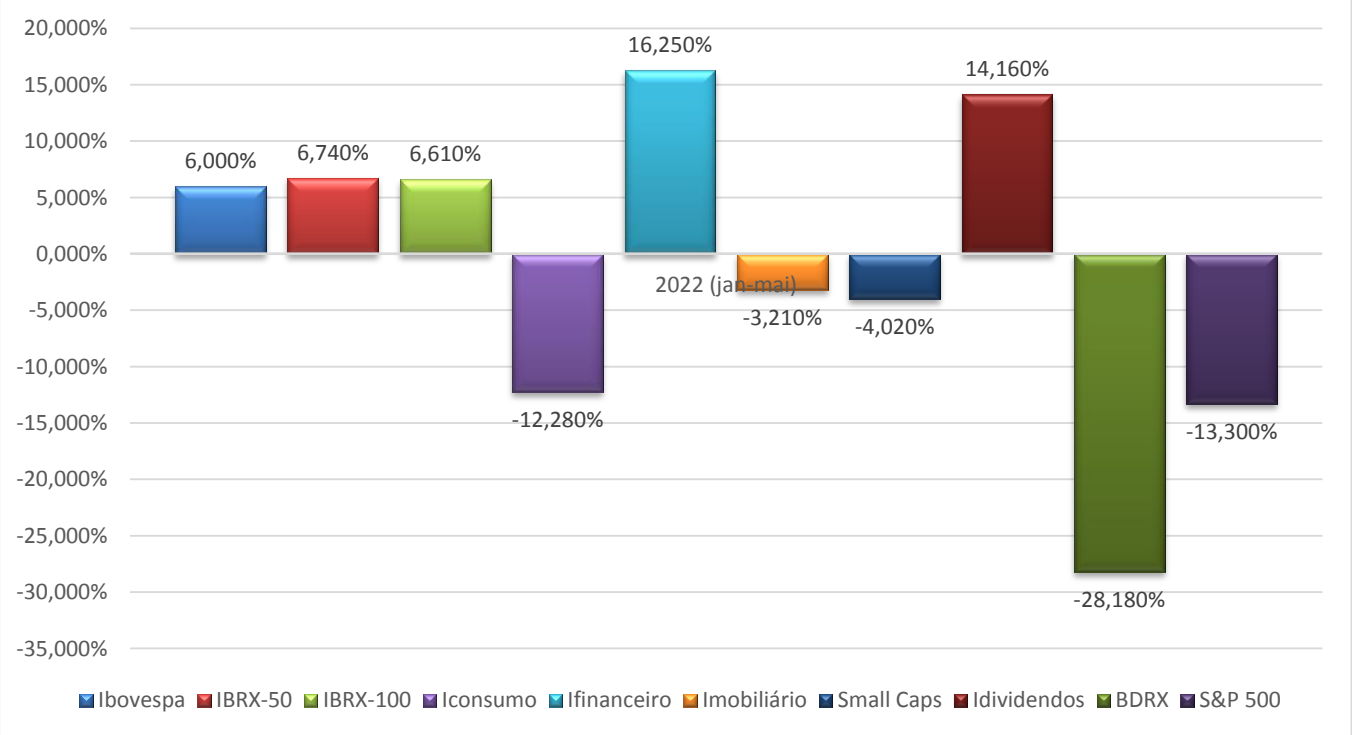


Principais Índices de Renda Variável 2022



	janeiro	fevereiro	março	abril	maio
Ibovespa	6,980%	0,890%	6,060%	-10,100%	3,220%
IBRX-50	7,650%	1,740%	5,430%	-10,510%	3,300%
IBRX-100	6,870%	1,460%	5,960%	-10,110%	3,230%
Iconsumo	2,250%	-2,510%	5,740%	-14,190%	-3,020%
Imobiliário	10,280%	-6,940%	5,720%	-6,620%	-4,470%
Ifinanceiro	17,120%	-1,310%	7,530%	-11,960%	6,250%
Small Caps	3,420%	-5,190%	8,810%	-8,360%	-1,820%
Idividendos	7,470%	-2,320%	10,000%	-5,190%	4,260%
BDRX	-9,830%	-6,820%	-3,980%	-6,960%	-4,320%
S&P 500	-5,260%	-3,140%	3,580%	-8,800%	0,010%

Principais Índices de Renda Variável



Mercados e a deterioração do ambiente global

O mercado financeiro doméstico passou por relevante mudança de comportamento a partir do início do mês de abril. Se no primeiro trimestre do ano o Ibovespa apresentou ganhos de 14,5% (melhor resultado desde o 4ºtri/20), com a taxa de câmbio Real/Dólar recuando de R$5,58 para R$4,74, em abril esses dois ativos acumularam perdas de 10,1% e 3,8%, respectivamente. Ao final da primeira quinzena de maio, o Ibovespa avançava modestos 0,50% e terminou o mês com alta de 3,2%, ao passo que o Real, que apresentava desvalorização nos quinze primeiros dias (cerca de 2,3%, cotado a R$5,10), encerrou o mês com valorização de 4,4%, atingindo R$ 4,75. Por seu turno, o S&P500, principal índice acionário da bolsa de valores norte-americana, após interromper em março uma sequência de dois meses em baixa (período no qual teve -8,5% de retorno nominal), acumula em 2022 perdas de 13,3%.

Algumas perguntas que vem à cabeça dos investidores:

- ✓ o que estaria por trás dessa dinâmica?
- ✓ o que podemos esperar daqui para frente?
- ✓ trata-se de uma volatilidade inerente aos mercados financeiros, uma realização técnica, ou podemos encontrar, na leitura do cenário econômico – a principal tarefa deste economista-chefe que vos fala –, uma justificativa para este comportamento?

Na avaliação dos analistas, há de fato um componente macroeconômico atuando negativamente sobre o preço dos ativos e está associado à relevante deterioração do ambiente global das últimas semanas. Acreditam ser possível identificar alguns vetores que, em conjunto, parecem responsáveis por essa dinâmica mais negativa sobre os ativos globais de forma mais ampla e que, de certa forma, contribuíram para a piora do desempenho de ativos brasileiros.

Em primeiro lugar, a perspectiva de uma rápida resolução do conflito militar entre Rússia e Ucrânia iniciado no final de fevereiro parece definitivamente afastada, tendo em vista os sinais de renovada escalada dos últimos meses. Não por outra razão, a respeitada consultoria política Eurásia elevou recentemente as chances de consolidação de seu preocupante cenário central, definido como o de um duradouro "impasse violento". A decisão da Europa de discutir o embargo das importações de petróleo russo até o final do ano, além de se traduzir em maiores prêmios de risco para as curvas de commodities e uma pressão inflacionária mais persistente, eleva as chances de ocorrência de uma recessão econômica no continente.

Como se não bastasse o choque (inflacionário) derivado do conflito militar, a mais recente e forte onda de lockdowns na China – fruto do aumento de infecções locais por coronavírus e de sua política de Covid-Zero – é outro fator que contribuiu para a deterioração dos ativos locais, tradicionalmente bastante sensíveis ao que ocorre no gigante asiático. Ao mesmo tempo em que tal política impacta fortemente o crescimento da economia chinesa (já perceptível nos dados mais recentes dos setores de serviços e da indústria), ela promove também uma nova rodada de pressões nas cadeias globais de distribuição e logística, evidenciada pelo impressionante aumento de navios aguardando para carga e descarga ao redor do porto de Shangai. A desaceleração econômica da China, a forte saída de fluxos de capital do País e a perspectiva de uma política monetária acomodatícia (na contramão do mundo) para se contrapor à perda de dinamismo da atividade parecem, em grande medida, estar por trás da forte desvalorização do yuan ao longo das últimas semanas de maio/22, com impacto sobre mercados mais sensíveis aos ativos chineses.

Esses eventos em sequência seguramente aumentaram a preocupação dos investidores em relação ao risco de um cenário de estagflação global: ou seja, um ambiente no qual a economia internacional desacelera em magnitude relevante acompanhada por pressão sobre os preços. Este é, para os analistas, o maior obstáculo para a continuidade do bom desempenho dos mercados financeiros internacionais que marcou o final do ano passado.

Nesse contexto, é interessante analisar a reação dos preços de alguns ativos antes, durante e após o dia 04/05, data na qual o banco central americano (FED) aumentou a taxa básica de juros da economia dos

EUA. As semanas anteriores à reunião foram de forte apreensão nos mercados, tendo em vista a perspectiva de endurecimento do discurso dos membros do FED. Entretanto, a decisão de subir em "apenas" 0,50pp os fed funds foi recebida com certo alívio no dia do evento pelos mercados de risco (o S&P500, por exemplo, terminou o dia com valorização de 3%), que temiam uma alta mais intensa, de 0,75p.p. – ou, ao menos, uma sinalização de que ela viria nos encontros seguintes. Ao contrário, o presidente da instituição, Jerome Powell, afirmou que essa opção nunca esteve sobre a mesa. Entretanto, no dia seguinte (05/05), os ativos passaram por nova forte deterioração, como que numa releitura do ocorrido no dia anterior. As taxas dos treasuries subiram fortemente, com ganho de inclinação, ao passo que as bolsas ao redor do mundo e moedas emergentes sofreram forte desvalorização.

Como interpretar esses sinais? A suspeita é que os investidores avaliaram que o Banco Central americano cometeu um erro na condução da política monetária ao sinalizar uma postura mais comedida num momento de forte pressão inflacionária global e, em particular, nos EUA. A consequência deste "erro" é que, no futuro, o FED será forçado a corrigir o rumo e elevar a taxa em ainda maior intensidade (por isso, o ganho de inclinação da curva americana), correndo o risco de levar a economia, inadvertidamente, para uma recessão. O reflexo disso foi uma queda generalizada de ativos cujos valuations são bastante sensíveis às taxas de juros (como as ações), assim como o ganho de força global do dólar.

O que deveria ocorrer no cenário macroeconômico para que os mercados voltassem a se beneficiar desse importante elemento de determinação dos preços dos ativos? No entendimento dos analistas, uma "retratação" e um ajuste no discurso do FED (no sentido de sinalizar uma eventual aceleração da alta da taxa básica) não seriam suficientes para que a dinâmica se tornasse mais benigna. Pois, nesse caso, elevam-se as chances de um eventual "hard landing" da economia americana. Ainda que as condições econômicas por lá – mercado de trabalho robusto, poupança elevada, boa situação financeira de famílias e empresas, condições de crédito favoráveis – trabalhem a favor de um "pouso suave", é incerta a exata relação entre a magnitude do aperto monetário e o seu real efeito sobre as condições econômicas. Tal incerteza se eleva sobretudo diante de um ambiente inusual como o atual: vale lembrar que o aperto monetário atual será realizado concomitantemente ao processo de redução do balanço do FED, que expandiu-se de forma significativa ao longo das últimas duas décadas. Pelo ineditismo do processo, é difícil antecipar com precisão seus impactos sobre a economia global.

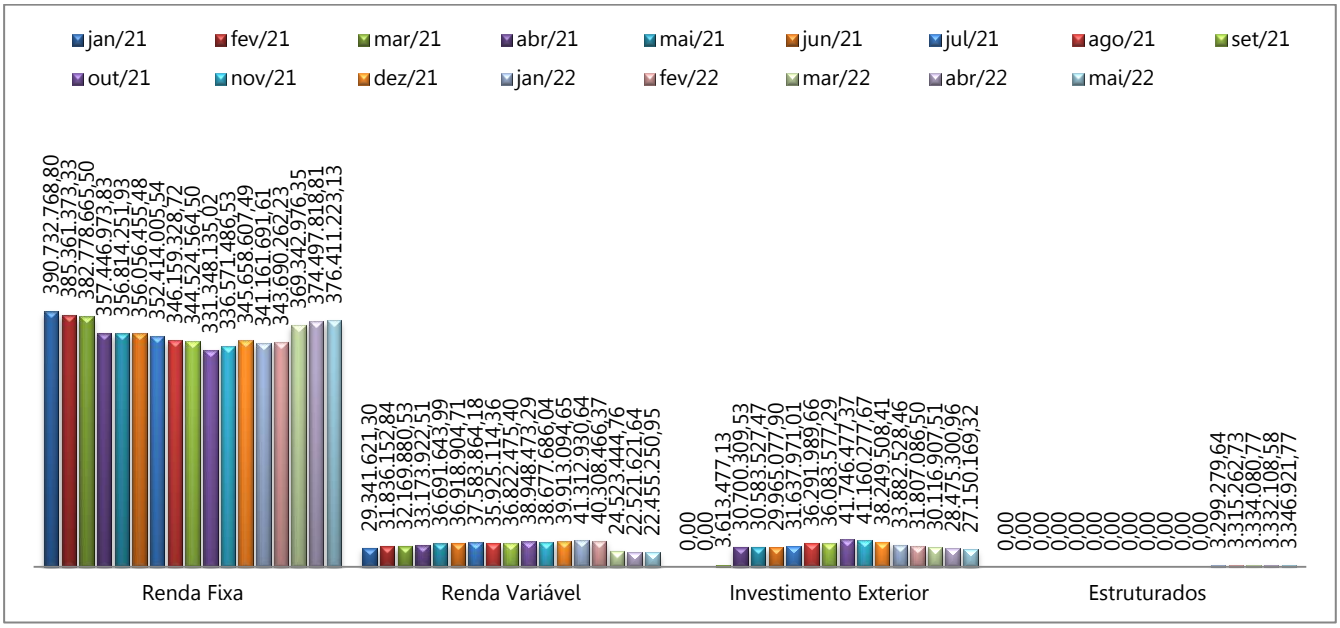
Se essa narrativa está correta, avaliam que o elemento do cenário macro mais relevante para a trajetória dos mercados nos próximos meses é o comportamento da inflação global. Na ausência de uma genuína surpresa baixista com a dinâmica dos preços, acredito que o mercado está fadado a passar por um período de volatilidade e forte presença de downside risks derivados do ambiente econômico. No que tange à "surpresa genuína", me refiro a uma desaceleração das pressões de custos salariais perceptíveis em diversos indicadores e não uma devolução da forte alta de itens impactados pela pandemia, como os preços de carros usados. O o risco de assistirmos a algo nessa direção no curto prazo é baixo.

Nesse sentido, tendo a acreditar que, nesta virada de semestre, o componente macroeconômico global tende a contribuir para um ambiente de maior incerteza sobre os preços dos ativos. Assim, avalio que torna-se ainda mais importante o processo de assessoria na tomada de decisão de investimentos e construção de portfólios com proteções adequadas. Não é demais lembrar que o 2º semestre no Brasil promete ser desafiador, tendo em vista a perspectiva de alta inflação (ainda que cadente), perda de ímpeto da atividade econômica e natural volatilidade associada ao ciclo eleitoral. Não é sempre que isso ocorre mas, desta vez, me parece que as razões para a turbulência atual nos mercados encontram-se bastante associadas ao ambiente macro global.

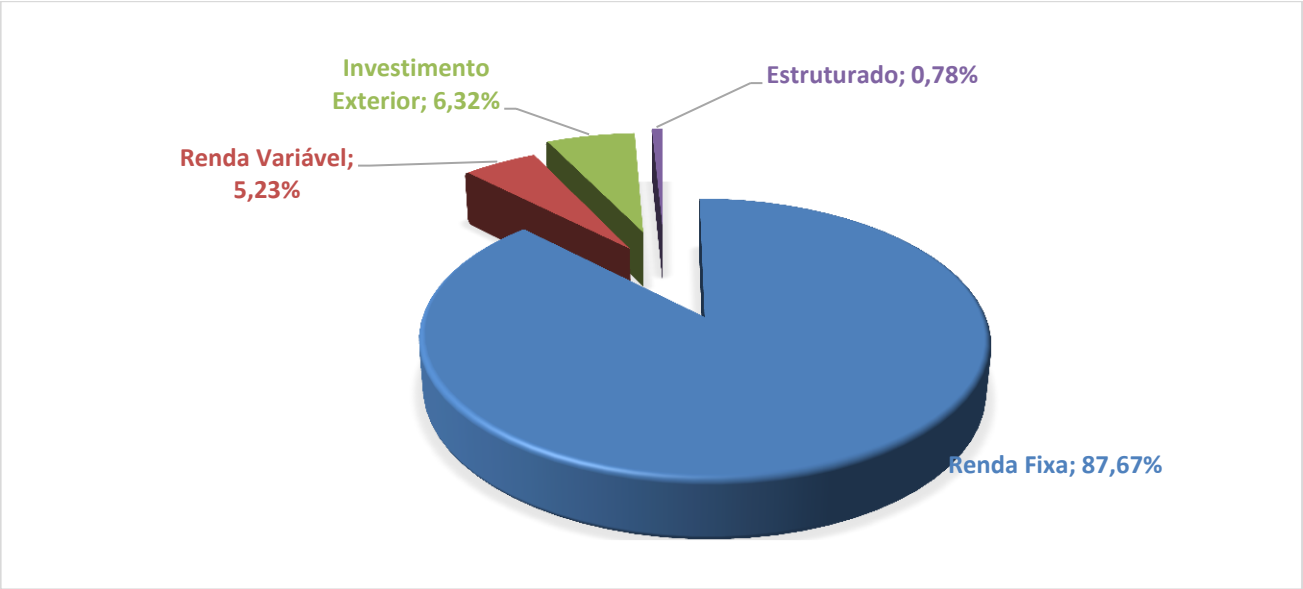
7- CARTEIRA DE INVESTIMENTOS

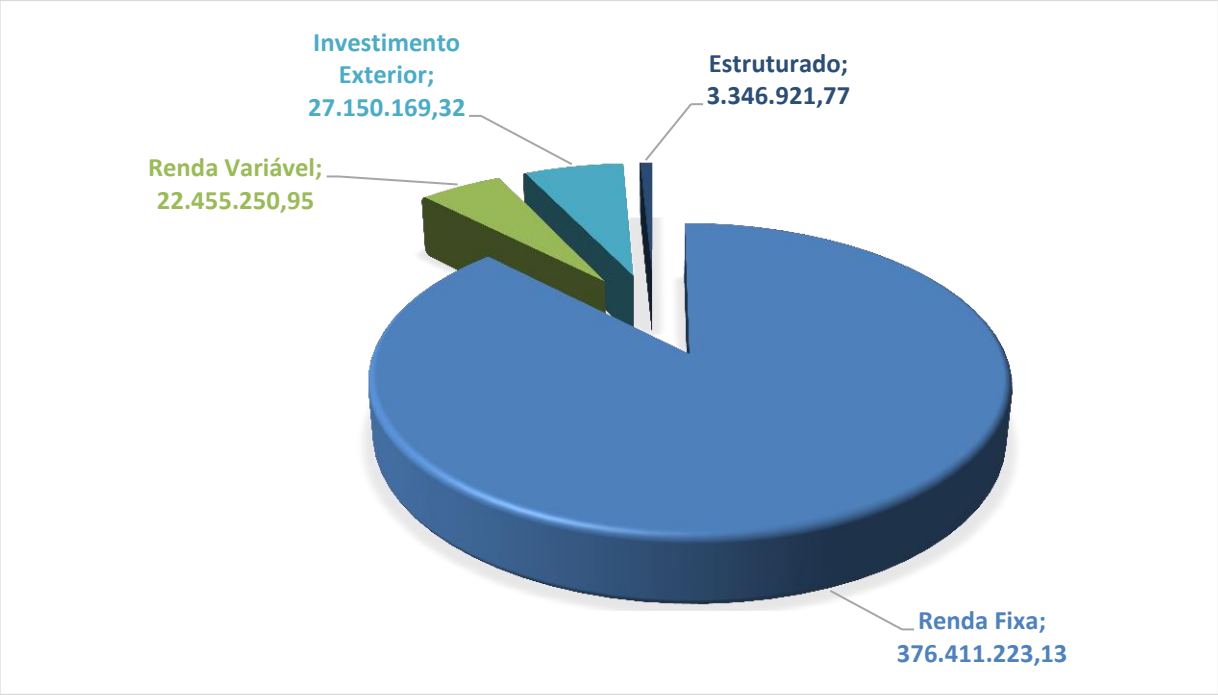
A Carteira de Investimentos do **Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU** apresentou valorização no mês .

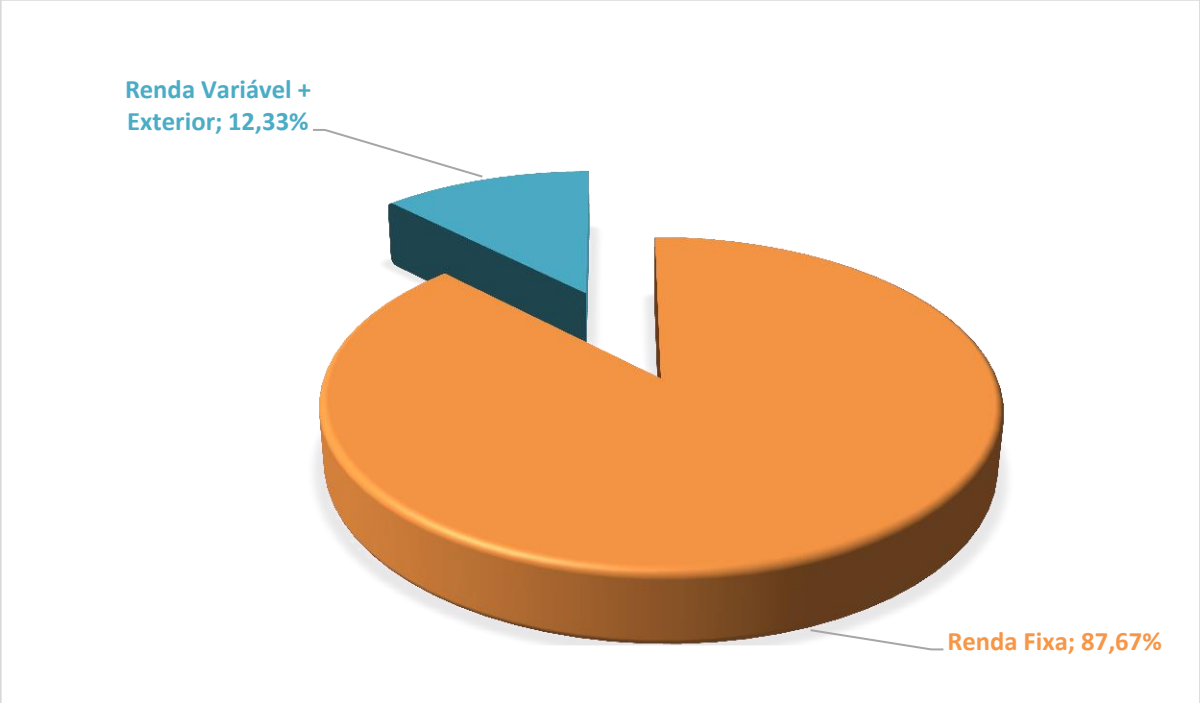
A composição da carteira de investimentos do IPMU no encerramento do mês atende aos requisitos previstos em Lei e cumpre a Política Anual de Investimentos – PAI 2022, elaborada pelos membros do Comitê de Investimentos, aprovada pelos membros do Conselho de Administração e ratificada pelos membros do Conselho Fiscal.



A carteira de investimentos do IPMU está segregada entre os segmentos de renda fixa (87,67%), renda variável (5,23%), alocação no investimento no exterior (6,32%) e fundos estruturados/multimercado (0,78%), dentro dos limites permitidos pela Resolução CMN nº 3922/2010 e compatível com os requisitos estabelecidos na Política de Investimentos – PAI 2022.

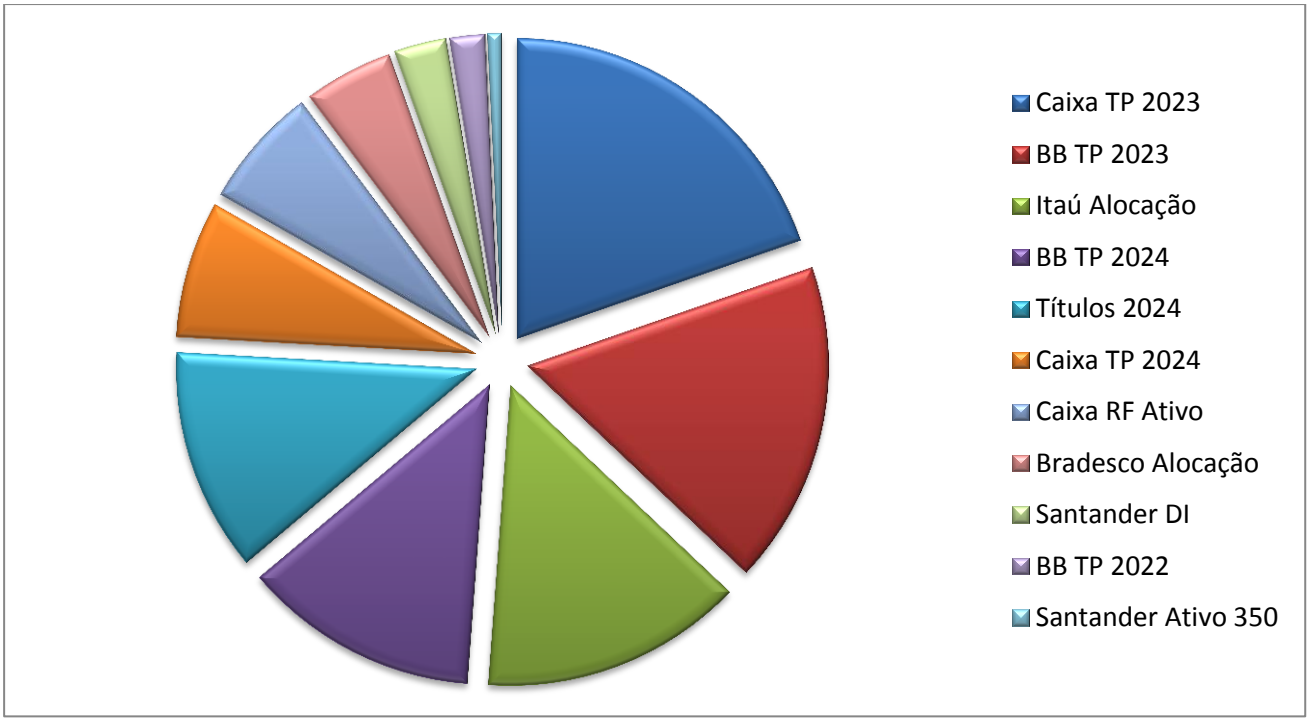



Investimento Exterior; 27.150.169,32
Estruturado; 3.346.921,77
Renda Variável; 22.455.250,95
Renda Fixa; 376.411.223,13


Renda Variável + Exterior; 12,33%
Renda Fixa; 87,67%

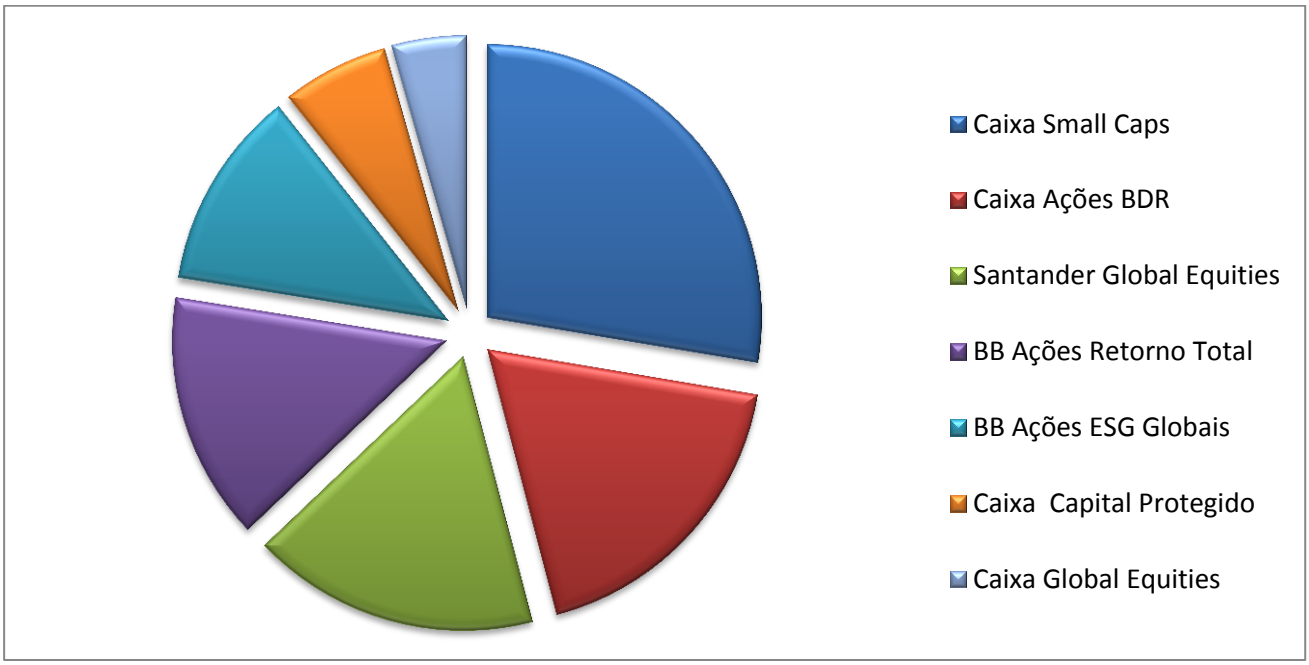
Os investimentos do IPMU demonstram uma "**gestão moderada**", com exposição em fundos compostos por 100% títulos públicos, diversificados em vértices de curto, médio e longo prazo.
Os investimentos em **Renda Fixa** estão diversificados, com concentração em maior volume em "IPCA" seguido de "IMA-B Total". De forma geral, apresentando resultados compatíveis com o desempenho do mercado.
A maioria dos fundos de **Renda Fixa** (11 fundos) da carteira de investimentos do IPMU são fundos "renda fixa ativa", onde o gestor pode atuar de forma mais abrangente, comprando e vendendo títulos públicos ou privados dos mais variados vértices. O Comitê de Investimentos tem acompanhado de perto o desempenho desses fundos, de forma que aquele que apresente melhor desempenho receba novos aportes, enquanto aqueles que apresentem desempenho ruim sejam alvo de resgates.

Ordem	Fundo de Renda Fixa	CNPJ	Resolução 4963/2021	% PL
1	BB Previdenciário RF TP 2022	24.117.278/0001-01	Artigo 7º I B	100%
2	BB Previdenciário RF TP 2023	15.486.093/0001-83	Artigo 7º I B	100%
3	BB Previdenciário RF TP 2024	44.345.590/0001-60	Artigo 7º I B	100%
4	Bradesco FIC FI Alocação Dinâmica	28.515.874/0001-09	Artigo 7º III A	60%
5	Caixa Brasil TP 2023	44.683.378/0001-02	Artigo 7º I B	100%
6	Caixa Brasil TP 2024	20.139.595/0001-78	Artigo 7º I B	100%
7	Caixa Brasil RF Ativo	35.536.532/0001-22	Artigo 7º III A	60%
8	Itaú Institucional Alocação Dinâmica	21.838.150/0001-49	Artigo 7º I B	100%
9	Santander RF Referenciado DI Institucional Premium (150)	02.224.354/0001-45	Artigo 7º III A	60%
10	Santander Ativo Renda Fixa (350)	26.507.132/0001-06	Artigo 7º III A	60%
11	Carteira de Títulos Públicos 2024		Artigo 7º I A	100%



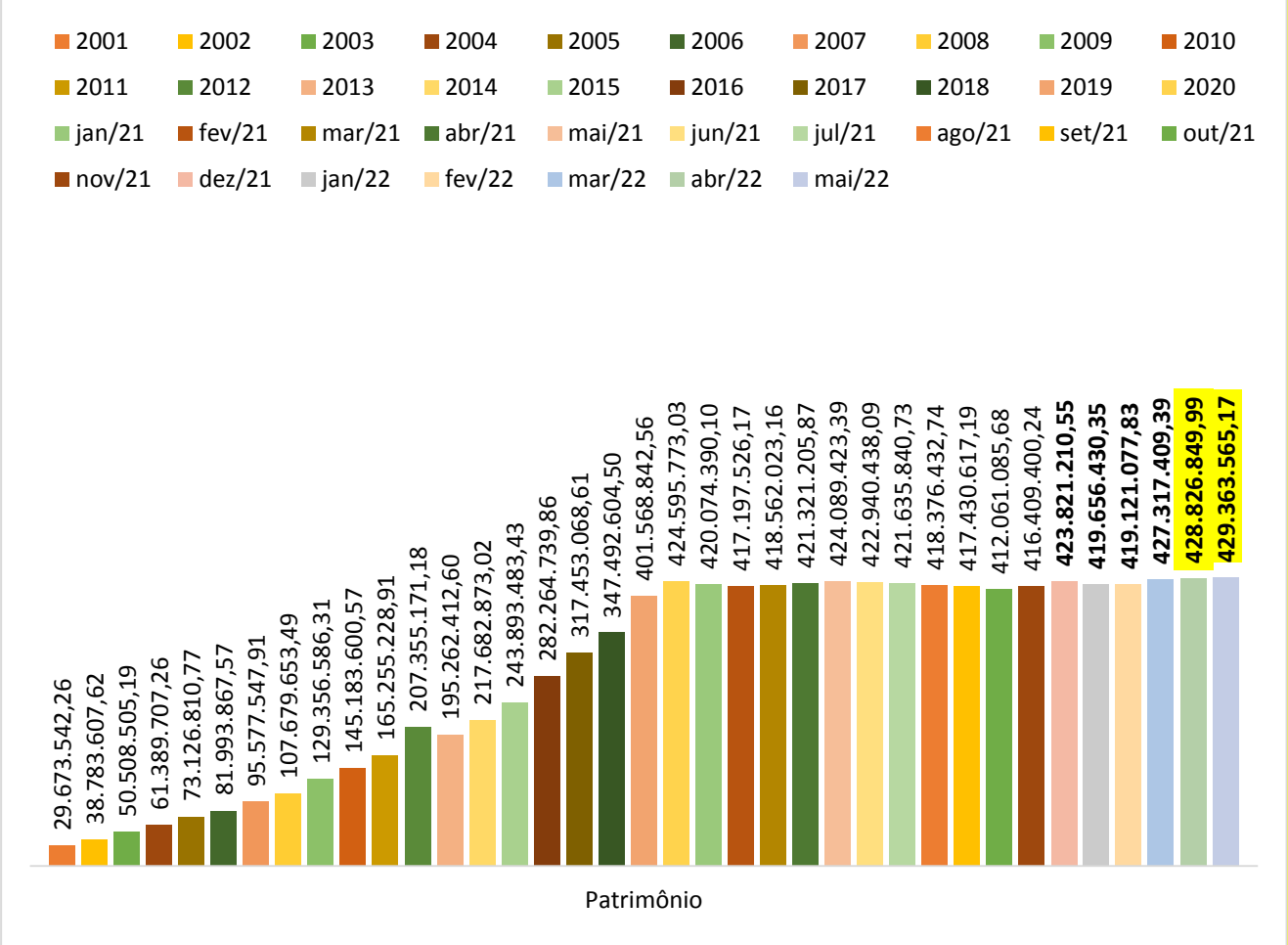
Os investimentos em **Renda Variável** (7 fundos) estão distribuídos em "Small Caps", "BDR" e "Estruturados/Multimercado". A aplicação neste segmento de investimentos vem evoluindo ao longo dos anos, pensando em um horizonte de médio e longo prazo, estratégia adotada pelo Comitê de Investimentos, elevou a aplicação no segmento de **0,00%** do PL em 2019 para **7,18%** do PL no final de 2020, para **18,44%** do PL no final de 2021, e encerrou o mês em **18,00%.** Já em 2022 diante da grande volatilidade do mercado, a estratégia adotada pelo Comitê de Investimentos foi de diminuir a exposição neste segmento, fechando o mês em **12,33**%.

Ordem	Fundos Renda Variável	CNPJ	Resolução 4963/2021	% PL
1	BB Retorno Total FIC Ações	09.005.805/0001-00	Artigo 8º I	30%
2	BB Ações ESG Globais	22.632.237/0001-28	Artigo 9º III	10%
3	Caixa FI Ações Small Caps	15.154.220/0001-47	Artigo 8º I	30%
4	Caixa FIC FIM Multigestor Global Equities IE	39.528.038/0001-77	Artigo 9º II	10%
5	Caixa Ações BDR Nível I	17.502.937/0001-68	Artigo 9º III	10%
6	Caixa Capital Protegido Bolsa de Valores	44.683.343/0001-73	Artigo 10º I	10%
7	Santander Global Equiteis Dólar Master	17.804.792/0001-50	Artigo 9º II	10%



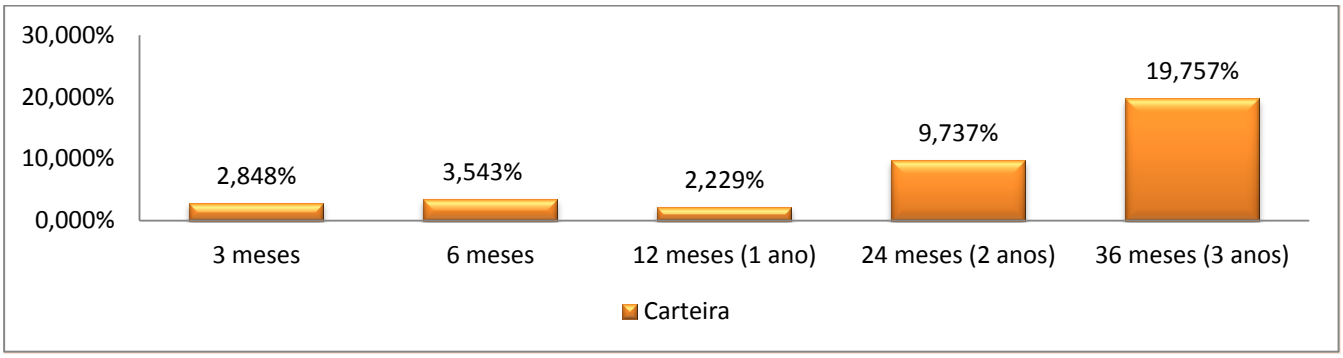
8- EVOLUÇÃO DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS

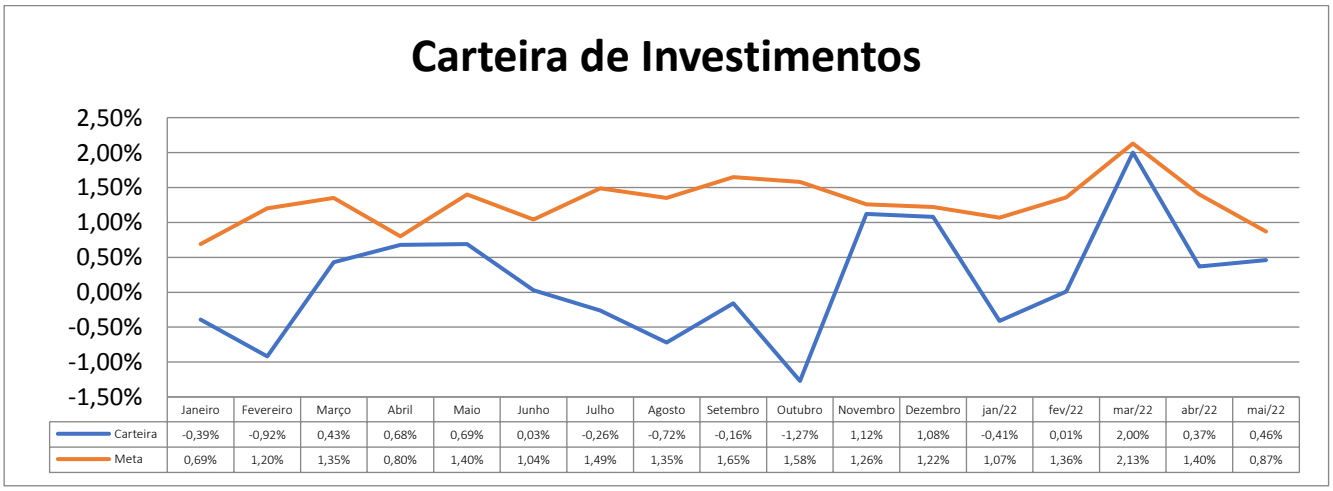
A evolução dos investimentos do IPMU dos últimos meses reflete a desvalorização acentuada no primeiro trimestre de 2020, com alguns períodos de recuperação, desde o ano de 2020, resultado devido à volatilidade dos mercados financeiros em decorrência do Coronavírus.
O ano de 2021 não foi favorável aos investimentos, devido à continuidade das incertezas na recuperação das economias (externa e doméstica) em decorrência da Covid-19 e no cenário doméstico as perspectivas de controle fiscal.
O ano de 2022 inicia com retração nos investimentos, reflexo da grande volatilidade dos mercados financeiros. De acordo com os analistas, existe a possibilidade de haver novos períodos de retração no patrimônio do IPMU, reproduzindo a volatilidade dos mercados, considerando que a carteira de investimentos apresenta exposição em ativos de alta volatilidade, principalmente os que apresentam vértices mais longos. Com a diversificação nos ativos que compõem os investimentos do IPMU, as retrações poderão ser menores, com a possibilidade de rápida recuperação, mesmo que de forma gradual.



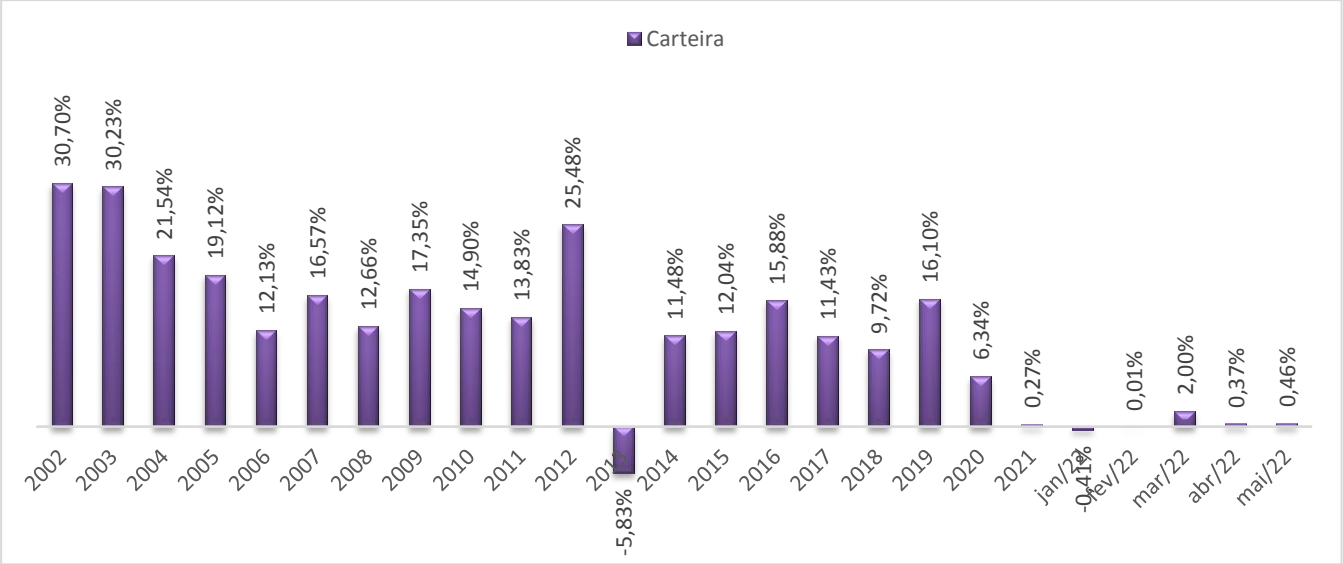
O retorno acumulado na carteira de investimentos do IPMU em 2020 não superou a "**meta atuarial**" devido as conjunturas dos mercados financeiros que foram fortemente afetados pela pandemia do Covid 19. Esta situação permaneceu em 2021. Em 2022, a rentabilidade nominal da "carteira de investimentos" no mêses de **jan/22 (-0,41%), fev/22 (0,01%), mar/22 (2,00%), abr/22 (0,37%), maio/22 (0,46%) e 2022 (2,46%)**, foram de percentuais muito inferiores em relação a "meta atuarial" do período de (INPC + 4,85% a.a) **7,01%** refletindo a grande volatilidade do mercado financeiro, em especial nos investimentos no exterior.

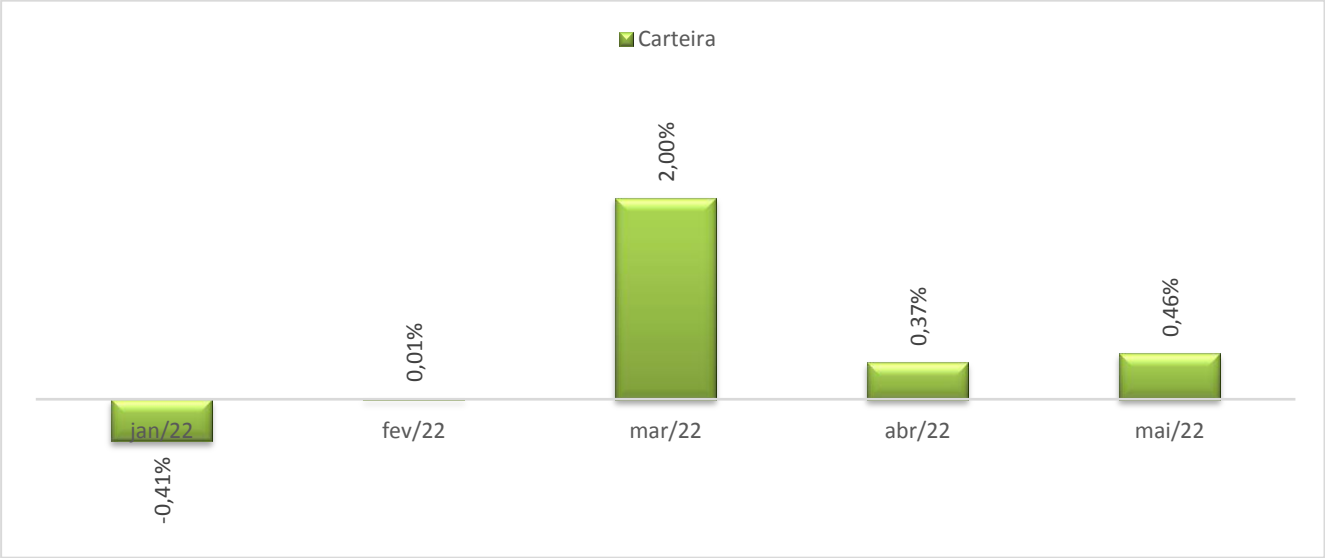
Desde 2020 vivemos momentos de grande volatilidade causada por uma crise sanitária, que reflete na economia, diante das incertezas quanto ao fim da pandemia. Com dificuldade de estabelecimento de expectativas confiáveis, os prêmios de riscos tendem a crescer e os mercados ficam com fortes volatilidades. No Brasil tem fatores/aspectos com forte influência sobre os mercados: situação das contas públicas, questões políticas, questões fiscais, continuidade de auxílios emergenciais, crescimento da inflação e a postura de autoridade monetária do Banco Central.





	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	mai/22
Carteira	-0,39%	-0,92%	0,43%	0,68%	0,69%	0,03%	-0,26%	-0,72%	-0,16%	-1,27%	1,12%	1,08%	-0,41%	0,01%	2,00%	0,37%	0,46%
Meta	0,69%	1,20%	1,35%	0,80%	1,40%	1,04%	1,49%	1,35%	1,65%	1,58%	1,26%	1,22%	1,07%	1,36%	2,13%	1,40%	0,87%


Carteira
30,70%
30,23%
21,54%
19,12%
12,13%
16,57%
12,66%
17,35%
14,90%
13,83%
25,48%
-5,83%
11,48%
12,04%
15,88%
11,43%
9,72%
16,10%
6,34%
0,27%
-0,41%
0,01%
2,00%
0,37%
0,46%
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
jan/22
fev/22
mar/22
abr/22
mai/22


Carteira
-0,41%
0,01%
2,00%
0,37%
0,46%
jan/22
fev/22
mar/22
abr/22
mai/22

9- COMPOSIÇÃO DOS INVESTIMENTOS

A Carteira de Investimentos do **Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU** é composta por **17 (dezesseis)** fundos de investimentos e por **01** Carteira de Títulos Públicos com vencimento para 2024.

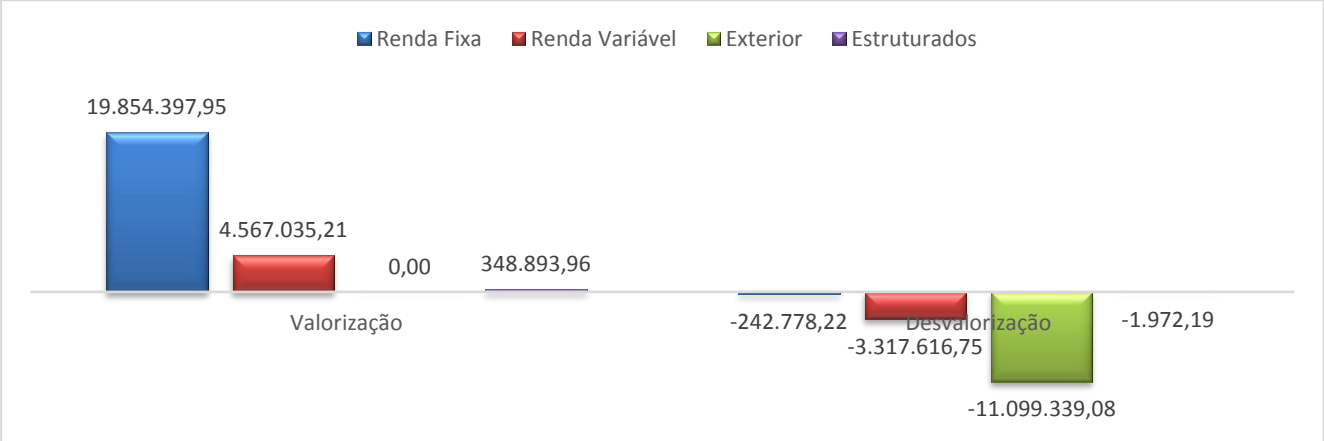
Ordem	Fundo	CNPJ	Resolução 4963/2021	% PL
1	BB Previdenciário RF TP 2022	24.117.278/0001-01	Artigo 7º I B	100%
2	BB Previdenciário RF TP 2023	15.486.093/0001-83	Artigo 7º I B	100%
3	BB Previdenciário RF TP 2024	44.345.590/0001-60	Artigo 7º I B	100%
4	BB Retorno Total FIC Ações	09.005.805/0001-00	Artigo 8º I	30%
5	BB Ações ESG Globais	22.632.237/0001-28	Artigo 9º III	10%
6	Bradesco FIC FI Alocação Dinâmica	28.515.874/0001-09	Artigo 7º III A	60%
7	Caixa Brasil Títulos Públicos 2023	44.683.378/0001-02	Artigo 7º I B	100%
8	Caixa Brasil Títulos Públicos 2024	20.139.595/0001-78	Artigo 7º I B	100%
9	Caixa Brasil Renda Fixa Ativo	35.536.532/0001-22	Artigo 7º III A	60%
10	Caixa FI Ações Small Caps	15.154.220/0001-47	Artigo 8º I	30%
11	Caixa FIC FIM Multigestor Global Equities IE	39.528.038/0001-77	Artigo 9º II	10%
12	Caixa Ações BDR Nível I	17.502.937/0001-68	Artigo 9º III	10%
13	Caixa Capital Protegido Bolsa de Valores	44.683.343/0001-73	Artigo 10º I	10%
14	Itaú Institucional Renda Fixa Referenciado DI	00.832.435/0001-00	Artigo 7º III A	60%
15	Santander RF Ref. DI Institucional Premium (150)	02.224.354/0001-45	Artigo 7º III A	60%
16	Santander Ativo Renda Fixa (350)	26.507.132/0001-06	Artigo 7º III A	60%
17	Santander Global Equiteis Dólar Master	17.804.792/0001-50	Artigo 9º II	10%
18	Carteira de Títulos Públicos 2024		Artigo 7º I A	100%

10- RENTABILIDADE

O patrimônio do IPMU apresentou variação **positiva** no mês, refletindo a grande volatilidade dos mercados financeiros:

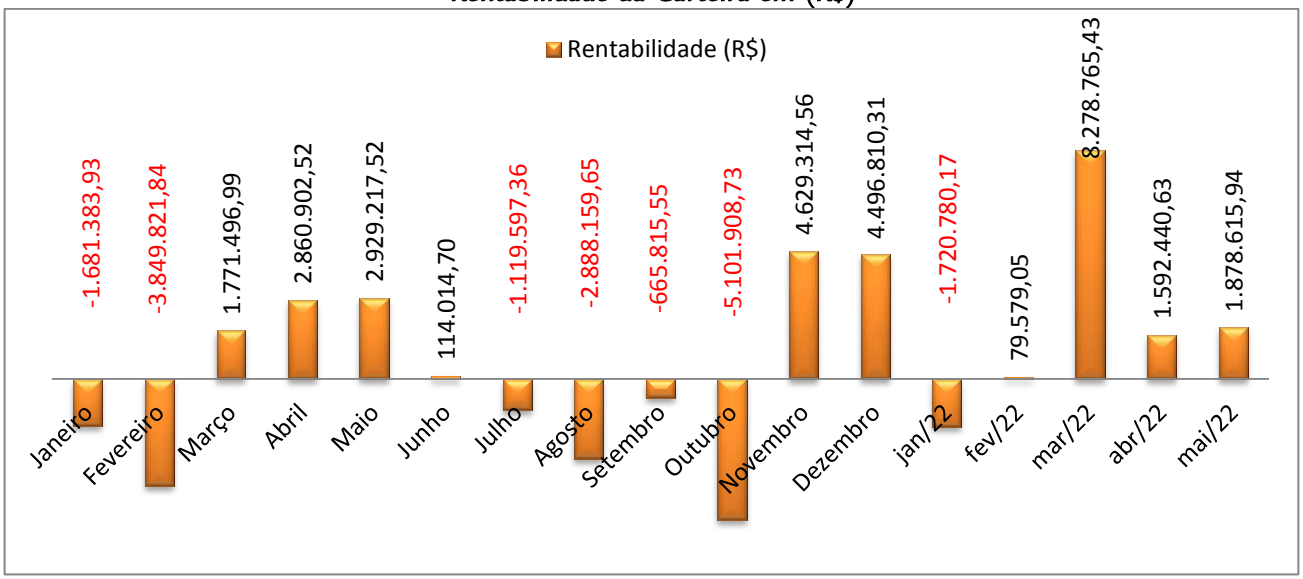
	Fundo	CNPJ	Cota 30/04/2022	Cota 31/05/2022	Rentabilidade
1	BB Previdenciário RF TP 2022	24.117.278/0001-01	1,957864833	1,970540435	0,6474%
2	BB Previdenciário RF TP 2023	15.486.093/0001-83	2,743485372	2,757115503	0,4968%
3	BB Previdenciário RF TP 2024	44.345.590/0001-60	1,045949360	1,055221477	0,8865%
4	BB Retorno Total FIC Ações	09.005.805/0001-00	1,164673038	1,198706248	2,9221%
5	BB Ações ESG Globais	22.632.237/0001-28	2,109934855	2,030599581	-3,7601%
6	Bradesco FIC FI Alocação Dinâmica	28.515.874/0001-09	1,323879600	1,334916200	0,83366%
7	Caixa Brasil Título Público 2023	44.683.378/0001-02	ajustado		0,5200%
8	Caixa Brasil Título Público 2024	20.139.959/0001-78	ajustado		0,8900%
9	Caixa Brasil RF Ativo	35.536.532/0001-22	1.080,302103000	1.093,979399000	1,2661%
10	Caixa FI Ações Small Caps	15.154.220/0001-47	1,580845000	1,550507000	-1,9191%
11	Caixa FIC FIM Multigestor Global Equities IE	39.528.038/0001-77	813,591213000	753,248859000	-7,4168%
12	Caixa Ações BDR Nível I	17.502.937/0001-68	5,131022000	4,903359000	-4,4370%
13	Caixa Capital Protegido Bolsa de Valores	44.683.343/0001-73	1,113105000	1,118053000	0,4445%
14	Itaú Institucional Alocação Dinâmica	21.838.150/0001-49	19,489381000	19,681993000	0,9883%
	Itaú Institucional Referenciado DI	00.832.435/0001-00	3.470,925251000	3.510,768116000	1,1479%
15	Santander RF Ref. DI Institucional Premium (150)	02.224.354/0001-45	203,015295500	205,239405800	1,0955%
16	Santander Ativo Renda Fixa (350)	26.507.132/0001-06	13,592368500	13,703742300	0,8194%
17	Santander Global Equiteis Dólar Master	17.804.792/0001-50	38,304981000	36,455936200	-4,8272%
18	Carteira de Títulos Públicos 2024		4.012,788701000	4.049,245526000	0,9085%

* fundos de Índices da Caixa ajustados devido ao pagamento de juros semestrais



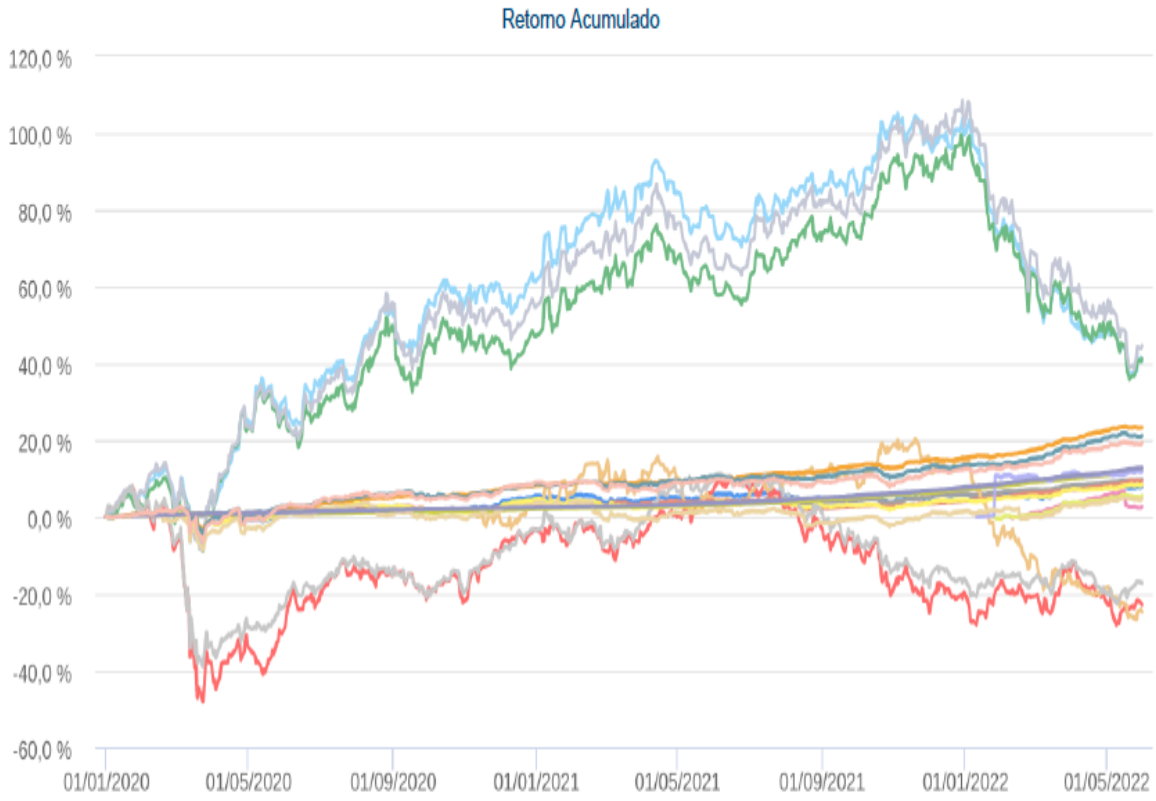
Investimentos	Enquadramento 4963/21	mai/22	% PL	Valorização	Desvalorização	Consolidado
Renda Fixa	Artigo 7º I A	45.149.087,61	10,52%	406.493,59	0,00	406.493,59
Renda Fixa	Artigo 7º I B	222.071.907,26	51,72%	1.677.583,88	0,00	1.677.583,88
Renda Fixa	Artigo 7º III A	109.190.228,26	25,43%	1.171.227,61	0,00	1.171.227,61
Renda Variável	Artigo 8º I	22.455.250,95	5,23%	220.819,24	-287.189,93	-66.370,69
Investimento Exterior	Artigo 9º II	11.157.773,63	2,60%	0,00	-628.803,16	-628.803,16
Investimento Exterior	Artigo 9º III	15.992.395,69	3,72%	0,00	-696.328,48	-696.328,48
Fundos Estruturados	Artigo 10 I	3.346.921,77	0,78%	14.813,19	0,00	14.813,19
Total		429.363.565,17	100,00%	3.490.937,51	-1.612.321,57	1.878.615,94

Rentabilidade da Carteira em (R$)



:: Portfólio Carteira IPMU 2022 02/01/2020 até 31/05/2022

Gráfico



- Portfólio Carteira IPMU 2022
- SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA
- CAIXA SMALL CAPS ATIVO FI AÇÕES
- CAIXA MULTIGESTOR GLOBAL EQUITIES INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO
- SANTANDER GLOBAL EQUITIES DÓLAR MASTER INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO
- BB AÇÕES ESG GLOBAIS FIC AÇÕES BDR NÍVEL I
- CAIXA INSTITUCIONAL FI AÇÕES BDR NÍVEL I
- BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
- CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP
- BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA
- BB RETORNO TOTAL FIC AÇÕES
- SANTANDER INSTITUCIONAL PREMIUM FIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI
- BB TÍTULOS PÚBLICOS IPCA FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
- CAIXA BRASIL 2023 TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA
- BB TÍTULOS PÚBLICOS XXI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
- CAIXA CAPITAL PROTEGIDO BOLSA DE VALORES IV FIC MULTIMERCADO
- CAIXA BRASIL 2024 IV TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA
- ITAÚ INSTITUCIONAL FI RENDA FIXA REFERENCIADO DI
- NTN-B 760199 20240815

11- CONTROLE DE RISCO

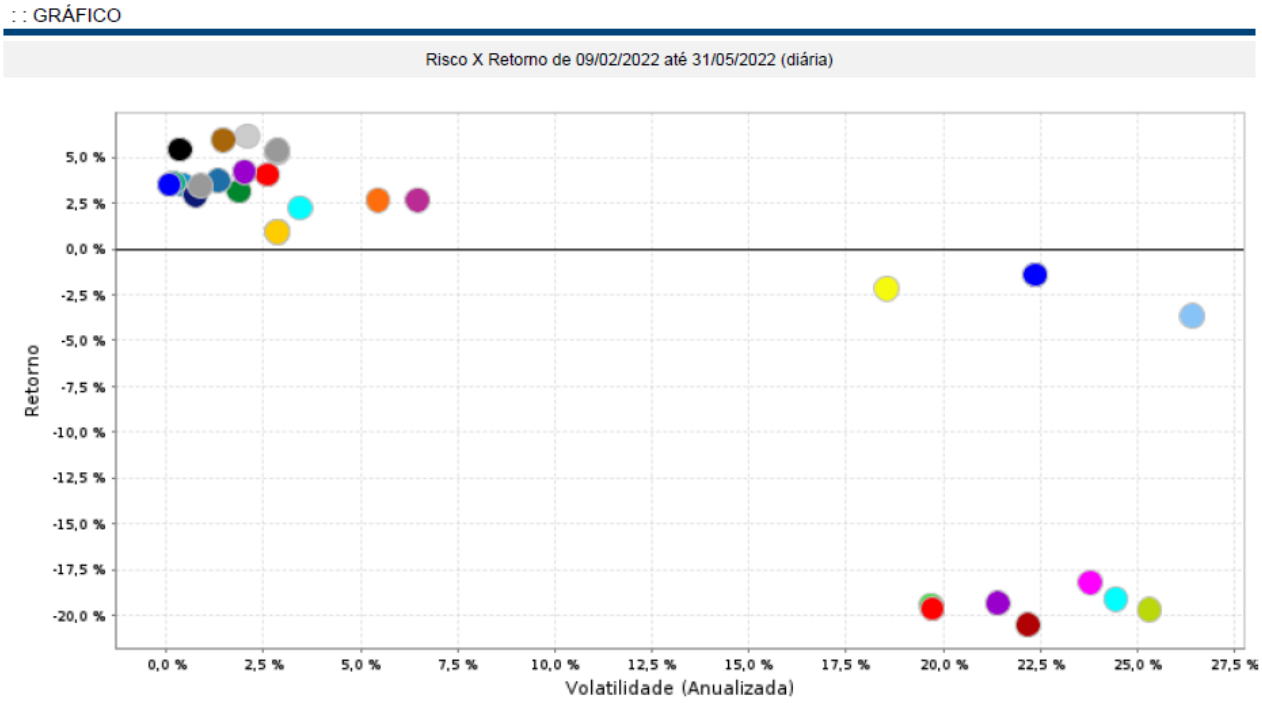
O risco está associado ao grau de incerteza sobre um investimento no futuro, havendo diversas formas de mensurá-lo. Em geral, há uma forte relação entre o risco e o retorno de um ativo: quanto maior o risco, maior a probabilidade de um retorno (ou perda) mais elevado.

Qualquer aplicação financeira está sujeita à incidência de fatores de riscos que podem afetar adversamente o seu retorno. Dessa forma, os responsáveis pela gestão financeira dos recursos do IPMU devem exercer o acompanhamento e controle sobre esses riscos.

Com relação ao risco de mercado (risco inerente a todas as modalidades de aplicações financeiras disponíveis no mercado financeiro) corresponde à incerteza em relação ao resultado de um investimento financeiro ou de uma carteira de investimentos, em decorrência de mudanças futuras nas condições de mercado. É o risco de variações, oscilações nas taxas e preços de mercado (taxa de juros, preços de ações e outros índices). É ligado às oscilações do mercado financeiro.

Apesar de todas as aplicações possuírem certo grau de risco, que pode ou não ser equivalente ao retorno pretendido, é possível tomar algumas medidas visando a redução do risco da carteira ao mesmo tempo em que potencializa os retornos, como, por exemplo, diversificando.

Os riscos da Carteira de Investimentos do IPMU são baixos e a diversificação tornou-se mais do que uma opção para os investidores, tornou-se uma obrigação. Quem não diversificar os investimentos corre o risco de ter resultados insatisfatórios que podem comprometer uma carteira ou um fundo de investimentos.

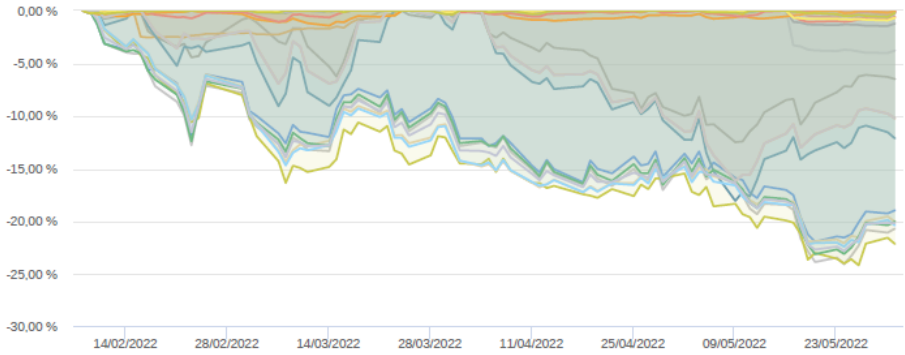


Ativo	Retorno	Volatilidade (Anualizada)
BB AÇÕES ESG GLOBAIS FIC AÇÕES BDR NÍVEL I	-18,19 %	23,78 %
BB RETORNO TOTAL FIC AÇÕES	-2,17 %	18,55 %
BB TÍTULOS PÚBLICOS IPCA FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	6,14 %	2,08 %
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	5,95 %	1,46 %
BB TÍTULOS PÚBLICOS XXI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	5,29 %	2,85 %
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA	3,16 %	1,87 %
CAIXA BRASIL 2023 TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA	2,67 %	6,46 %
CAIXA BRASIL 2024 IV TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA	2,65 %	5,44 %
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP	3,74 %	1,34 %
CAIXA CAPITAL PROTEGIDO BOLSA DE VALORES IV FIC MULTIMERCADO	0,93 %	2,85 %
CAIXA INSTITUCIONAL FI AÇÕES BDR NÍVEL I	-19,68 %	25,31 %
CAIXA MULTIGESTOR GLOBAL EQUITIES INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO	-20,49 %	22,19 %
CAIXA SMALL CAPS ATIVO FI AÇÕES	-3,64 %	26,42 %
ITAÚ INSTITUCIONAL ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA	3,51 %	0,41 %
ITAÚ INSTITUCIONAL FI RENDA FIXA REFERENCIADO DI	3,61 %	0,17 %
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA	2,94 %	0,74 %
SANTANDER GLOBAL EQUITIES DÓLAR MASTER INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO	-19,43 %	19,69 %
SANTANDER INSTITUCIONAL PREMIUM FIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI	3,51 %	0,08 %
Meta Atuarial 2022 - Índice INPC +4,850%	5,43 %	0,35 %
art. 10 I - res. 4963_2021	0,93 %	2,85 %
art. 7 I a - res. 4963_2021	5,38 %	2,86 %
art. 7 I b - res. 4963_2021	4,05 %	2,60 %

Ativo	Retorno	Volatilidade (Anualizada)
art. 7 III a - res. 4963_2021	3,44 %	0,87 %
art. 8 I - res. 4963_2021	-1,41 %	22,37 %
art. 9 II - res. 4963_2021	-19,63 %	19,72 %
art. 9 III - res. 4963_2021	-19,10 %	24,44 %
EXTERIOR - 2022	-19,32 %	21,40 %
MULTIMERCADO - 2022	0,93 %	2,85 %
Portfólio Carteira IPMU 2022	2,25 %	3,44 %
RENDA FIXA 2022	4,20 %	2,00 %
RENDA VARIÁVEL 2022	-1,41 %	22,37 %
NTN-B 760199 20240815	5,38 %	2,86 %

::GRÁFICO

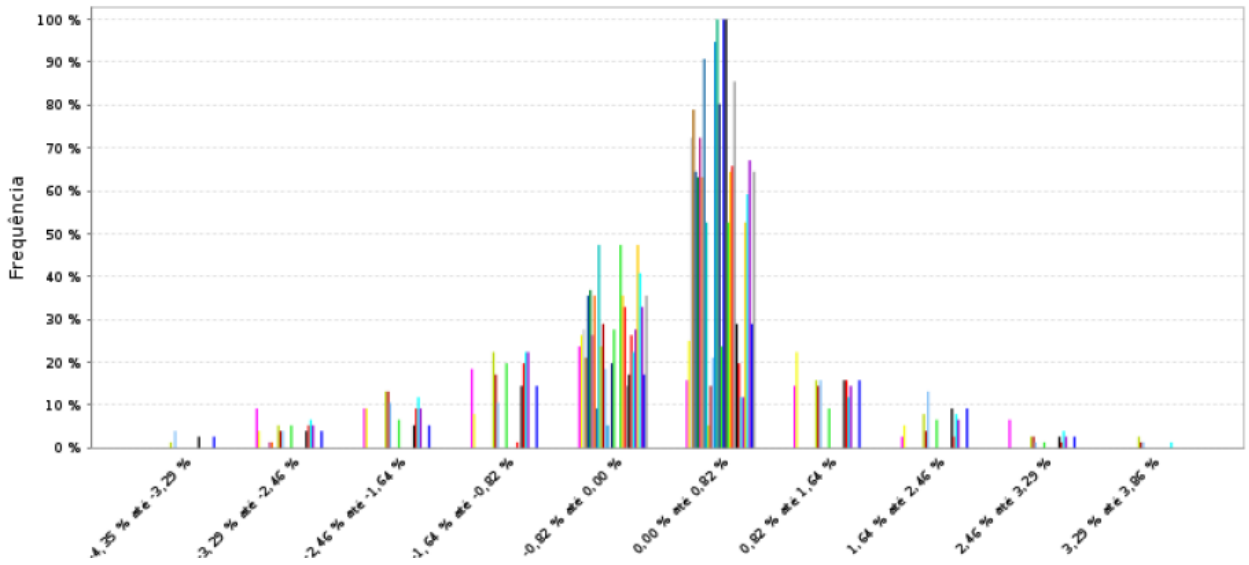
Drawdown - 09/02/2022 à 31/05/2022 (diária)



Ativo	Retorno	Volatilidade	Início do Máximo Drawdown	Data do Máximo Drawdown	Máximo Drawdown
BB AÇÕES ESG GLOBAIS FIC AÇÕES BDR NÍVEL I	-18,19 %	23,78 %	09/02/2022	20/05/2022	-21,94 %
BB RETORNO TOTAL FIC AÇÕES	-2,17 %	18,55 %	01/04/2022	09/05/2022	-12,50 %
BB TÍTULOS PÚBLICOS IPCA FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	6,14 %	2,08 %	16/05/2022	30/05/2022	-0,81 %
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	5,95 %	1,46 %	17/05/2022	27/05/2022	-0,30 %
BB TÍTULOS PÚBLICOS XXI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	5,29 %	2,85 %	16/05/2022	30/05/2022	-0,60 %
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA	3,16 %	1,87 %	04/04/2022	11/04/2022	-0,41 %
CAIXA BRASIL 2023 TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA	2,67 %	6,46 %	16/05/2022	30/05/2022	-4,02 %
CAIXA BRASIL 2024 IV TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA	2,65 %	5,44 %	15/02/2022	17/02/2022	-2,55 %
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP	3,74 %	1,34 %	23/05/2022	30/05/2022	-0,42 %
CAIXA CAPITAL PROTEGIDO BOLSA DE VALORES IV FIC MULTIMERCADO	0,93 %	2,85 %	23/02/2022	14/03/2022	-1,43 %
CAIXA INSTITUCIONAL FI AÇÕES BDR NÍVEL I	-19,68 %	25,31 %	09/02/2022	24/05/2022	-24,08 %
CAIXA MULTIGESTOR GLOBAL EQUITIES INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO	-20,49 %	22,19 %	10/02/2022	26/05/2022	-24,18 %
CAIXA SMALL CAPS ATIVO FI AÇÕES	-3,64 %	26,42 %	04/04/2022	09/05/2022	-18,07 %
ITAÚ INSTITUCIONAL ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA	3,51 %	0,41 %	08/02/2022	09/02/2022	-0,05 %
ITAÚ INSTITUCIONAL FI RENDA FIXA REFERENCIADO DI	3,61 %	0,17 %	-	-	-
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA	2,94 %	0,74 %	02/03/2022	08/03/2022	-0,13 %
SANTANDER GLOBAL EQUITIES DÓLAR MASTER INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO	-19,43 %	19,69 %	09/02/2022	24/05/2022	-22,09 %

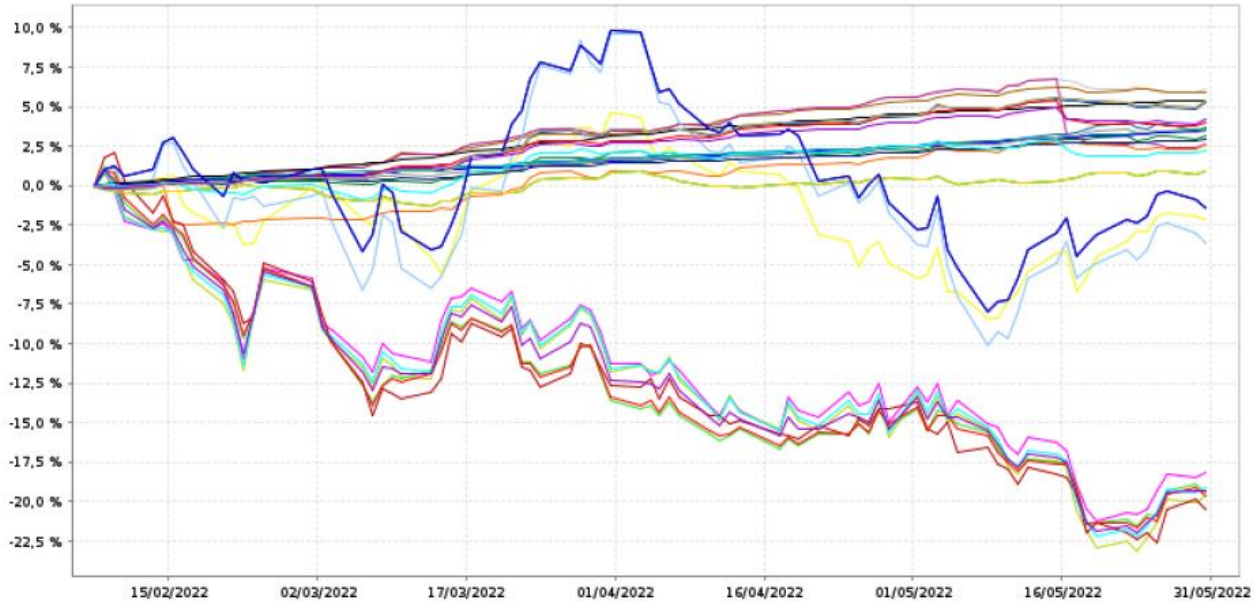
: : GRÁFICO

Distribuição do retorno efetivo de 09/02/2022 até 31/05/2022 (diária)



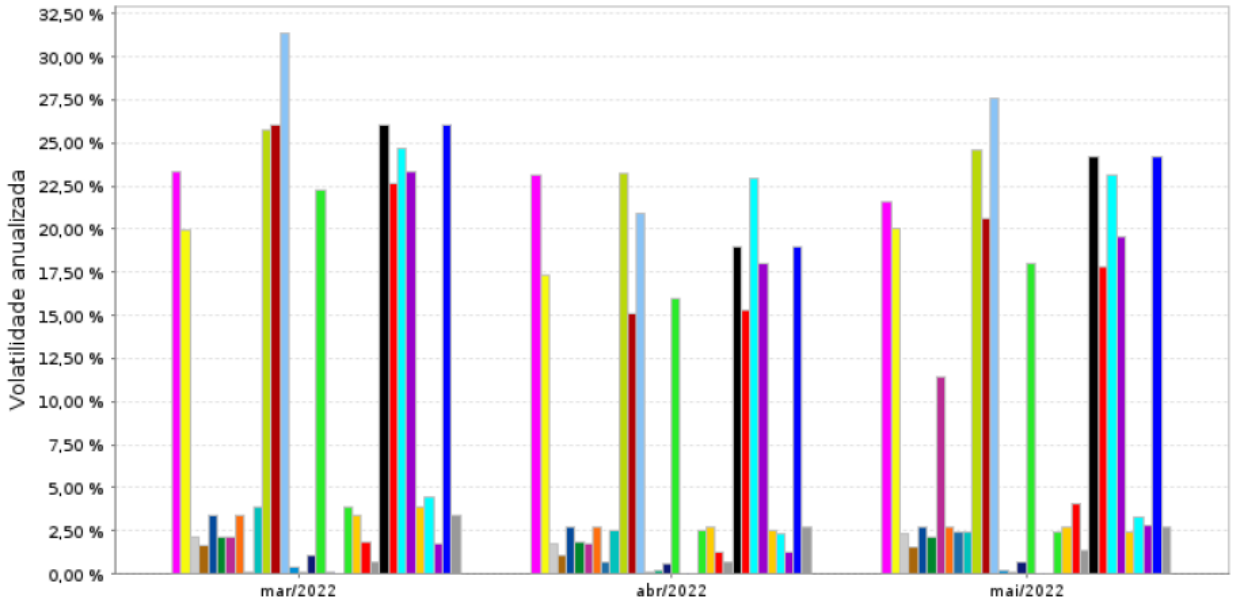
: : GRÁFICO

Retorno acumulado - 09/02/2022 até 31/05/2022 (diária)



: : GRÁFICO

Volatilidade mensal anualizada de Mar/2022 a Mai/2022 (mensal)

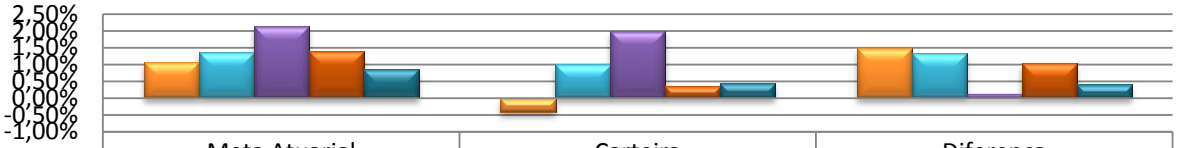


12- META ATUARIAL

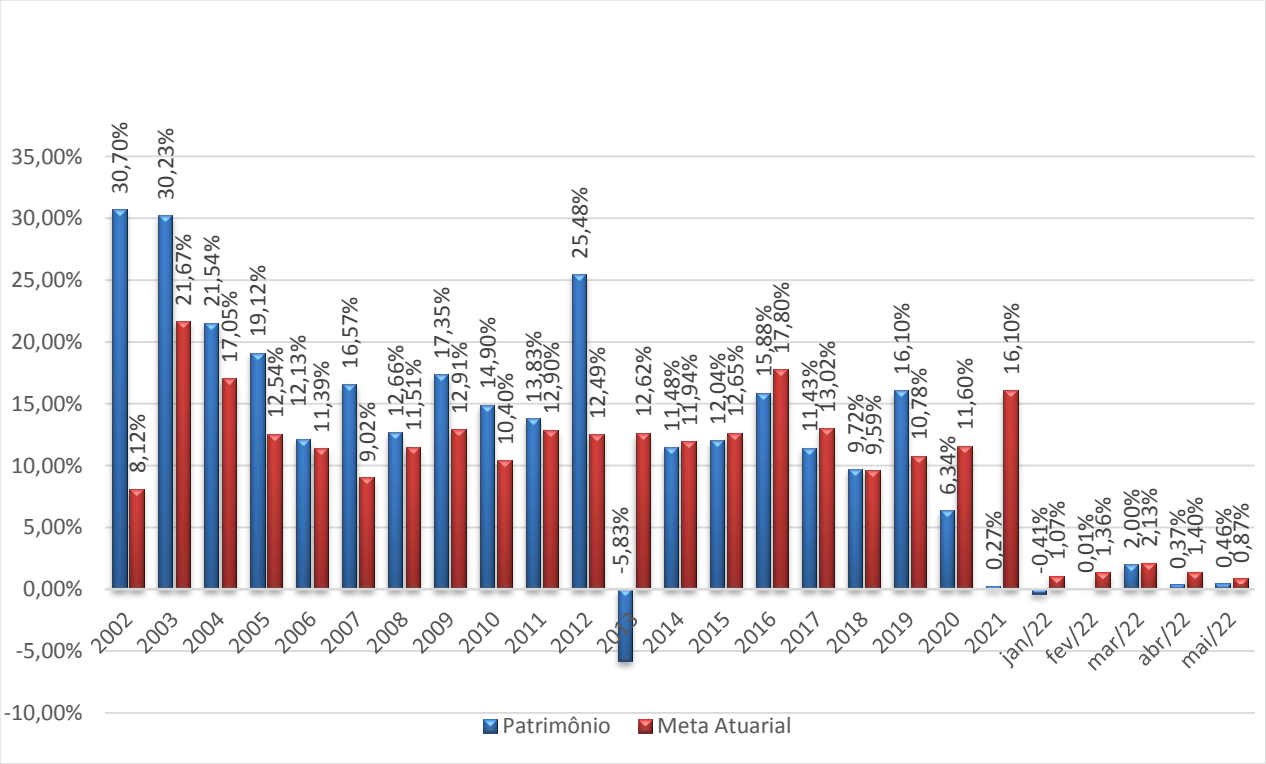
A Portaria MF nº 464/2018, que estabelece as normas aplicáveis às avaliações atuariais dos RPPSs, determina que a taxa atuarial de juros a ser utilizadas nas Avaliações Atuariais seja o menor percentual dentre o valor esperado da rentabilidade futura dos investimentos dos ativos e a taxa de juros parâmetro.

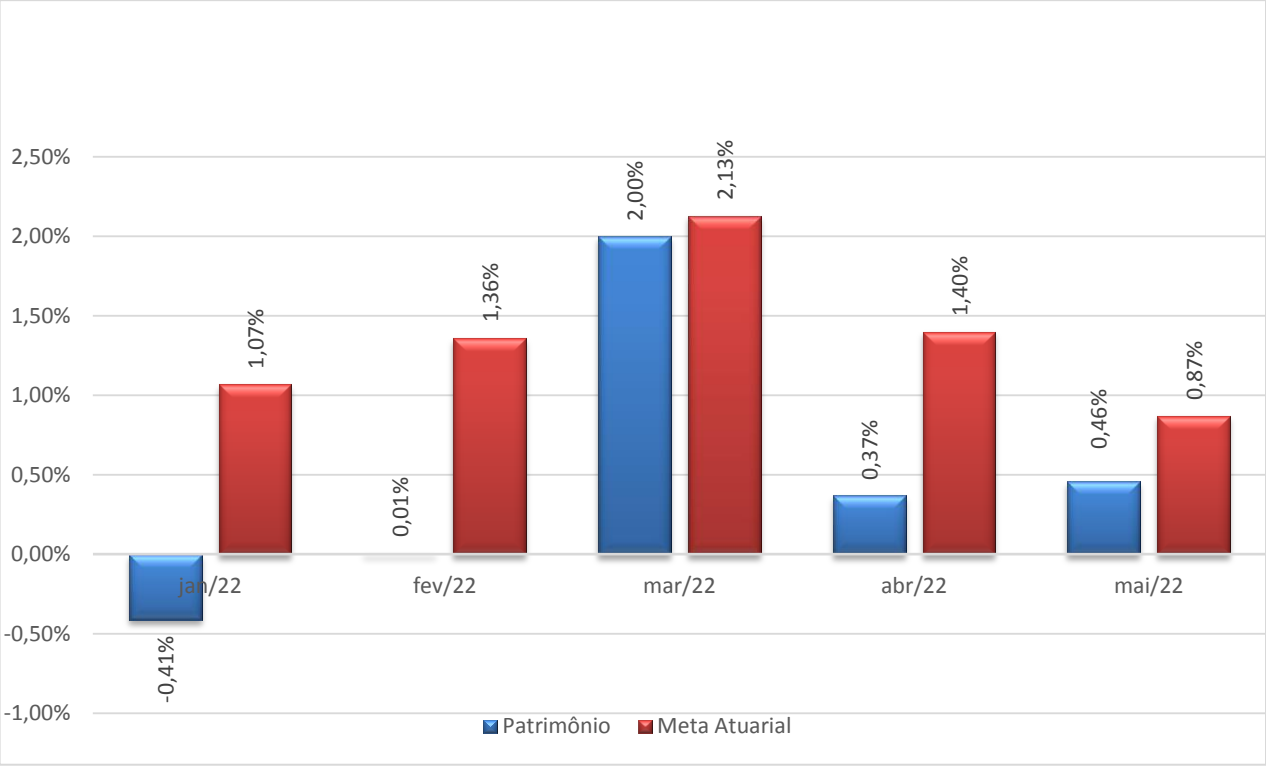
Meta atuarial é a rentabilidade mínima que um **RPPS** precisa auferir para que não haja perdas **atuariais** causadas pelo descasamento entre a hipótese utilizada (taxa de juros atuarial) e a rentabilidade alcançada. Para o exercício de 2022, considerando o resultado da duração o passivo do IPMU a taxa de juros definida é de 4,85% + INPC. O desempenho da carteira em 2021 não está positivo, refletindo a instabilidade do mercado financeiro em consequência da pandemia do Covid 19.

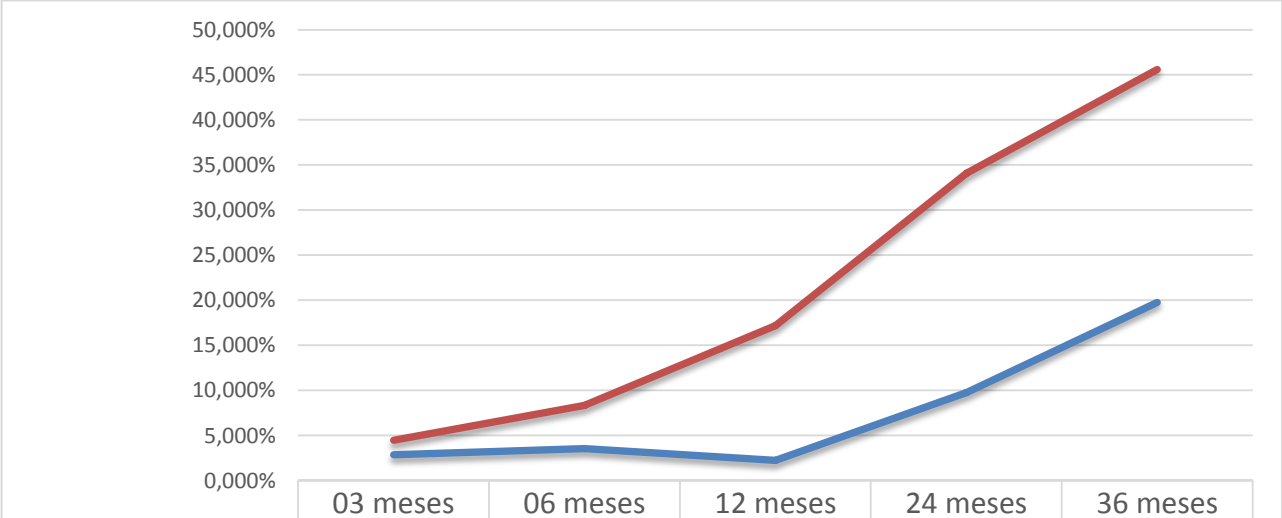
.



	Meta Atuarial	Carteira	Diferença
jan/22	1,07%	-0,41%	1,48%
fev/22	1,36%	1,00%	1,33%
mar/22	2,13%	2,00%	0,13%
abr/22	1,40%	0,37%	1,03%
mai/22	0,87%	0,46%	0,41%







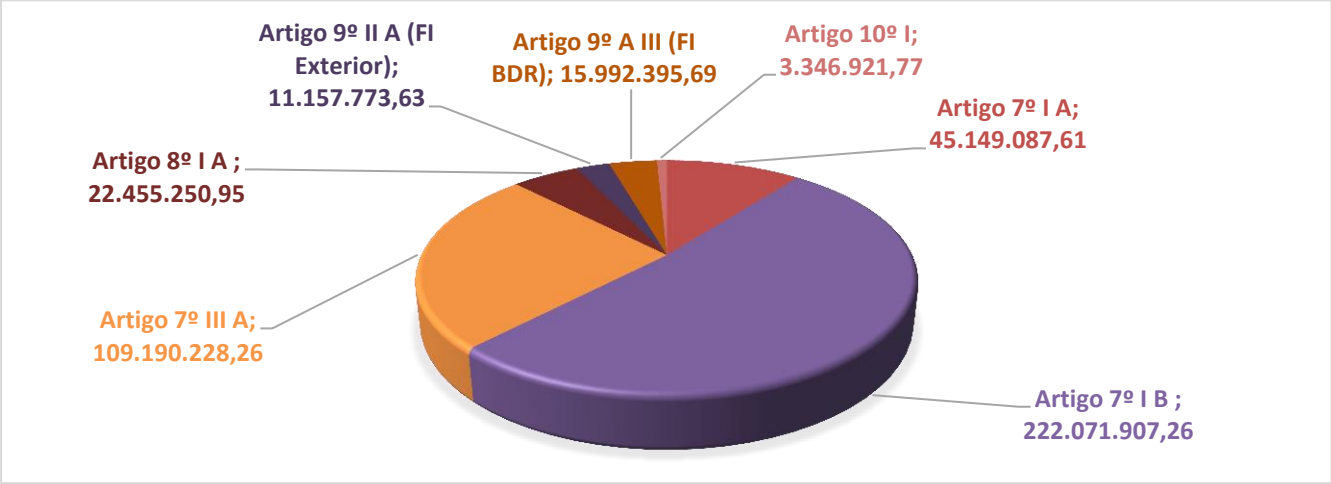
	03 meses	06 meses	12 meses	24 meses	36 meses
Carteira	2,848%	3,543%	2,229%	9,737%	19,757%
Meta Atuarial	4,461%	8,320%	17,185%	34,071%	45,578%

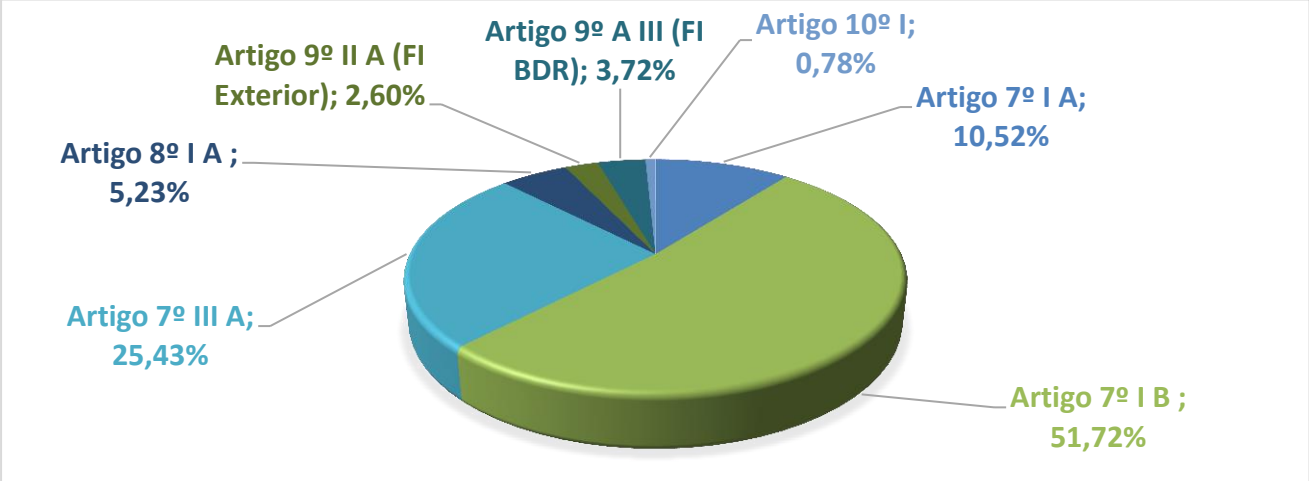
13- ENQUADRAMENTO

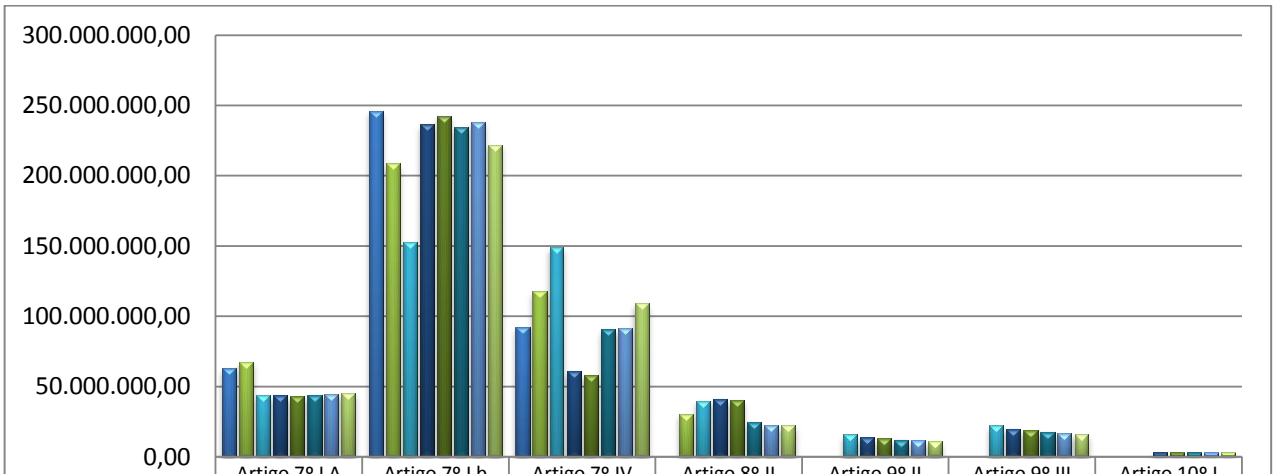
Com relação ao enquadramento, os recursos do IPMU estão corretamente distribuídos conforme os artigos da Resolução 3.922/10 alterada pelas Resoluções 4.604/17 e 4.695/18.

Os investimentos também estão distribuídos em atendimento aos limites estabelecidos na Política de Investimentos elaborada pelo Comitê de Investimentos, aprovada pelo Conselho de Administração e ratificada pelo Comitê de Investimentos.

O controle desse risco será feito por meio do acompanhamento dos relatórios de investimentos e a mudança de posição se fará de forma a minimizar perdas de rentabilidade.





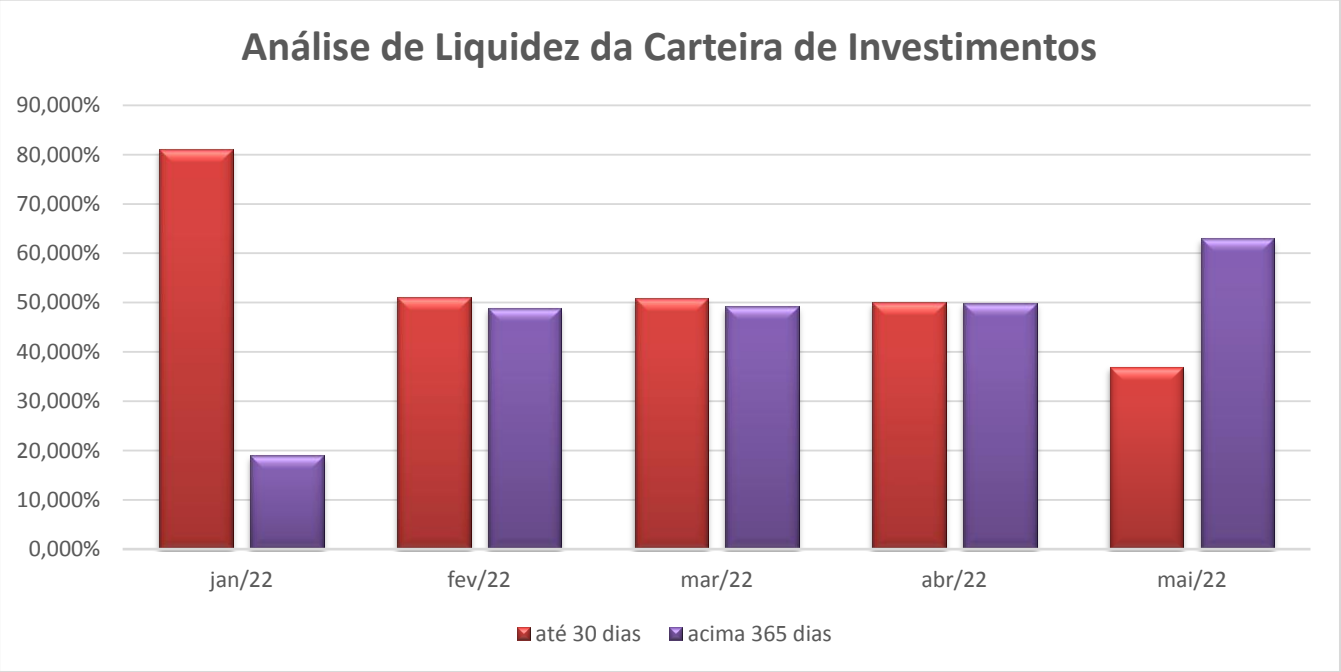


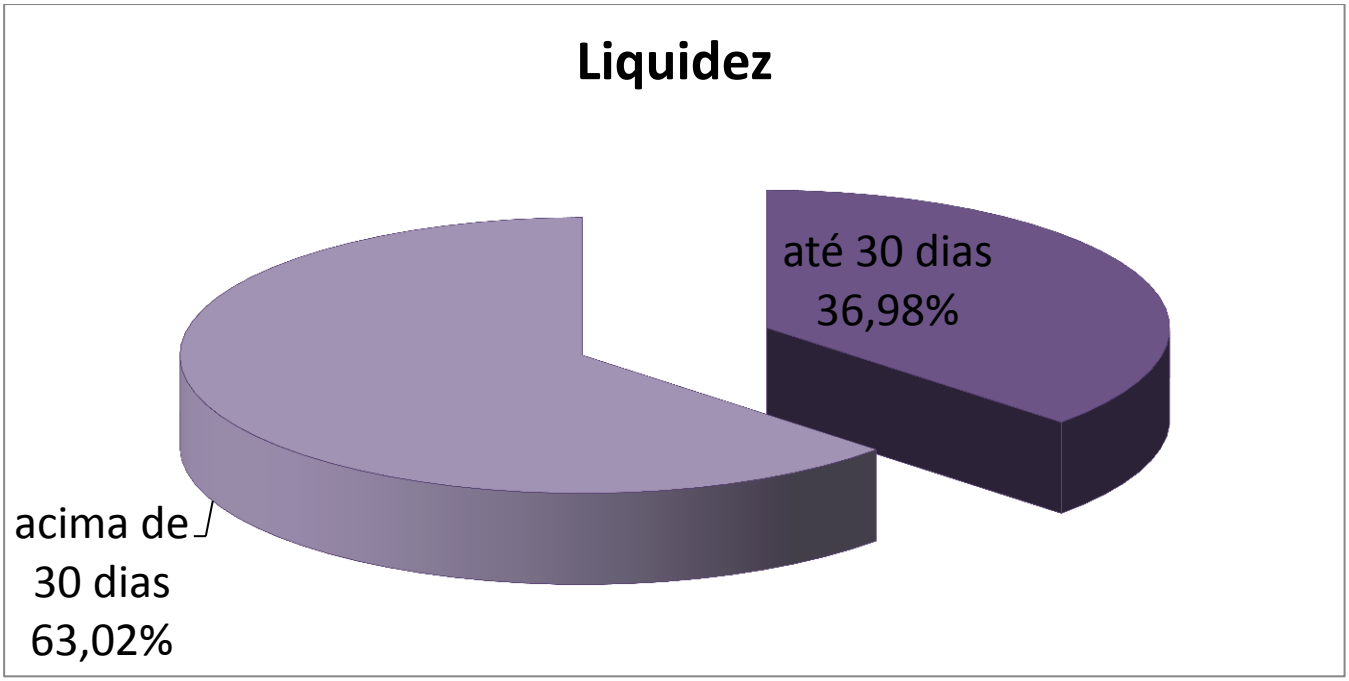
	Artigo 7º I A	Artigo 7º I b	Artigo 7º IV	Artigo 8º II	Artigo 9º II	Artigo 9º III	Artigo 10º I
31/12/2019	62.877.843,20	246.181.192,1	92.509.807,22	0,00	0,00	0,00	0,00
31/12/2020	67.704.345,18	208.876.680,8	117.515.392,1	30.499.354,88	0,00	0,00	0,00
dez/2021	43.823.480,80	152.953.994,2	148.881.132,4	39.913.094,65	16.032.413,96	22.217.094,45	0,00
jan/2022	43.817.635,68	236.609.973,9	60.734.082,00	41.312.930,64	13.906.018,46	19.976.510,00	3.299.279,64
fev/22	43.028.814,48	242.506.157,6	58.155.290,14	40.308.466,37	13.152.366,36	18.654.720,14	3.315.262,73
mar/22	44.183.221,47	234.542.706,5	90.617.048,31	24.523.444,76	12.244.922,46	17.871.985,05	3.334.080,77
abr/22	44.742.594,02	238.455.720,7	91.299.504,02	22.521.621,64	11.786.576,79	16.688.724,17	3.332.108,58
mai/22	45.149.087,61	222.071.907,2	109.190.228,2	22.455.250,95	11.157.773,63	15.992.395,69	3.346.921,77

	Enquadramento	Tipo de Ativo	Alocação Objetivo	Limite Superior	Limite Resolução 4963/2021	Aplicação IPMU	Diferença
RENDA FIXA	Art. 7º, I, "a"	Títulos Públicos Registrados no Selic	15%	50%	100%	10,52%	4,48%
	Art. 7º, I, "b"	Fundos 100% Títulos Públicos	28%	50%	100%	51,72%	-23,72%
	Art. 7º, I, "c"	Fundos de Índice 100% TP - Referenciado	1%	50%	100%	0,00%	0,00%
	Art. 7º, II	Operações Compromissadas	0%	0%	5%	0,00%	0,00%
	Art. 7º, III, "a"	Fundos de Renda Fixa	20%	30%	60%	25,43%	-5,43%
	Art. 7º, III, "b"	Fundos de Índice de Renda Fixa (ETF) negociados em bolsa	6%	30%	60%	0,00%	0,00%
	Art. 7º, IV	Ativos RF emissão obrigado/coobrigado	1%	5%	20%	0,00%	0,00%
	Art. 7º, V, "a"	Cota Sênior de FIDC	0%	0%	5% / 15%	0,00%	0,00%
	Art. 7º, V, "b"	Fundos Renda Fixa "Crédito Privado"	1%	5%	5% / 15%	0,00%	0,00%
	Art. 7º, V, "c"	Fundo de Debêntures	0%	0%	5% / 15%	0,00%	0,00%
RENDA VARIÁVEL	Art. 8º, II	Fundos de Índices Referenciados	10%	15%	30%	0,00%	0,00%
	Art. 8º, I	Fundos de Ações	5%	15%	30%	5,23%	-0,23%
EXTERIOR	Art. 9º A, I	Renda Fixa - Dívida Externa	1%	10%	10%	0,00%	0,00%
	Art. 9º A, II	Fundos de Investimento no Exterior	4%	10%	10%	2,60%	1,40%
	Art. 9º A, III	Ações - BDR Nível I	5%	10%	10%	3,72%	1,28%
ESTRUTURADOS	Art. 10, I	Fundos Multimercados	1%	5%	10% / 15%	0,78%	0,22%
	Art. 10, II	Fundos de Participações	1%	1%	5% / 10%	0,00%	1,00%
	Art. 10, III	Fundos de Ações - Mercado de Acesso	1%	10%	5% / 10%	0,00%	1,00%
IMOBILIÁRIOS	Art. 11	Fundos de Investimentos Imobiliários	0%	0%	5%	0,00%	0,00%
			100%				

14- ANÁLISE DE LIQUIDEZ

Liquidez, em contabilidade, corresponde à velocidade e facilidade com a qual um ativo pode ser convertido em caixa. Na realidade, a liquidez possui duas dimensões: facilidade de conversão versus perda de valor. Qualquer ativo pode ser convertido em caixa rapidamente, desde que se reduza suficientemente o preço.





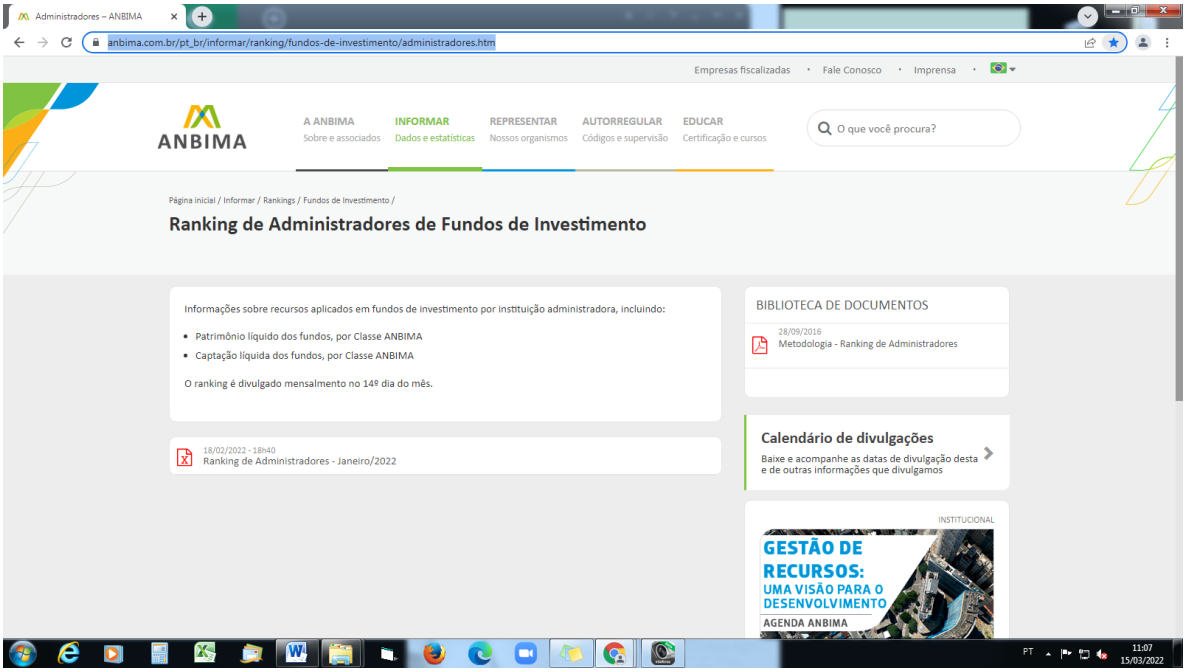
15- ALOCAÇÃO POR GESTOR

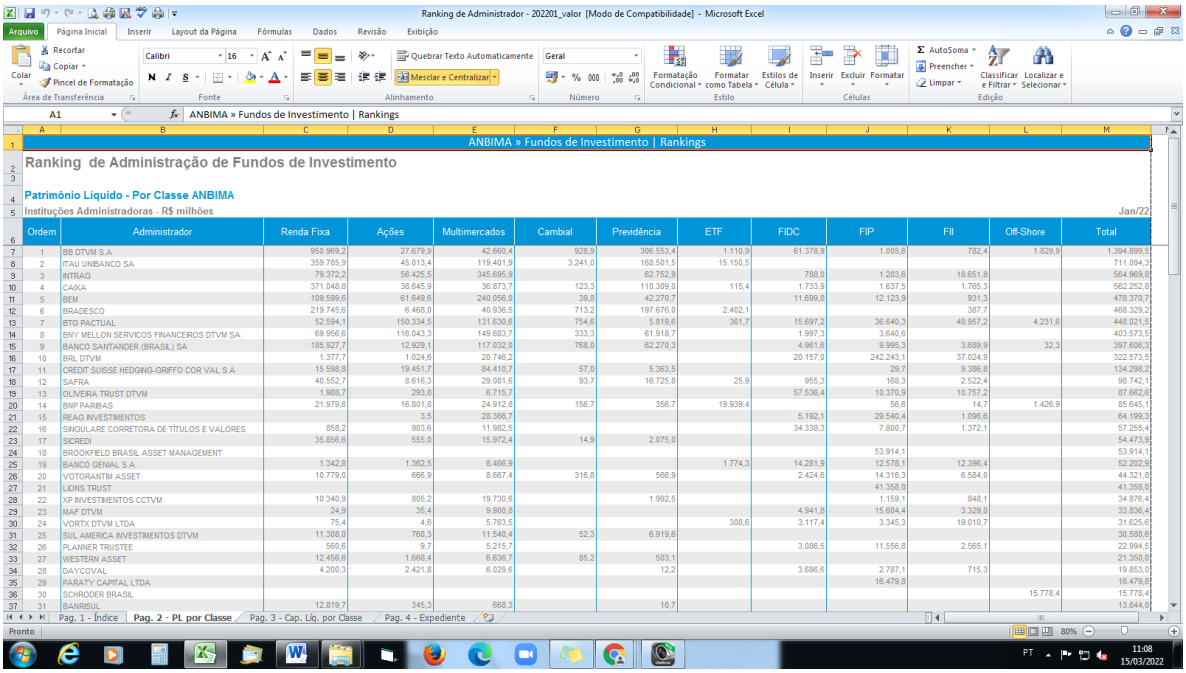
Para a diversificação de ativos, a Política de Investimentos para 2022 estabelece que o IPMU deverá manter seus recursos em no mínimo 03 (três) e no máximo 12 (doze) instituições financeiras, devidamente autorizadas a funcionar no País pelo Banco Central do Brasil, cujos gestores e administradores figurem entre os 10 (dez) primeiros colocados no ranking da Anbima – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capital, não ocorrendo limitação de alocação por gestor/administrador.

Os recursos aplicados pelo IPMU distribuem-se entre instituições financeiras objeto de prévio credenciamento, que atendem aos parâmetros traçados pela Resolução CMN nº 3.922/10 e suas atualizações e pela Portaria MPS nº 519/11.

Todas as Instituições Financeiras Credenciadas pelo IPMU estão publicadas no site institucional e podem ser acessadas através do endereço eletrônico:
https://ipmu.com.br/site/comite-de-investimentos/credenciamento-de-instituicoes-para-investimentos/

https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/ranking/fundos-de-investimento/administradores.htm
https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/ranking/fundos-de-investimento/gestores.htm
https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/ranking/fundos-de-investimento/global.htm





ANBIMA » Fundos de Investimento | Rankings

Ranking de Administração de Fundos de Investimento

Patrimônio Líquido - Por Classe ANBIMA

Instituções Administradoras - R$ milhões — Jan/22

Ordem	Administrador	Renda Fixa	Ações	Multimercados	Cambial	Previdência	ETF	FIDC	FIP	FII	Off-Shore	Total
1	BB DTVM S.A	950.969,2	27.679,9	42.660,4	928,9	306.553,4	1.110,9	61.378,9	1.005,6	782,4	1.829,9	1.394.899,5
2	ITAU UNIBANCO SA	359.785,9	45.013,4	119.401,9	3.241,0	168.501,5	15.150,5					711.094,3
3	NITRAQ	79.372,2	56.425,5	345.695,9		62.752,9		788,0	1.283,6	18.651,8		564.969,8
4	CAIXA	371.048,8	38.645,9	36.873,7	123,3	110.309,0	115,4	1.733,9	1.637,5	1.765,3		562.252,8
5	BEM	109.599,6	61.649,6	240.056,0	39,8	42.270,7		11.699,8	12.123,9	931,3		478.370,7
6	BRADESCO	219.745,6	6.468,0	40.936,5	713,2	197.676,0	2.402,1			387,7		468.329,2
7	BTG PACTUAL	52.594,1	150.334,5	131.630,6	754,6	5.819,6	361,7	15.697,2	36.640,3	49.957,2	4.231,8	448.021,5
8	BNY MELLON SERVICOS FINANCEIROS DTVM SA	69.956,6	116.043,3	149.683,7	333,3	61.918,7		1.997,3	3.640,6			403.573,5
9	BANCO SANTANDER (BRASIL) SA	185.927,7	12.829,1	117.032,0	768,0	62.270,3		4.961,6	9.995,5	3.689,9	32,3	397.606,3
10	BRL DTVM	1.377,7	1.024,6	20.746,2				20.157,0	242.243,1	37.024,9		322.573,5
11	CREDIT SUISSE HEDGING-GRIFFO COR VAL S.A	15.598,8	19.451,7	84.410,7	57,0	5.363,5			29,7	9.386,8		134.298,2
12	SAFRA	40.552,7	8.616,3	29.081,6	93,7	16.725,8	25,9	955,3	168,3	2.522,4		98.742,1
13	OLIVEIRA TRUST DTVM	1.988,7	293,8	6.715,7				57.536,4	10.370,9	10.757,2		87.662,8
14	BNP PARIBAS	21.979,6	16.801,8	24.912,8	156,7	356,7	19.939,4		56,6	14,7	1.426,9	85.645,1
15	REAG INVESTIMENTOS		3,5	28.356,7				5.192,1	29.540,4	1.096,6		64.199,3
16	SINGULARE CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES	858,2	903,6	11.982,5				34.338,3	7.800,7	1.372,1		57.255,4
17	SICREDI	35.856,6	555,0	15.972,4	14,9	2.075,0						54.473,9
18	BROOKFIELD BRASIL ASSET MANAGEMENT								53.914,1			53.914,1
19	BANCO GENIAL S.A.	1.342,8	1.362,5	8.466,9			1.774,3	14.281,9	12.576,1	12.396,4		52.202,9
20	VOTORANTIM ASSET	10.779,0	666,9	8.667,4	316,8	566,9		2.424,6	14.316,3	6.584,0		44.321,8
21	LIONS TRUST								41.358,0			41.358,0
22	XP INVESTIMENTOS CCTVM	10.340,9	805,2	19.730,6		1.992,5			1.159,1	848,1		34.876,4
23	MAF DTVM	24,9	35,4	9.900,8				4.941,8	15.604,4	3.329,0		33.836,4
24	VORTX DTVM LTDA	75,4	4,6	5.763,5			308,6	3.117,4	3.345,3	19.010,7		31.625,6
25	SUL AMERICA INVESTIMENTOS DTVM	11.308,0	760,3	11.540,4	52,3	6.919,6						30.580,6
26	PLANNER TRUSTEE	560,6	9,7	5.215,7				3.086,5	11.556,8	2.565,1		22.994,5
27	WESTERN ASSET	12.456,8	1.668,4	6.636,7	85,2	503,1						21.350,8
28	DAYCOVAL	4.200,3	2.421,8	6.029,6		12,2		3.686,6	2.787,1	715,3		19.853,0
29	PARATY CAPITAL LTDA								16.479,8			16.479,8
30	SCRODER BRASIL										15.778,4	15.778,4
31	BANRISUL	12.819,7	345,3	668,3		10,7						13.844,0

Gestores – ANBIMA

anbima.com.br/pt_br/informar/ranking/fundos-de-investimento/gestores.htm

Empresas fiscalizadas · Fale Conosco · Imprensa

ANBIMA — A ANBIMA (Sobre e associados) · INFORMAR (Dados e estatísticas) · REPRESENTAR (Nossos organismos) · AUTORREGULAR (Códigos e supervisão) · EDUCAR (Certificação e cursos) · O que você procura?

Página inicial / Informar / Rankings / Fundos de Investimento /

Ranking de Gestores de Fundos de Investimento

Informações sobre a gestão de recursos de terceiros no Brasil aplicados em fundos de investimento, incluindo:

- Patrimônio líquido dos fundos, por Classe ANBIMA
- Captações líquidas dos fundos, por Classe ANBIMA
- Patrimônio líquido dos fundos, por segmento do investidor
- Patrimônio líquido dos fundos, por Estrutura de Gestão (Anexo)

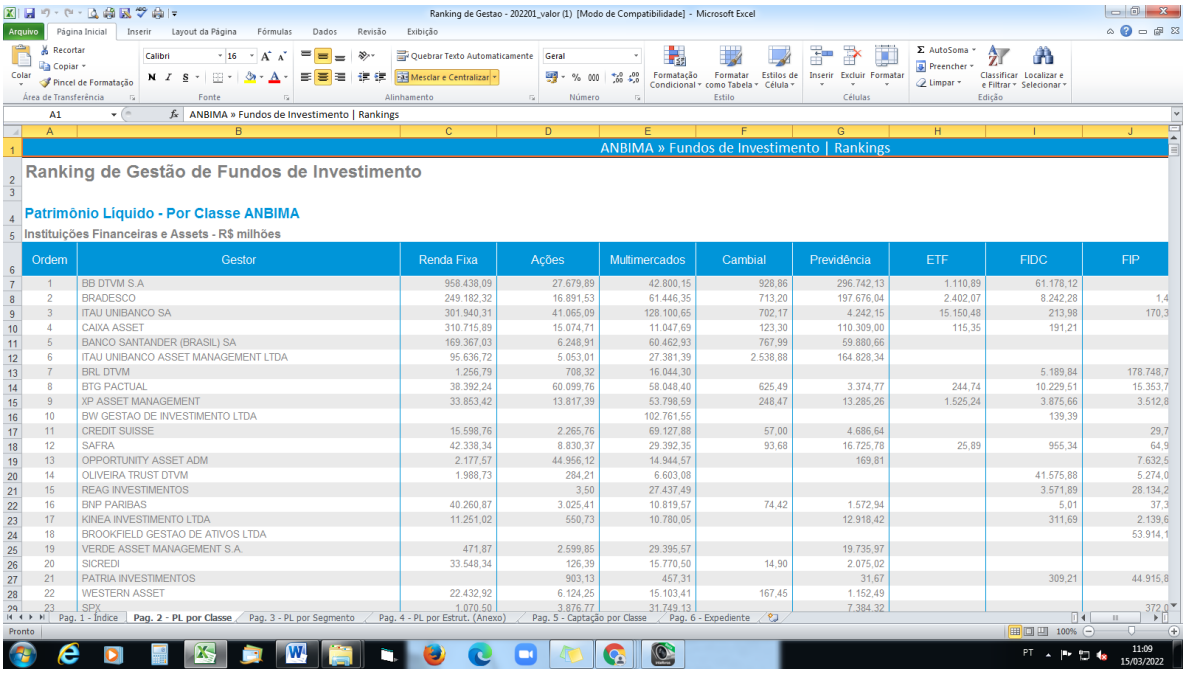
O ranking é divulgado sempre no 14º dia útil do mês.

18/02/2022 - 18h55
Ranking de Gestores de Fundos de Investimento - Janeiro/2022

BIBLIOTECA DE DOCUMENTOS

10/10/2016
Metodologia - Ranking de Gestores

INSTITUCIONAL



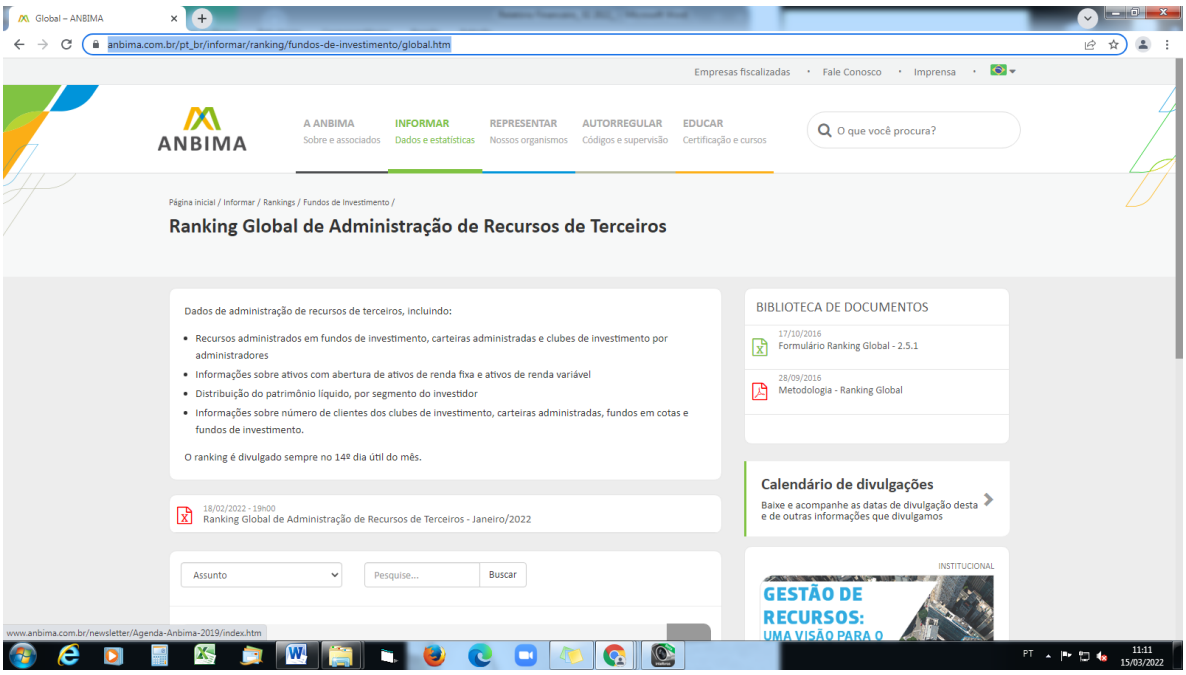
ANBIMA » Fundos de Investimento | Rankings

Ranking de Gestão de Fundos de Investimento

Patrimônio Líquido - Por Classe ANBIMA

Instituições Financeiras e Assets - R$ milhões

Ordem	Gestor	Renda Fixa	Ações	Multimercados	Cambial	Previdência	ETF	FIDC	FIP
1	BB DTVM S.A	958.438,09	27.679,89	42.800,15	928,86	296.742,13	1.110,89	61.178,12	
2	BRADESCO	249.182,32	16.891,53	61.446,35	713,20	197.676,04	2.402,07	8.242,28	1,4
3	ITAU UNIBANCO SA	301.940,31	41.065,09	128.100,65	702,17	4.242,15	15.150,48	213,98	170,3
4	CAIXA ASSET	310.715,89	15.074,71	11.047,69	123,30	110.309,00	115,35	191,21	
5	BANCO SANTANDER (BRASIL) SA	169.367,03	6.248,91	60.462,93	767,99	59.880,66			
6	ITAU UNIBANCO ASSET MANAGEMENT LTDA	95.636,72	5.053,01	27.381,39	2.538,88	164.828,34			
7	BRL DTVM	1.256,79	708,32	16.044,30				5.189,84	178.748,7
8	BTG PACTUAL	38.392,24	60.099,76	58.048,40	625,49	3.374,77	244,74	10.229,51	15.353,7
9	XP ASSET MANAGEMENT	33.853,42	13.817,39	53.798,59	248,47	13.285,26	1.525,24	3.875,66	3.512,8
10	BW GESTAO DE INVESTIMENTO LTDA			102.761,55				139,39	
11	CREDIT SUISSE	15.598,76	2.265,76	69.127,88	57,00	4.686,64			29,7
12	SAFRA	42.338,34	8.830,37	29.392,35	93,68	16.725,78	25,89	955,34	64,9
13	OPPORTUNITY ASSET ADM	2.177,57	44.956,12	14.944,57		169,81			7.632,5
14	OLIVEIRA TRUST DTVM	1.988,73	284,21	6.603,08				41.575,88	5.274,0
15	REAG INVESTIMENTOS		3,50	27.437,49				3.571,89	28.134,2
16	BNP PARIBAS	40.260,87	3.025,41	10.819,57	74,42	1.572,94		5,01	37,3
17	KINEA INVESTIMENTO LTDA	11.251,02	550,73	10.780,05		12.918,42		311,69	2.139,6
18	BROOKFIELD GESTAO DE ATIVOS LTDA								53.914,1
19	VERDE ASSET MANAGEMENT S.A.	471,87	2.599,85	29.395,57		19.735,97			
20	SICREDI	33.548,34	126,39	15.770,50	14,90	2.075,02			
21	PATRIA INVESTIMENTOS		903,13	457,31		31,67		309,21	44.915,8
22	WESTERN ASSET	22.432,92	6.124,25	15.103,41	167,45	1.152,49			
23	SPX	1.070,50	3.876,77	31.749,13		7.384,32			372,0



anbima.com.br/pt_br/informar/ranking/fundos-de-investimento/global.htm

Página inicial / Informar / Rankings / Fundos de Investimento /

Ranking Global de Administração de Recursos de Terceiros

Dados de administração de recursos de terceiros, incluindo:

- Recursos administrados em fundos de investimento, carteiras administradas e clubes de investimento por administradores
- Informações sobre ativos com abertura de ativos de renda fixa e ativos de renda variável
- Distribuição do patrimônio líquido, por segmento do investidor
- Informações sobre número de clientes dos clubes de investimento, carteiras administradas, fundos em cotas e fundos de investimento.

O ranking é divulgado sempre no 14º dia útil do mês.

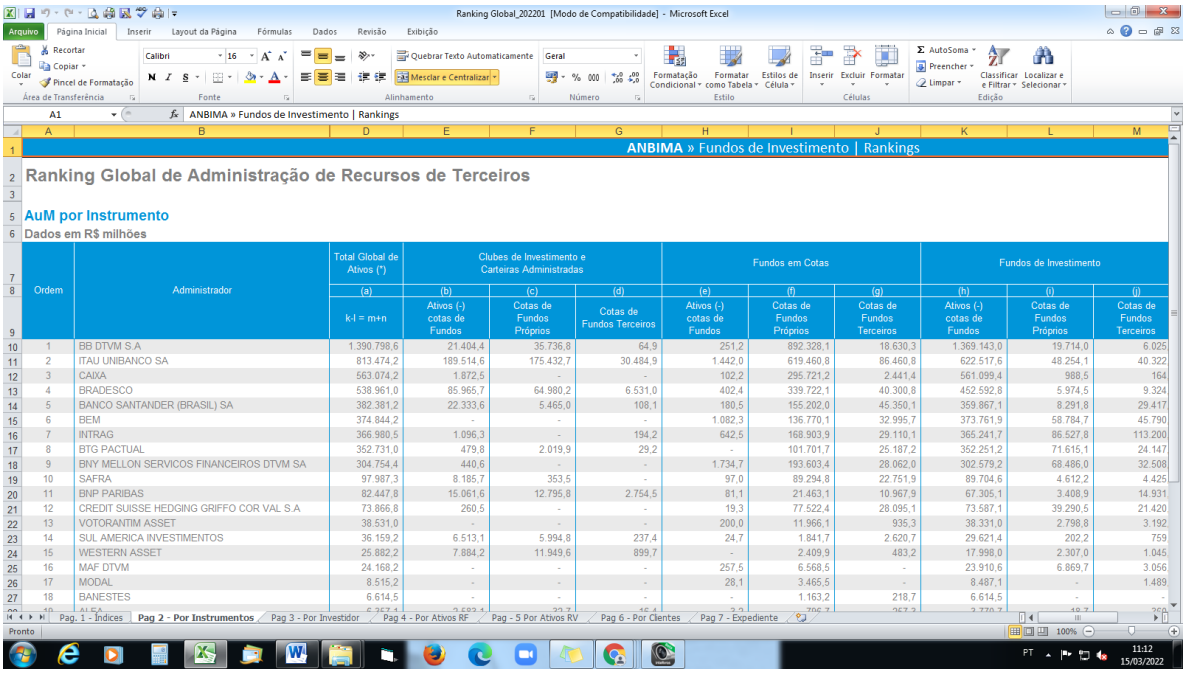
18/02/2022 - 19h00
Ranking Global de Administração de Recursos de Terceiros - Janeiro/2022

BIBLIOTECA DE DOCUMENTOS

17/10/2016
Formulário Ranking Global - 2.5.1

28/09/2016
Metodologia - Ranking Global

Calendário de divulgações
Baixe e acompanhe as datas de divulgação desta e de outras informações que divulgamos



ANBIMA » Fundos de Investimento | Rankings

Ranking Global de Administração de Recursos de Terceiros

AuM por Instrumento

Dados em R$ milhões

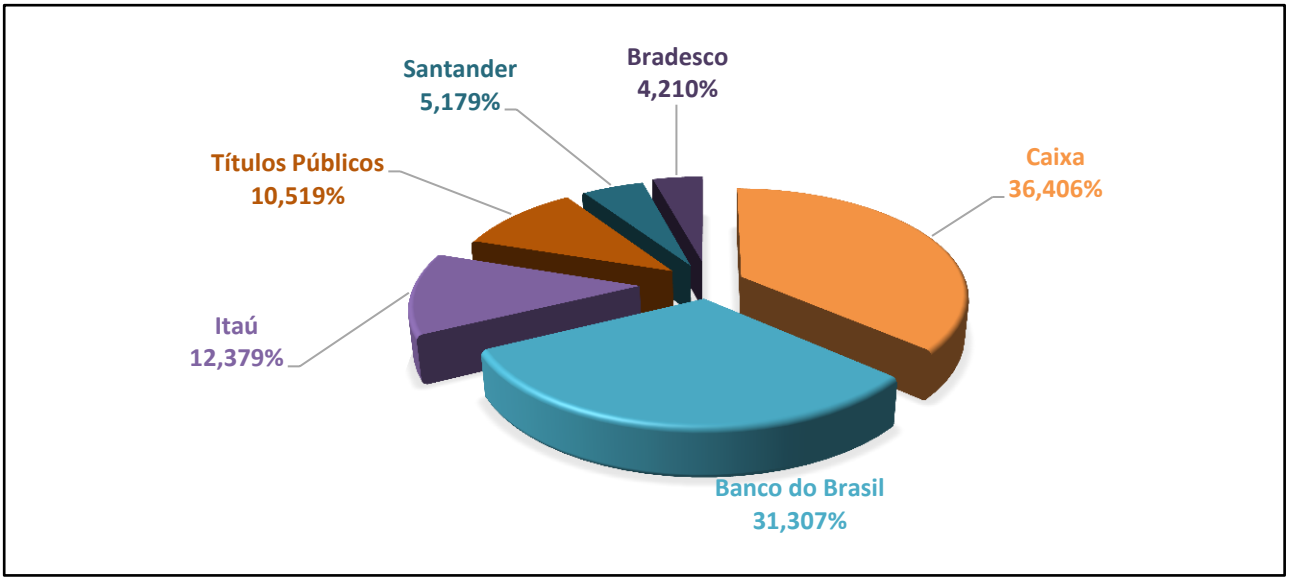
Ordem	Administrador	Total Global de Ativos (*)	Clubes de Investimento e Carteiras Administradas			Fundos em Cotas			Fundos de Investimento		
		(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(f)	(g)	(h)	(i)	(j)
		k-l = m+n	Ativos (-) cotas de Fundos	Cotas de Fundos Próprios	Cotas de Fundos Terceiros	Ativos (-) cotas de Fundos	Cotas de Fundos Próprios	Cotas de Fundos Terceiros	Ativos (-) cotas de Fundos	Cotas de Fundos Próprios	Cotas de Fundos Terceiros
1	BB DTVM S.A	1.390.798,6	21.404,4	35.736,8	64,9	251,2	892.328,1	18.630,3	1.369.143,0	19.714,0	6.025
2	ITAU UNIBANCO SA	813.474,2	189.514,6	175.432,7	30.484,9	1.442,0	619.460,8	86.460,8	622.517,6	48.254,1	40.322
3	CAIXA	563.074,2	1.872,5	-	-	102,2	295.721,2	2.441,4	561.099,4	988,5	164
4	BRADESCO	538.961,0	85.965,7	64.980,2	6.531,0	402,4	339.722,1	40.300,8	452.592,8	5.974,5	9.324
5	BANCO SANTANDER (BRASIL) SA	382.381,2	22.333,6	5.465,0	108,1	180,5	155.202,0	45.350,1	359.867,1	8.291,8	29.417
6	BEM	374.844,2	-	-	-	1.082,3	136.770,1	32.995,7	373.761,9	58.784,7	45.790
7	INTRAG	366.980,5	1.096,3	-	194,2	642,5	168.903,9	29.110,1	365.241,7	86.527,8	113.200
8	BTG PACTUAL	352.731,0	479,8	2.019,9	29,2	-	101.701,7	25.187,2	352.251,2	71.615,1	24.147
9	BNY MELLON SERVICOS FINANCEIROS DTVM SA	304.754,4	440,6	-	-	1.734,7	193.603,4	28.062,0	302.579,2	68.486,0	32.508
10	SAFRA	97.987,3	8.185,7	353,5	-	97,0	89.294,8	22.751,9	89.704,6	4.612,2	4.425
11	BNP PARIBAS	82.447,8	15.061,6	12.795,8	2.754,5	81,1	21.463,1	10.967,9	67.305,1	3.408,9	14.931
12	CREDIT SUISSE HEDGING GRIFFO COR VAL S.A	73.866,8	260,5	-	-	19,3	77.522,4	28.095,1	73.587,1	39.290,5	21.420
13	VOTORANTIM ASSET	38.531,0	-	-	-	200,0	11.966,1	935,3	38.331,0	2.798,8	3.192
14	SUL AMERICA INVESTIMENTOS	36.159,2	6.513,1	5.994,8	237,4	24,7	1.841,7	2.620,7	29.621,4	202,2	759
15	WESTERN ASSET	25.882,2	7.884,2	11.949,6	899,7	-	2.409,9	483,2	17.998,0	2.307,0	1.045
16	MAF DTVM	24.168,2	-	-	-	257,5	6.568,5	-	23.910,6	6.869,7	3.056
17	MODAL	8.515,2	-	-	-	28,1	3.465,5	-	8.487,1	-	1.489
18	BANESTES	6.614,5	-	-	-	-	1.163,2	218,7	6.614,5	-	-

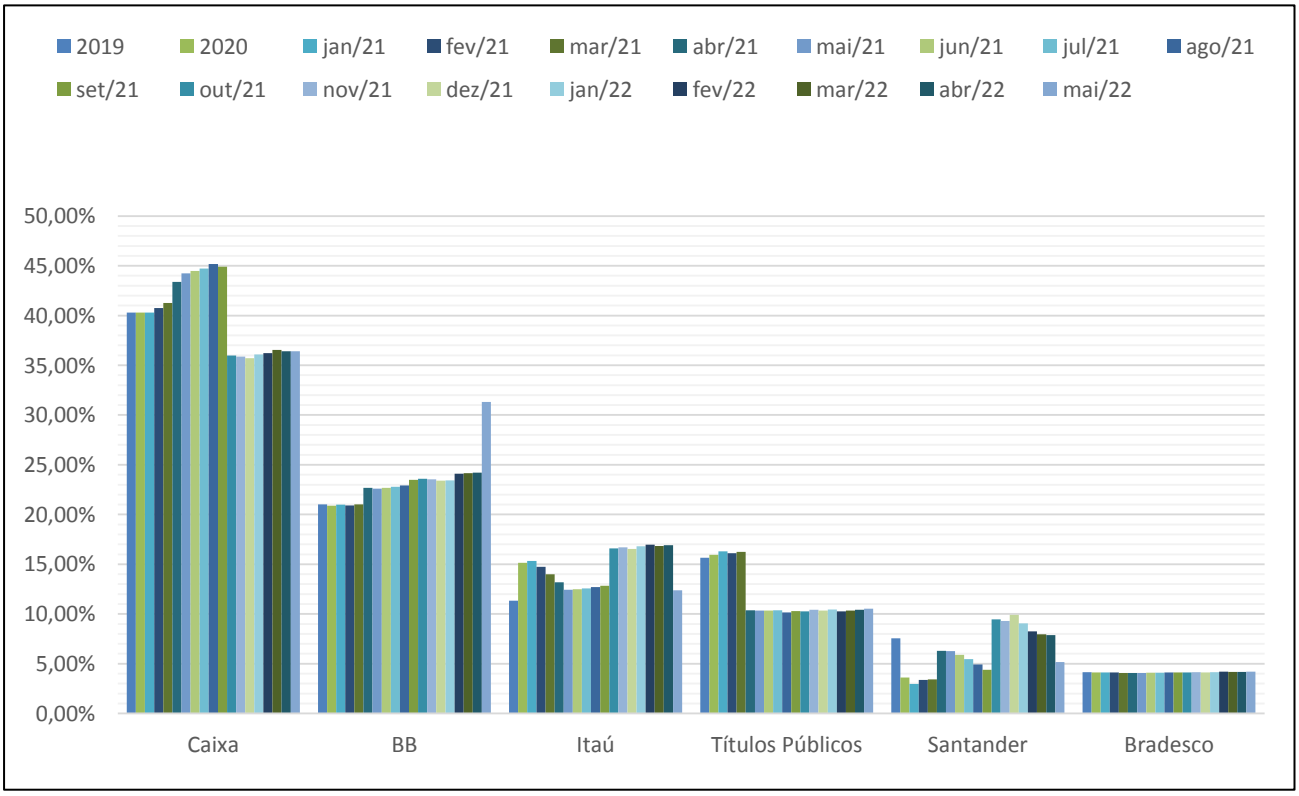
Ranking de Administração de Fundos de Investimento

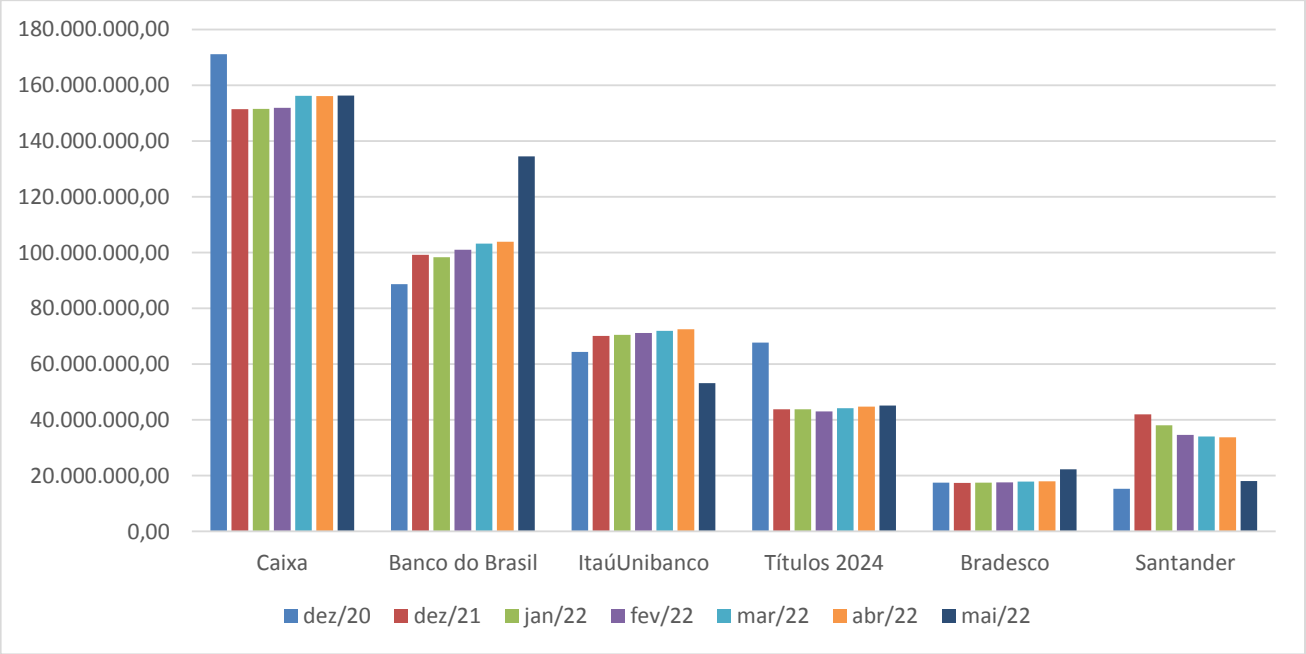
Patrimônio Líquido - Por Classe ANBIMA

Instituções Administradoras - R$ milhões

Ordem	Administrador
1	BB DTVM S.A
2	ITAU UNIBANCO SA
4	CAIXA
6	BRADESCO
9	BANCO SANTANDER (BRASIL) SA


Santander
5,179%
Bradesco
4,210%
Títulos Públicos
10,519%
Caixa
36,406%
Itaú
12,379%
Banco do Brasil
31,307%


2019
2020
jan/21
fev/21
mar/21
abr/21
mai/21
jun/21
jul/21
ago/21
set/21
out/21
nov/21
dez/21
jan/22
fev/22
mar/22
abr/22
mai/22
50,00%
45,00%
40,00%
35,00%
30,00%
25,00%
20,00%
15,00%
10,00%
5,00%
0,00%
Caixa
BB
Itaú
Títulos Públicos
Santander
Bradesco



	Fundo	CNPJ	Gestor	Patrimônio Sob Gestão	Aplicação IPMU	% Participação
1	BB Previdenciário RF TP 2022	24.117.278/0001-01	BB Gestão DTVM	1.442.210.741.507,90	7.133.826,40	0,0005%
2	BB Previdenciário RF TP 2023	15.486.093/0001-83	BB Gestão DTVM	1.442.210.741.507,90	65.456.375,26	0,0045%
3	BB Previdenciário RF TP 2024	44.345.590/0001-60	BB Gestão DTVM	1.442.210.741.507,90	47.793.632,66	0,0033%
4	BB Retorno Total FIC Ações	09.005.805/0001-00	BB Gestão DTVM	1.442.210.741.507,90	7.777.620,75	0,0005%
5	BB Ações ESG Globais	22.632.237/0001-28	BB Gestão DTVM	1.442.210.741.507,90	6.276.867,55	0,0004%
					134.438.322,62	0,0093%
6	Bradesco FIC FI Alocação Dinâmica	28.515.874/0001-09	Bradesco	550.350.664.303,33	18.065.953,76	0,0033%
7	Caixa Brasil Títulos Públicos 2023	44.683.378/0001-02	Caixa DTVM	34.754.209.781,09	74.127.701,81	0,2133%
8	Caixa Brasil Títulos Públicos 2024	20.139.595/0001-78	Caixa DTVM	34.754.209.781,09	27.560.371,13	0,0793%
9	Caixa Brasil RF Ativo	35.536.532/0001-22	Caixa DTVM	34.754.209.781,09	24.755.899,83	0,0712%
10	Caixa FI Ações Small Caps	15.154.220/0001-47	Caixa DTVM	34.754.209.781,09	14.677.630,20	0,0422%
11	Caixa FIC FIM Multigestor Global Equities IE	39.528.038/0001-77	Caixa DTVM	34.754.209.781,09	2.139.575,50	0,0062%
12	Caixa Ações BDR Nível I	17.502.937/0001-68	Caixa DTVM	34.754.209.781,09	9.715.528,14	0,0280%
13	Caixa Capital Protegido Bolsa de Valores	44.683.343/0001-73	Caixa DTVM	34.754.209.781,09	3.346.921,77	0,0096%
					156.323.628,38	0,4498%
14	Itaú Institucional Renda Fixa Referenciado DI	00.832.435/0001-00	Itaú Unibanco	574.744.239.903,09	53.161.386,58	0,0092%
15	Santander RF Ref. DI Institucional Premium (150)	02.224.354/0001-45	Santander Asset	305.005.198.080,98	10.499.344,85	0,0034%
16	Santander Ativo Renda Fixa (350)	26.507.132/0001-06	Santander Asset	305.005.198.080,98	2.707.643,24	0,0009%
17	Santander Global Equiteis Dólar Master	17.804.792/0001-50	Santander Asset	305.005.198.080,98	9.018.198,13	0,0030%
					22.225.186,22	0,0073%
18	Carteira de Títulos Públicos 2024				45.149.087,61	

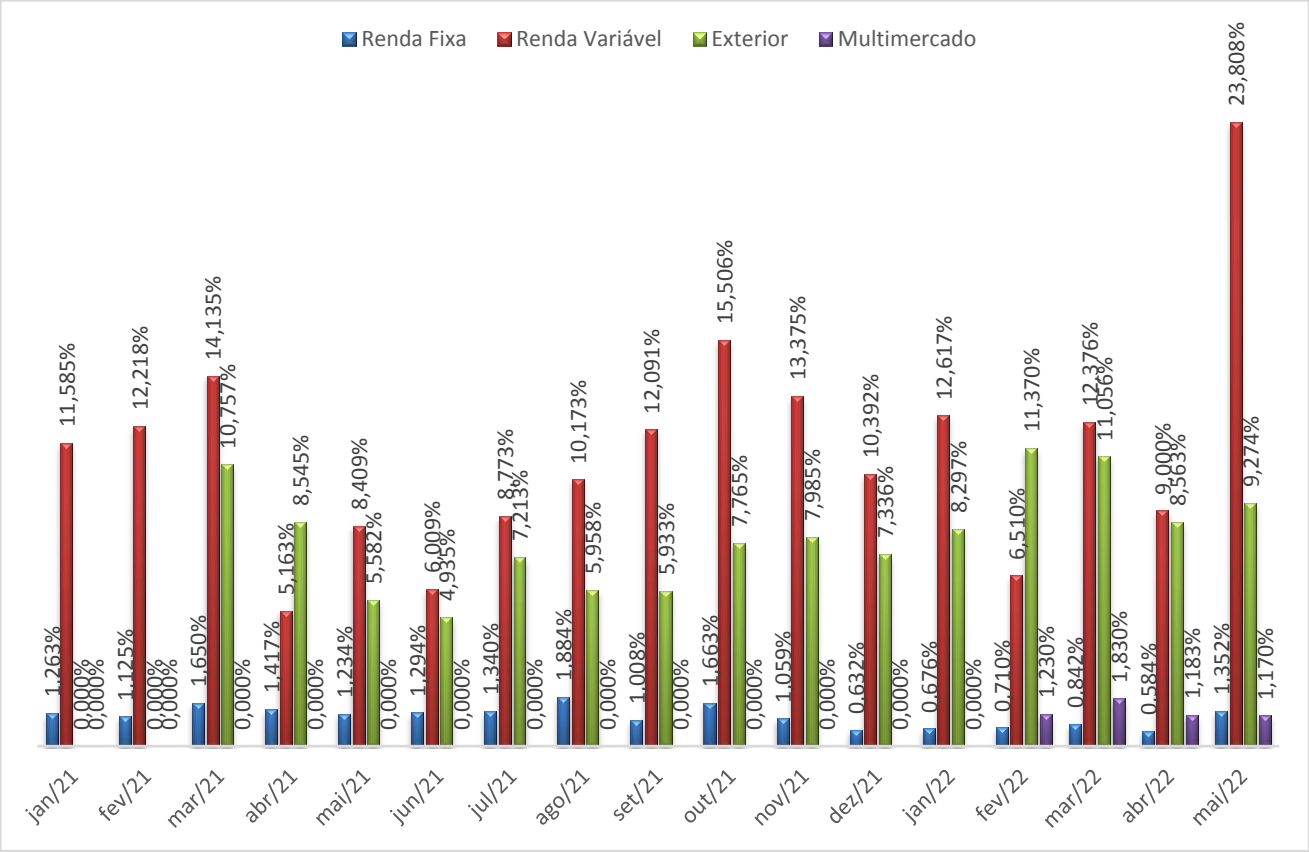
16- VALUE AT RISK (VAR)

O VaR, ou Value at Risk, é um indicador de risco que estima a perda potencial máxima de um investimento para um período de tempo, com um determinado intervalo de confiança. Através de um cálculo estatístico, o VaR mostra a exposição ao risco financeiro que um ou mais ativos possuem em determinado dia, semana ou mês.

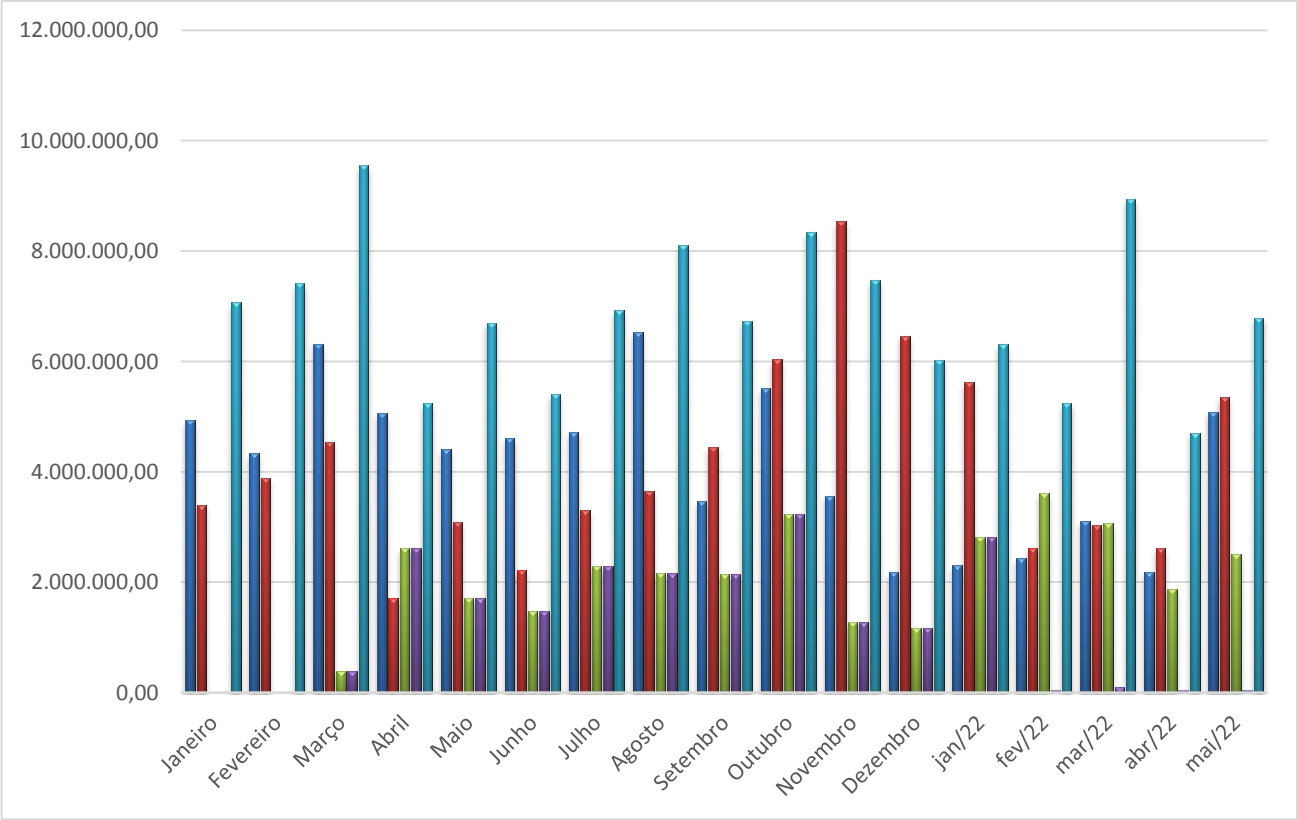
Sintetiza a maior perda esperada para a Carteira no intervalo de um dia. Seu cálculo baseia-se na média e no desvio padrão dos retornos diários da Carteira, e supõe que estes seguem uma distribuição normal.

O VaR da carteira de investimentos no segmento de renda fixa e no segmento de renda variável estão em conformidade com as estratégias de risco traçadas na Política de Investimentos – PAI 2021.

O VaR apresentado pela carteira de investimentos do IPMU (quando a análise recai em nos fundos de investimentos de maneira individual) é reflexo das oscilações do mercado, mantando-se a volatilidade e suas incertezas. Observamos os reflexos da oscilação do mercado, com alguns retornos negativos, tantos nos fundos de renda fixa quando nos fundos de renda variável. Apesar disso, há um leve otimismo quanto a retomada, podendo proporcionar maior rentabilidade para os investimentos do IPMU.



2,500%
2,000%
1,500%
1,000%
0,500%
0,000%
1,685%
1,778%
2,284%
1,244%
1,581%
1,278%
1,642%
1,935%
1,613%
2,025%
1,795%
1,419%
1,504%
1,250%
2,093%
1,113%
1,582%
jan/21
fev/21
mar/21
abr/21
mai/21
jun/21
jul/21
ago/21
set/21
out/21
nov/21
dez/21
jan/22
fev/22
mar/22
abr/22
mai/22
Var Consolidado


12.000.000,00
10.000.000,00
8.000.000,00
6.000.000,00
4.000.000,00
2.000.000,00
0,00
Janeiro
Fevereiro
Março
Abril
Maio
Junho
Julho
Agosto
Setembro
Outubro
Novembro
Dezembro
jan/22
fev/22
mar/22
abr/22
mai/22

17- ÍNDICE DE SHARP

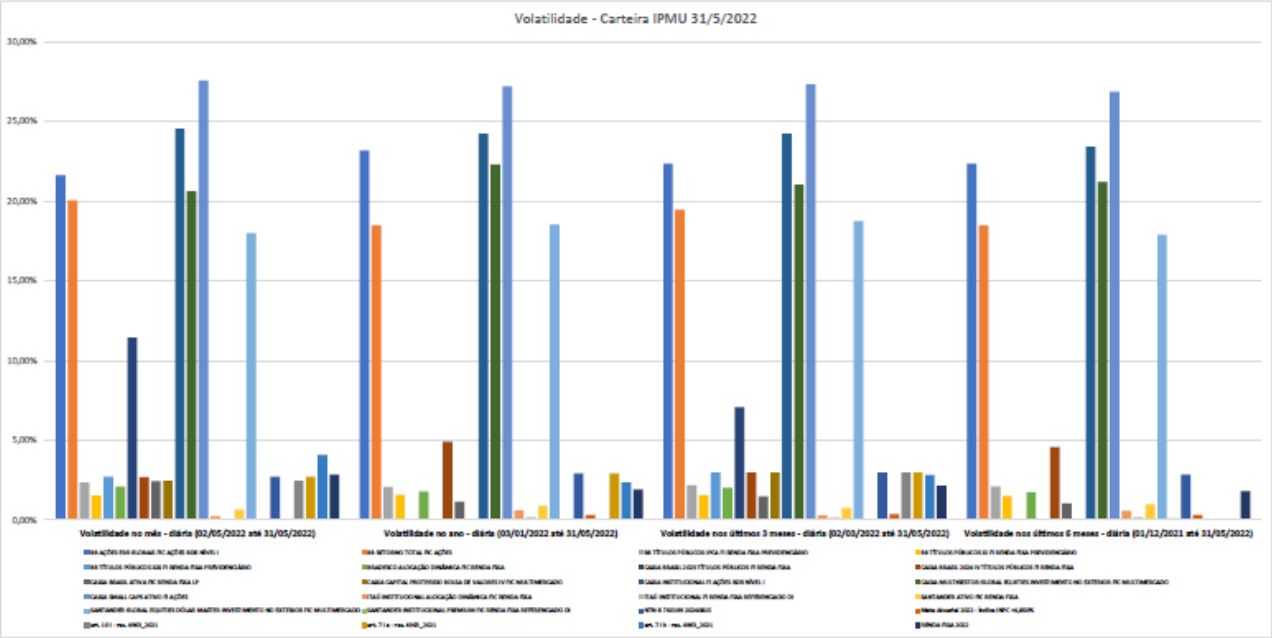
O Índice de Sharpe é um indicador que leva em consideração a relação entre duas variáveis de grande importância nos investimentos: Risco e Retorno. Esse índice mostra a eficiência do gestor de um fundo de investimento, por exemplo, ao apresentar o quanto de risco a mais ele precisa se expor para obter mais rendimento. Ao ser necessário assumir mais risco para alcançar um mesmo rendimento de um investimento menos arriscado, admite-se que a eficiência nesse caso está comprometida.

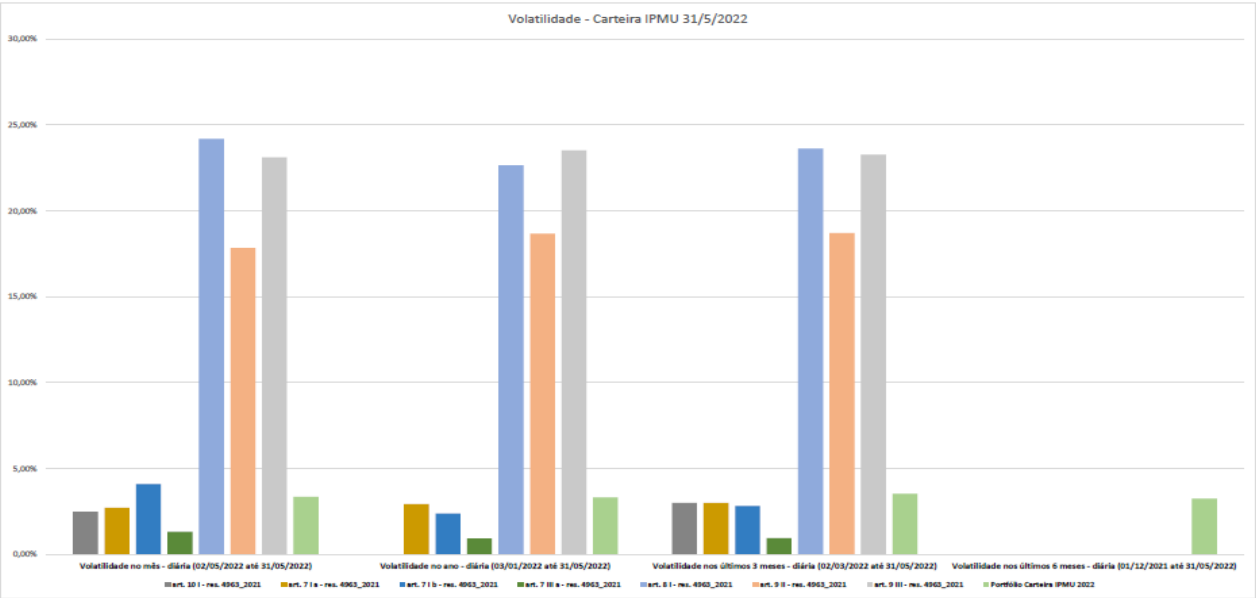
SHARPE - Selic - Carteira IPMU 31/5/2022

Ativo	Sharpe - Selic no mês - diária (02/05/2022 até 31/05/2022)	Sharpe - Selic no ano - diária (03/01/2022 até 31/05/2022)	Saldo
Rótulos de Linha	Soma de Sharpe - Selic n	Soma de Sharpe - Selic n	Soma de Saldo
Ações			22.455.250,95
Fundos de Investimento em Ações - Art. 8º, I			22.455.250,95
BB RETORNO TOTAL FIC AÇÕES	1,1566	-0,6509	7.777.620,75
CAIXA SMALL CAPS ATIVO FI AÇÕES	-1,0990	-0,5955	14.677.630,20
Multimercado			3.346.921,77
Fundos de Investimento Multimercado (FIM) - Art. 10, I			3.346.921,77
CAIXA CAPITAL PROTEGIDO BOLSA DE VALORES IV FIC MULTIMERCADO	-2,6966	0,0000	3.346.921,77
Renda Fixa			331.262.135,52
Fundos de Investimento - 100% Títulos Públicos SELIC - Art. 7º, I, b			222.071.907,26
BB TÍTULOS PÚBLICOS IPCA FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	-2,5167	2,7234	65.456.375,26
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	-2,8478	3,6961	7.133.826,40
BB TÍTULOS PÚBLICOS XXI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	-0,5936	0,0000	47.793.632,66
CAIXA BRASIL 2023 TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA	-0,0447	0,0000	74.127.701,81
CAIXA BRASIL 2024 IV TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA	-0,5895	-0,4828	27.560.371,13
Fundos de Investimento em Renda Fixa - Geral - Art. 7º, III, a			109.190.228,26
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA	-1,0595	-0,7799	18.065.953,76
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP	1,1067	1,0486	24.755.899,83
ITAÚ INSTITUCIONAL ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA	-2,0285	0,4394	-
ITAÚ INSTITUCIONAL FI RENDA FIXA REFERENCIADO DI	18,1780	5,9242	53.161.386,58
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA	-3,7000	-2,0415	2.707.643,24
SANTANDER INSTITUCIONAL PREMIUM FIC RENDA FIXA REFERENCIADO DI	26,7576	6,3146	10.499.344,85
Exterior			27.150.169,32
Fundos de Investimento - Investimento no Exterior - Art. 9º, II			11.157.773,63
CAIXA MULTIGESTOR GLOBAL EQUITIES INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO	-4,7435	-4,9018	2.139.575,50
SANTANDER GLOBAL EQUITIES DÓLAR MASTER INVESTIMENTO NO EXTERIOR FIC MULTIMERCADO	-3,7144	-5,0744	9.018.198,13
Fundos de Investimento em Ações - BDR Nível I - Art. 9º, III		-7,3854	15.992.395,69
BB AÇÕES ESG GLOBAIS FIC AÇÕES BDR NÍVEL I	-2,4683	-3,7072	6.276.867,55
CAIXA INSTITUCIONAL FI AÇÕES BDR NÍVEL I	-2,4767	-3,6783	9.715.528,14

18- VOLATILIDADE

A volatilidade é uma medida estática que mede o risco de um ativo, de acordo com a intensidade frequência de sua oscilação de preço em um determinado período. Por meio dela, é possível entender o histórico de um ativo, qual a probabilidade de ele subir ou cair, de acordo com o período preestabelecido, e qual será a estimativa de oscilação do seu preço no futuro. Se o preço de um ativo for muito volátil, por exemplo, é sinal de que sua cotação, em relação às flutuações do mercado, oscila muito, tornando sua compra arriscada, mas, por outro lado, proporciona maior possibilidade de lucro no curtíssimo prazo.





19- RELATÓRIO DE VERIFICAÇAÕ DE REGULARIDADE

A verificação da regularidade dar-se-á por após consulta ao sítio do Banco Central do Brasil - BACEN, Relação das Instituições Financeiras em Funcionamento Regular no País, Banco Comercial, Múltiplos e Caixa Econômica. https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/relacao_instituicoes_funcionamento

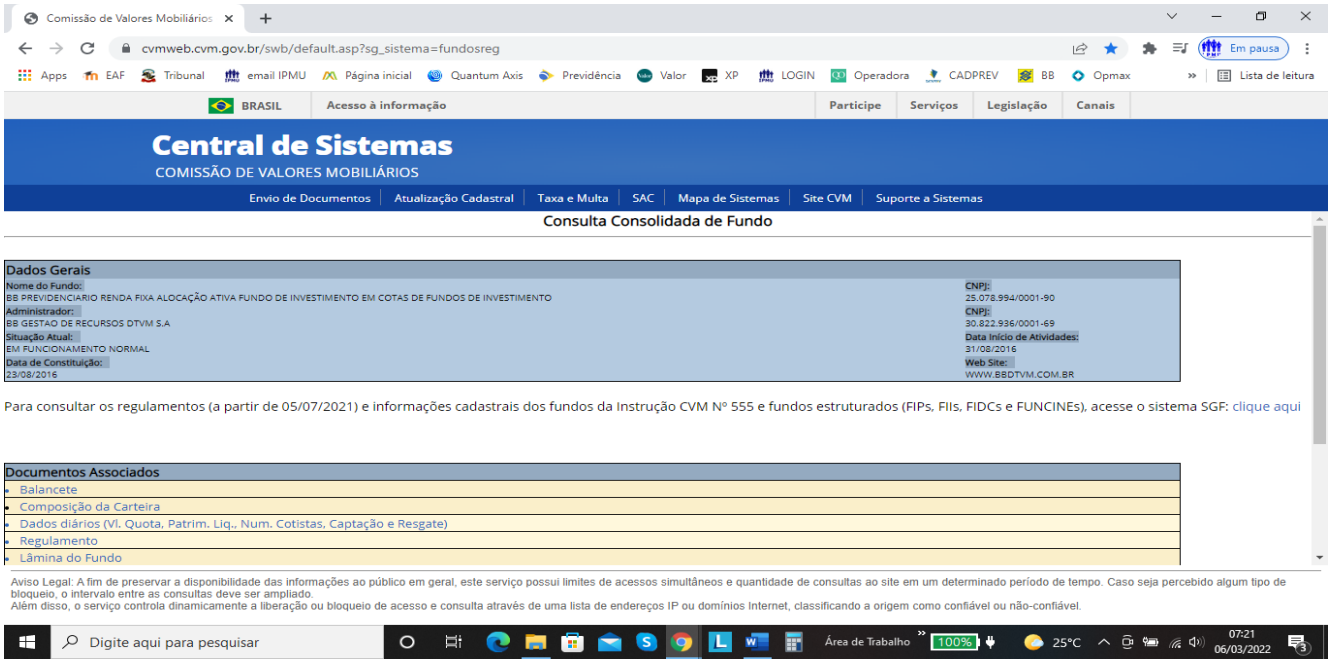
As instituições financeiras investidas, relacionadas encontram-se registradas e em funcionamento regular, conforme dados do Banco Central do Brasil:

- BANCO DO BRASIL S.A. (CNPJ 00.000.000/0001-91)
- BB GESTÃO DE RECURSOS DTVM S.A (CNPJ 30.822.936/0001-69)
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL (CNPJ 00.360.305/0001-04)
- BANCO SANTANDER S.A. (CNPJ 90.400.888/0001-42)
- BANCO BRADESCO S.A (CNPJ 60.746.948/0001-12)
- ITAÚ UNIBANCO S.A (CNJPJ 60.701.190/0001-04)

20- RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE LASTRO

Consulta ao sítio da CVM – Comissão de Valores Mobiliários: composição das carteiras, comparando-se com os respectivos regulamentos e lâminas registradas. No mês em análise, os lastros referentes aos fundos investidos abaixo, estão de acordo com a composição das carteiras aprovadas em seus regulamentos.

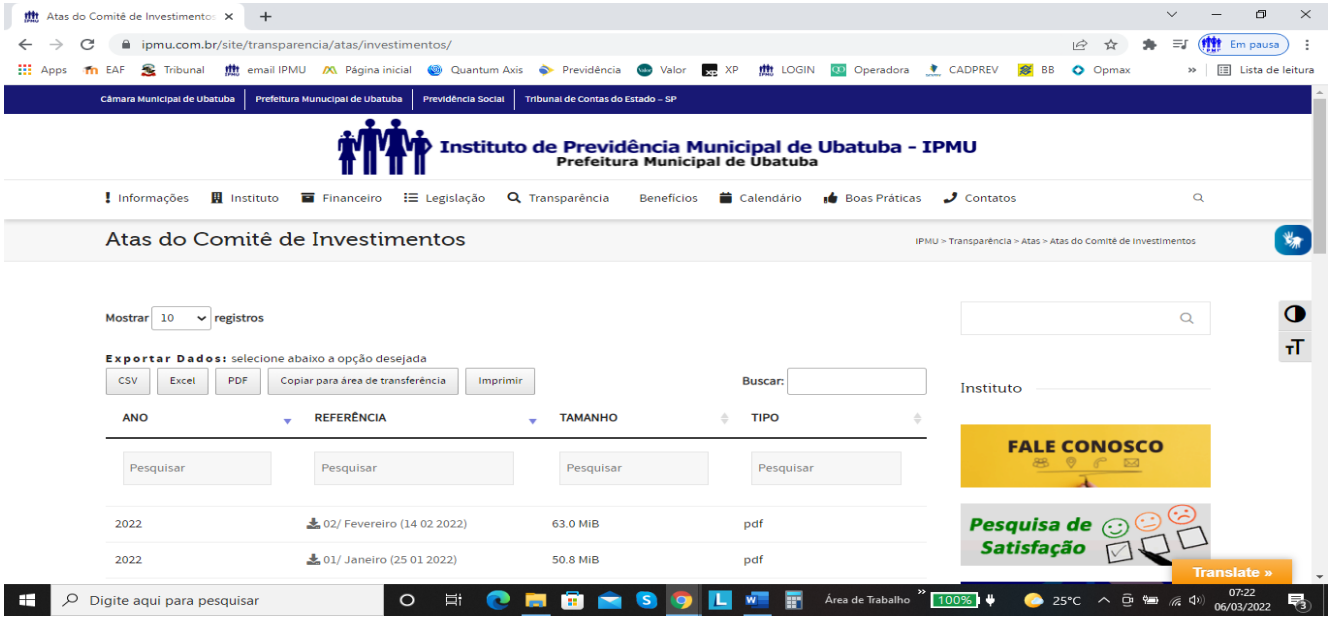
http://conteudo.cvm.gov.br/menu/regulados/fundos/consultas/fundos.html
https://cvmweb.cvm.gov.br/swb/default.asp?sg_sistema=fundosreg

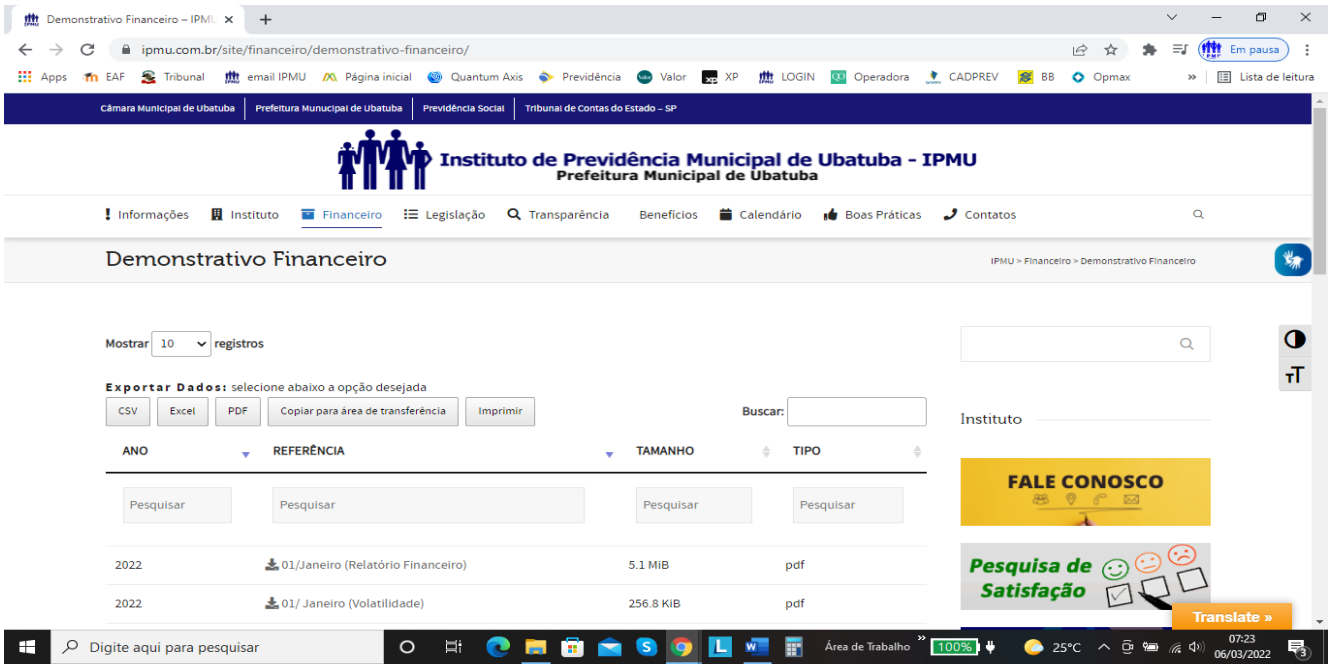


21- DELIBERAÇÃO DO COMITÊ DE INVESTIMENTOS

O Comitê de Investimentos do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba - IPMU se reúne ordinariamente uma vez ao mês e extraordinariamente sempre que se faz necessário para tomada de deliberações que sejam urgentes e prementes, com todo cuidado para não negligenciar sua atuação. Dessa forma, as principais deliberações estão descritas nas Atas e Relatórios Gerenciais dispostas no Portal do IPMU: www.ipmu.com.br.

https://ipmu.com.br/site/transparencia/atas/investimentos/
https://ipmu.com.br/site/financeiro/demonstrativo-financeiro/

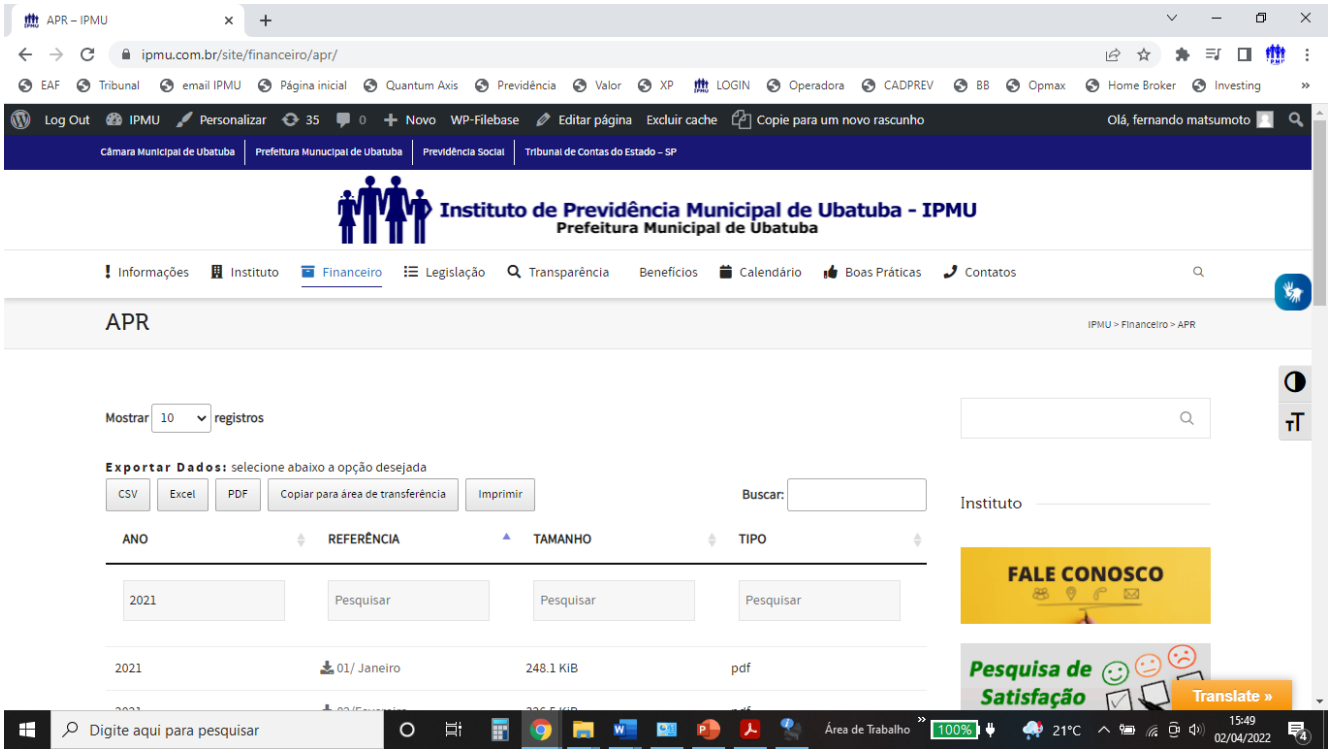




22- RESGATE E APLICAÇÃO

As "Aplicações" e os "Resgates" durante o mês de **maio/2022** foram realizadas em função das deliberações colegiadas tomadas pela governança a fim de proporcionar os ajustes necessários ao momento que atravessamos, bem como para efetuar os pagamentos dos segurados: aposentados, pensionistas, pessoal ativo do instituto e demais obrigações da gestão previdenciária.
As movimentações são detalhadas, por data, fundo e tipo de movimentação, por meio do Formulário legal denominado de: "Autorizações de Aplicação e Resgate – APR" dispostas no Portal do IPMU.
As APRs estão também registradas no Sistema de Informações dos Regimes Públicos de Previdência Social do Ministério da Economia – ME / SPREV, onde estão disponibilizados os Demonstrativos de Aplicações e Investimentos dos Recursos – DAIR-CADPREV.

https://ipmu.com.br/site/financeiro/apr/



23- MONITORAMENTO DE NOTÍCIAS

Com o objetivo de monitoramento de riscos e notícias, é realizado o acompanhamento periodicamente na internet de informações que venham impactar ou que possam trazer algum prejuízo para os investimentos realizados pelo IPMU.

https://mail.uol.com.br/?xc=763fe0f8c7d740e0cbfc29aac5f1ff3b#/webmail/0//INBOX/page:1/MzUzNTk
https://www.moneytimes.com.br/selic-a-1275-por-que-vender-ibovespa-agora-pode-ser-um-erro-segundo-gestora/
https://www.moneytimes.com.br/selic-a-1275-por-que-vender-ibovespa-agora-pode-ser-um-erro-segundo-gestora/
https://www.moneytimes.com.br/tesouro-direto-hoje-rentabilidade-do-tesouro-ipca-caminha-para-6-ao-ano-09-05-2022/
https://www.moneytimes.com.br/tesouro-direto-hoje-rentabilidade-do-tesouro-ipca-caminha-para-6-ao-ano-09-05-2022/
https://www.moneytimes.com.br/credit-suisse-ve-ipca-acima-do-teto-da-meta-tambem-em-2023-eleva-estimativa-para-2022-a-98/
https://www.moneytimes.com.br/ciclo-de-aperto-monetario-deve-avancar-significativamente-diz-copom/
https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/05/12/alta-de-precos-se-espalha-e-ja-atinge-76-dos-itens-do-indice-de-inflacao.htm
https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/05/12/alta-de-precos-se-espalha-e-ja-atinge-76-dos-itens-do-indice-de-inflacao.htm
https://www.moneytimes.com.br/tesouro-direto-hoje-taxas-do-tesouro-ipca-superam-58-ao-ano-saiba-o-que-sobe-ou-cai-12-05-2022/
https://www.infomoney.com.br/mercados/bolsas-mundiais-apagam-parte-das-perdas-da-semana-fala-de-powell-e-mais-assuntos-do-mercado-hoje
https://www.infomoney.com.br/economia/quando-a-inflacao-vai-ceder-para-economistas-fatores-que-pressionam-precos-persistirao-nos-proximos-meses/
https://br.investing.com/news/economy/dolar-fecha-em-leve-queda-com-menor-folego-da-moeda-no-exterior-1000687
https://www.moneytimes.com.br/emergentes-sao-obrigados-a-ficar-mais-hawkish-e-titulos-sofrem/
https://www.infomoney.com.br/mercados/indices-futuros-eua-caem-dados-da-china-decepcionam-mais-assuntos-mercado-hoje/
https://br.investing.com/news/economy/investidores-esperam-inflacao-dolar-e-pib-maiores-em-2022-mostra-pesquisa-da-xp-1000501
https://www.moneytimes.com.br/nova-york-pode-impor-mascaras-novamente-com-nivel-alto-de-covid/
https://www.infomoney.com.br/economia/quando-a-inflacao-vai-ceder-para-economistas-fatores-que-pressionam-precos-persistirao-nos-proximos-meses/
https://www.moneytimes.com.br/tesouro-direto-hoje-taxas-do-tesouro-ipca-superam-58-ao-ano-saiba-o-que-sobe-ou-cai-12-05-2022/
https://www.infomoney.com.br/onde-investir/tesouro-direto-juro-de-titulo-prefixado-2025-bate-recorde-e-chega-a-1275/
https://www.infomoney.com.br/mercados/presidente-do-fed-fala-em-amplo-apoio-por-nova-alta-de-50-pontos-base-nos-eua/
https://www.moneytimes.com.br/risco-e-que-a-inflacao-global-continue-em-alta-diz-luiz-awazu-dire/
https://br.investing.com/news/economy/autoridades-do-bce-pressionam-por-normalizacao-rapida-da-politica-monetaria-1001280 1/
https://br.investing.com/news/stock-market-news/bolsas-de-ny-fecham-em-baixa-em-sessao-volatil-com-foco-em-temor-por-recessao-1002004
https://www.infomoney.com.br/mercados/bolsas-mundiais-estaveis-apos-alta-da-vespera-repercussao-da-fala-de-powell-assuntos-mercado-hoje
https://br.investing.com/news/stock-market-news/descolado-do-exterior-ibovespa-sobe-071-a-107-mil-pontos-com-siderurgia-1002003
https://br.investing.com/news/stock-market-news/dolar-cai-132-em-dia-marcado-por-perdas-globais-da-moeda-1002001
https://www.infomoney.com.br/economia/economia-ucraniana-devera-ter-contracao-entre-30-e-50-em-2022-diz-onu/
https://br.investing.com/news/economic-indicators/inflacao-no-reino-unido-dispara-a-90-e-atinge-maxima-de-40-anos-em-abril-1001268
https://www.infomoney.com.br/mercados/bce-indica-que-pode-subir-juros-algum-tempo-apos-fim-das-compras-de-ativos/
https://br.investing.com/news/economy/china-corta-a-taxa-de-emprestimo-mais-do-que-o-esperado-para-reanimar-o-setor-habitacional-1002087
https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/05/20/covid-19-quarta-onda-pandemia-taxa-de-transmissao-internacao-testes-cas...
https://www.infomoney.com.br/mercados/governo-eleva-a-790-projecao-para-a-inflacao-em-2022-e-mantem-estimativa-de-alta-de-15-do-pib/
https://www.etfstream.com/features/will-emerging-markets-roar-back-after-their-lost-decade/
https://cvmweb.cvm.gov.br/swb/default.asp?sg_sistema=fundosreg
https://www.infomoney.com.br/mercados/bolsas-mundiais-sobem-em-ultimo-dia-de-semana-volatil-corte-de-gastos-nos-ministerios-e-mais-assuntos-do-mercado-hoje/
https://www.infomoney.com.br/mercados/roberto-indech-dolar-juros-bolsa-vp-clear-corretora/
https://www.infomoney.com.br/economia/dirigente-do-fed-acredita-que-altas-de-juros-nao-vao-provocar-recessao-nos-eua/
https://br.investing.com/news/forex-news/dolar-sai-de-maximas-ante-real-com-fraqueza-da-moeda-no-exterior-inflacao-domestica-fica-no-radar-1...
https://www.infomoney.com.br/economia/ipca-15-de-maio-acima-do-esperado-indica-inflacao-persistente-e-exigira-maior-cautela-do-bc-dizem-analistas/
https://www.infomoney.com.br/mercados/nova-troca-de-ceo-petrobras-petr3petr4-aumenta-percepcao-de-risco-interferencia-acoes-desabam/
https://br.investing.com/news/stock-market-news/acoes-da-china-avancam-com-promessas-de-suporte-mas-preocupacoes-com-crescimento-per

https://br.investing.com/news/stock-market-news/apesar-da-pressao-sobre-petrobras-ibovespa-vira-e-sobe-021-1003282
https://br.investing.com/news/stock-market-news/bolsas-da-sia-fecham-em-alta-com-sinalizacao-de-estimulos-na-china-1003363
https://www.infomoney.com.br/onde-investir/com-ipca-15-acima-do-previsto-insistir-em-encerrar-alta-da-selic-em-junho-e-risco-para-bc-diz-gestor-da-neo/
https://br.investing.com/news/forex-news/dolar-emenda-3o-pregao-seguido-de-queda-e-acumula-baixa-de-279-na-semana-1004474
https://www.anbima.com.br/informacoes/ima/ima-geral.asp
https://br.investing.com/indices/bm-fbovespa-unsponsored-bdrx-historical-data
https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/consulta-idka.htm
https://www.sulamericainvestimentos.com.br/hoje-na-economia-31-05-2022/
https://br.investing.com/indices/bovespa-historical-data
https://br.investing.com/indices/small-cap-index-historical-data
https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/relatorios/renda-fixa-tesouraria/boletim-renda-fixa/juros-americanos-e-resiliencia-inflacionaria-limitam-r
https://lemaef.com.br/blog.php?artigo=PanoramaEconômico-Abr/22&post=1672
https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/relatorios/fundos-de-investimento/boletim-de-fundos-de-investimentos/renda-fixa-supera-a-captacao-liq
https://br.investing.com/indices/us-spx-500-historical-data
https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/taxas-de-titulos-publicos.htm
https://br.investing.com/news/forex-news/dolar-encerra-maio-em-queda-de-385-de-olho-em-china-e-fed-1005290
https://br.investing.com/news/forex-news/dolar-tem-maior-queda-para-maio-em-13-anos-mas-horizonte-e-turvo-com-exterior-e-eleicoes-1005265
https://br.investing.com/news/economic-indicators/industria-da-china-contrai-a-ritmo-mais-lento-em-maio-com-alivio-de-restricoes-mostra-pmi-do-
https://br.investing.com/news/economic-indicators/industria-da-zona-do-euro-registra-dificuldades-em-maio-com-mudanca-da-demanda-por-lazer
https://br.investing.com/news/economy/china-corta-a-taxa-de-emprestimo-mais-do-que-o-esperado-para-reanimar-o-setor-habitacional-1002087

24- CONCLUSÃO

Este **Relatório Financeiro** tem como objetivo apresentar a evolução patrimonial e os principais aspectos dos investimentos dos recursos financeiros do IPMU (rentabilidade e risco das diversas modalidades de operações realizadas na aplicação dos recursos), em consonância com a legislação em vigor e a transparência da gestão.

O IPMU busca rentabilidade ainda que moderada, sem expor o patrimônio a maiores riscos. Consequentemente, os recursos estão alocados em fundos de investimentos de renda fixa e renda variável de grau de risco "muito baixo/baixo/médio". Carteira de investimentos com perfil "Moderado" com "Tendência Conservadora" busca manter a maior parte dos investimentos em fundos que tendem a ter retornos positivos, direcionando um percentual para aplicação em fundos com mais riscos que tendem a ter maiores retornos, na busca de cumprir a Meta Atuarial (equilíbrio atuarial e financeiro) para assegurar o pagamento dos benefícios de aposentadoria e pensão.

A **Carteira de Investimentos** do IPMU, que reflete as decisões de investimentos e alocações deliberadas pelo Comitê de Investimentos, aprovada pelo Conselho de Administração e ratificada pelos membros do Conselho Fiscal.

O IPMU mantém seus investimentos de acordo com a Política de Investimentos-2022, com aplicações de acordo com a Resolução 4963/2021 e seus enquadramentos em fundos de investimentos de renda fixa, renda variável e investimento no exterior, com Perfil Moderado/Conservador, optando por mais

segurança, com baixo risco de crédito, com maior objetivo de vencer a crise do coronavírus, mantendo os recursos do IPMU com maior segurança.

As **alocações dos recursos do RPPS** encontram-se em sintonia com as melhores práticas de gestão financeira do mercado para este segmento, considerando que a performance geral da autarquia acompanhou o desempenho do mercado financeiro.

Os **riscos da carteira de investimentos** do **IPMU** permanecem elevados na medida em que segue o cenário de fortes oscilações das cotações das ações e dos preços dos ativos de emissores públicos e privados. No tocante ao risco de crédito na medida em que há uma concentração dos recursos investidos em fundos com carteiras formadas exclusivamente por títulos públicos federais, podemos afirmar que este fator de risco foi bem gerenciado.

Mercado Financeiro. Apesar da volatilidade em maio, os mercados de ações globais terminaram o mês neutros enquanto o real novamente se valorizou frente ao dólar. O mês pode ser dividido em duas partes distintas. Na primeira parte do mês, o pessimismo em relação ao crescimento global e uma possível recessão nos Estados Unidos continuou afetando negativamente os preços. Nesta temporada de balanços, algumas empresas divulgavam revisões baixistas para a projeção de crescimento de lucro e receita, principalmente no setor de consumo dos Estados Unidos. Porém o desempenho ruim foi quase completamente revertido na segunda parte de maio.

A recuperação dos ativos foi impulsionada: (1) pela divulgação dos dados de crescimento e confiança confirmando a resiliência da atividade, e (2) pelo discurso mais conciliador por parte das autoridades monetárias. Este movimento reforça a necessidade de uma visão de longo prazo para o investimento em ações.

Estratégia de Investimentos:

Em **renda fixa**, reforço no posicionamento de exposição positiva em ativos indexados à inflação e curto prazo, buscando capturar as oportunidades de prêmio na curva de juros. Para **Renda Variável**, continuar acompanhando o mercado, sem movimentação, considerando a volatilidade nos últimos meses, em consequência, desvalorização dos fundos. Em **Investimento no exterior**, manutenção da exposição em Fundo Ações BDR Nível I sem novos aportes, diante da grande volatilidade desde o início de 2022.

Ubatuba, 24 de junho de 2022

Sirleide da Silva
Presidente do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba

Fernando Augusto Matsumoto
Diretor Financeiro do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba